



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE
PROFESSORES
- MESTRADO PROFISSIONAL -**

FERDIRAMAR FARIAS FREITAS

**O ENSINO DA PRODUÇÃO DISCURSIVA DA PROPAGANDA
POLÍTICA**

CAMPINA GRANDE – PB

2020

FERDIRAMAR FARIAS FREITAS

**O ENSINO DA PRODUÇÃO DISCURSIVA DA PROPAGANDA
POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, *campus* I, como parte das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Culturas e Formação Docente

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Tânia Maria Augusto Pereira

CAMPINA GRANDE – PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866e Freitas, Ferdiramar Farias.
O ensino da produção discursiva da propaganda política
[manuscrito] / Ferdiramar Farias Freitas. - 2020.
138 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de
Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria
de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira ,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Produção discursiva. 2. Ensino de língua portuguesa. 3.
Propaganda política. 4. Enunciado. I. Título
21. ed. CDD 401.41

FERDIRAMAR FARIAS FREITAS

**O ENSINO DA PRODUÇÃO DISCURSIVA DA PROPAGANDA
POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, *campus* I, como parte das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Culturas e Formação Docente

Aprovada 18/09/2020



Prof^ª. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira – PPGFP/UEPB
Orientadora



Prof^ª. Dra. Maria Regina Baraculy Leite – PROLING/UEPB
Examinadora Externa



Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues – PPGFP/UEPB
Examinador Interno

CAMPINA GRANDE –PB

2020

DEDICATÓRIA

- À minha família, que representa um alicerce de luta em minha caminhada. À minha avó, por sempre questionar o andamento dos trabalhos do campo acadêmico. À minha mãe, pela presença, que tanto me inspira a trilhar novos caminhos do conhecimento.
- Aos meus amigos, que, indiretamente, estabeleceram laços de motivação.
- Aos meus alunos, que sem perceberem, despertaram em mim o desejo de buscar novos conhecimentos.
- À uma força maior, que me conduz e mostra os caminhos a serem visitados pelos meus pensamentos.

AGRADECIMENTOS

- A *Deus*, pela oportunidade de realizar este estudo tão importante para minha formação profissional, por ter concebido a mim condições de escrita;
- Ao Programa de Pós-graduação em Formação de Professores – Mestrado Profissional, pela oportunidade de desenvolver minha pesquisa.
- À Prof.^a Dr. Tânia Augusto Pereira, por ter me recebido no mestrado e ter intensificado a genialidade desconcertante de Michel Foucault; por ter me colocado em um espaço de confiança para desenvolver as leituras; por ter sido uma voz marcante no silêncio das madrugadas, durante a produção da dissertação. A ela, minha admiração pela precisão teórica com que trata seus dizeres.
- À Prof.^a Dr. Lourdes Leandro, por ter acreditado em mim e me conduzido ao mestrado. A ela, o meu agradecimento.
- Ao Prof.^o Dr. Linduarte Rodrigues, pela audição atenta e prestigiosa durante o processo de seleção. A ele, o meu obrigado.
- À Prof.^a Dr. Regina Baracuhy pelas contribuições preciosas para a realização deste trabalho acerca do postulado de Foucault.
- Aos estudantes colaboradores, pela entrega às discussões e realizações das produções.
- Ao professor colaborador, por ter aberto o seu espaço de sala de aula para a realização da pesquisa.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

(FOUCAULT, 1996, p. 10)

RESUMO

Esta dissertação apresenta o resultado de uma pesquisa aplicada que investiga a produção discursiva da propaganda política no Ensino de Língua Portuguesa na 3ª série do Ensino Médio. A questão problema que promoveu movimentos de pesquisa foi: como é realizada a produção discursiva no ensino da língua portuguesa? Esse questionamento surgiu mediante a apreciação de textos, produzidos por alunos do Ensino Médio, que não conseguiram informar os acontecimentos que pretendiam e não apresentaram criticidade. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de base etnográfica por apresentar, conforme Moreira e Caleffe (2006), uma visão holística do objeto observado, nesta pesquisa o ensino da língua, e também como pesquisa-ação por ter buscado promover mudanças no espaço investigado através da aplicação de um plano de ensino. Documental pela realização de análise em documentos oficiais que orientam o ensino da língua, PCN (BRASIL, 2000) e BNCC (BRASIL, 2018) do Ensino Médio e bibliográfica pelo estudo em teorias discursivas. Foi aplicado um questionário diagnóstico e desenvolvida uma observação participante. O *corpus* é constituído pelas anotações e observações realizadas na observação participante, pelas respostas dos 05 (cinco) alunos a 1 (um) questionário diagnóstico, pelas produções iniciais e pelas produções discursivas dos alunos, o gênero escolhido para ser produzido foi a propaganda política. O objetivo geral é possibilitar a produção discursiva através do reconhecimento do enunciado enquanto um acontecimento. Os objetivos específicos são: a) verificar o agir docente, nos documentos que orientam o ensino de Língua Portuguesa, especificamente, as práticas de produção textual; b) possibilitar a produção da propaganda política através de enunciados; c) elaborar um plano de ensino que priorize o enunciado para a produção discursiva. Para o desenvolvimento da pesquisa, escolheu-se trabalhar com as contribuições de Foucault (1996) sobre a noção de discurso como um conjunto de enunciados, uma prática, que se realiza de forma controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que têm por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório na busca de esquivar sua pesada e materialidade; de enunciado, conforme Foucault (2008), como função de existência que está ligado aos signos e a partir dessa função é que se pode ter uma compreensão sobre uma possível análise se eles fazem sentido ou não e que espécie de ato pode ser realizado em sua formulação. Deleuze (2005) afirma que o enunciado não é visível de imediato, não tem uma forma manifesta como uma sequência lógica. Ele é ao mesmo tempo nem visível e nem oculto. Como resultados, obteve-se textos que passaram a atender às necessidades sociais de efetivo uso da linguagem por serem produzidos através de enunciados historicamente constituídos.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Produção Discursiva; Enunciado.

ABSTRACT

This dissertation presents the result of an applied research that investigates the discursive production of political advertising in Portuguese Language Teaching in the 3rd grade of High School. The problem question that promoted research movements was: how is the discursive production carried out in the teaching of the Portuguese language? This questioning arose through the appreciation of texts, produced by high school students, who were unable to inform the events they intended and were not critical. This research is characterized as qualitative, with an ethnographic basis for presenting, according to Moreira and Caleffe (2006), a holistic view of the observed object, in this research the teaching of language, and also as an action research for having sought to promote changes in the investigated space through the application of a teaching plan. Documentary for carrying out analysis in official documents that guide the teaching of the language, PCN (BRASIL, 2000) and BNCC (BRASIL, 2018) of High School and bibliographic for the study in discursive theories. A diagnostic questionnaire was applied and participant observation was developed. The corpus consists of the notes and observations made in the participant observation, the responses of the 05 (five) students to 1 (one) diagnostic questionnaire, the initial productions and the discursive productions of the students, the genre chosen to be produced was political advertising. The general objective is to enable discursive production through the recognition of the statement as an event. The specific objectives are: a) to verify the teaching behavior, in the documents that guide the teaching of Portuguese, specifically, the practices of textual production; b) enable the production of political propaganda through statements; c) to elaborate a teaching plan that prioritizes the statement for the discursive production. For the development of the research, we chose to work with the contributions of Foucault (1996) on the notion of discourse as a set of statements, a practice, which is carried out in a controlled, selected, organized and redistributed way by procedures that have the function to conjure up powers and dangers, to dominate its random event in the quest to evade its heavy and materiality; of enunciation, according to Foucault (2008), as a function of existence that is linked to signs and from that function it is possible to have an understanding about a possible analysis if they make sense or not and what kind of act can be performed in their formulation. Deleuze (2005) states that the statement is not immediately visible, it does not have a manifest form as a logical sequence. It is at the same time neither visible nor hidden. As a result, texts were obtained that started to meet the social needs of effective use of language because they were produced through historically constituted statements.

Keywords: Portuguese Language Teaching; Discursive Production; Statement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Escola selecionada para a realização da pesquisa.....	54
Figura 2. Definição de produção textual pelo estudante 1	66
Figura 3. Respostas do estudante 1	67
Figura 4. Resposta do estudante 1 sobre o significado da palavra discurso	67
Figura 5. Definição de produção textual pelo estudante 2	68
Figura 6. Respostas do estudante 2	68
Figura 7. Resposta do estudante 2 sobre o significado da palavra discurso	69
Figura 8. Definição de produção textual do estudante 3	69
Figura 09. Respostas do estudante 3	70
Figura 10. Resposta do estudante 3 sobre o significado da palavra discurso	70
Figura 11. Definição de produção textual pelo estudante 4	71
Figura 12. Respostas do estudante 4	71
Figura 13. Resposta do estudante 4 sobre o significado da palavra discurso	72
Figura 14. Definição de produção textual pelo estudante 5	72
Figura 15. Respostas do estudante 5	73
Figura 16. Resposta do estudante 5 sobre o significado da palavra discurso	73
Figura 17. Estudantes realizando a produção inicial das propagandas	75
Figura 18. Propaganda inicial do aluno 1	76
Figura 19. Propaganda inicial do aluno 2	77
Figura 20. Propaganda inicial do aluno 3	78
Figura 21. Propaganda inicial do aluno 4	79
Figura 22. Propaganda inicial do aluno 5	80
Figura 23. Propaganda final do aluno 1	90
Figura 24. Propaganda final do aluno 2	93
Figura 25. Propaganda final do aluno 3	96
Figura 26. Propaganda final do aluno 4	98
Figura 27. Propaganda final do aluno 5	99

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	12
CAPÍTULO I - PELOS CAMINHOS REFORMULADOS E ABERTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	17
1.1 O DISCURSO NA CONCEPÇÃO DE MICHEL FOUCAULT	18
1.2 A ARQUEOLOGIA FOUCAULTIANA	21
1.3.1 a genealogia de Foucault	26
1.4 O SUJEITO NOS DIZERES DE FOUCAULT	28
CAPÍTULO II – O ATUAL DISPOSITIVO ESCOLAR NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: ENUNCIADOS, VISIBILIDADES E SUBJETIVIDADES E A PRODUÇÃO TEXTUAL DISCURSIVA DA PROPAGANDA POLÍTICA	31
2.1 A AUSÊNCIA DA PRODUÇÃO DISCURSIVA NO ATUAL DISPOSITIVO ESCOLAR	32
2.2 PROPAGANDA POLÍTICA	36
2.3 MULTIMODALIDADE, SEMIÓTICA GERAL E O ESPETÁCULO DA IMAGEM	40
2.4 A PRODUÇÃO TEXTUAL E O DISCURSO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS	45
CAPÍTULO III - O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	50
3.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA	51
3.2 <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA	54
3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA	56
3.4 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	57
3.5 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	62
3.6 O QUESTIONÁRIO COMO FERRAMENTA PARA DIAGNOSTICAR AS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL	64
3.7 A PRODUÇÃO INICIAL DAS PROPAGANDAS	74
3.8 PLANO DE ENSINO PARA A PRODUÇÃO DISCURSIVA	82
CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	86
4.1 ANÁLISE DISCURSIVA DA PRODUÇÃO FINAL DAS PROPAGANDAS	87
PALAVRAS FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	
ANEXOS	

PALAVRAS INICIAIS

A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.

(FOUCAULT, 1996, p. 36)

Nosso trabalho apresenta uma discussão em torno da produção discursiva no ensino de Língua Portuguesa. O interesse por este tema surgiu ao ter contato com textos produzidos por estudantes do Ensino Médio e ter percebido a ausência de informação e criticidade sobre determinado tema como violência psicológica, redes sociais, entre outros propostos para a produção. As contribuições da Análise do Discurso (AD) mostram um campo teórico-metodológico que permite refletir essa questão e propor a produção textual no âmbito discursivo.

A concepção de discurso que escolhemos para inserir nossa pesquisa é a estabelecida por Foucault (1996), que considera a produção do discurso como uma prática controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que têm por função conjurar seus poderes de perigos, dominar seu acontecimento aleatório, na busca de esquivar sua materialidade. Para o autor, não se tem o direito de dizer tudo, e não se pode falar tudo que se pensa em qualquer circunstância, não se pode falar de qualquer coisa a qualquer momento em que se enuncia. Partindo dessa concepção, compreendemos que a produção textual no ensino de Língua Portuguesa está condicionada a essa noção de discurso, pois o aluno precisa selecionar o que deve ser dito em sua produção, não podendo dizer qualquer coisa sem uma organização que seja aceita pela ordem do discurso que pretende se constituir como sujeito.

Consideramos o conceito de arquivo, desenvolvido por Foucault (2008), como a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos específicos. O enunciado, conforme Deleuze (2005) não é visível de imediato, não tem uma forma manifesta como uma sequência lógica. O enunciado é ao mesmo tempo nem visível e nem oculto. Foucault (2008) afirma que o enunciado é uma função de existência que está ligada aos signos e é a partir dessa função que se pode ter uma compreensão sobre uma possível análise se eles fazem sentido ou não e que espécie de ato pode ser realizado em sua formulação, aqui trabalhamos com a produção escrita.

É nesse campo teórico que buscamos responder a nossa questão problema: como é realizada a produção discursiva no ensino da língua? O nosso objetivo geral é possibilitar a produção discursiva através do reconhecimento do enunciado enquanto um acontecimento. Para

isso escolhemos produzir o gênero propaganda política e decidimos entrar na ordem do discurso político realizado no período de campanha para a presidência da república em 2018. Candiotto (2010) afirma que a ordem do discurso é a articulação que exerce domínio sobre forças e sujeita o aparecimento de outros saberes. Ao entrar na ordem do discurso político do período, pudemos perceber enunciados que servem de base para a prática de discursos disseminados na elaboração da corrida presidencial. A realização da produção discursiva da propaganda política em sala de aula e a análise dos textos produzidos pelos alunos, parte do *corpus*, se dá através dessa percepção de enunciados que edificam os textos e fazem os mesmos enunciarem. Consideramos os alunos como sujeitos após entrarem na ordem do discurso político para poderem produzir suas propagandas.

As ideias de Foucault sobre a espessura de práticas históricas que enlaçam o saber e o poder sustentam nossa pesquisa sobre a produção discursiva no âmbito da escola, principalmente, o nosso objetivo de possibilitar a produção discursiva através do enunciado, que tem sido ponto de resistência nas práticas de ensino da Língua Portuguesa no cotidiano escolar. O atual dispositivo escolar, através de suas práticas discursivas, produz subjetividades que materializam práticas de um ideário que não promove a reflexão, mas sim a reprodução de um conhecimento estático da língua através de recursos como o livro didático e, especialmente, de ações didáticas que priorizam a memorização de regras da gramática normativa da língua como sendo o único ensino da língua possível. Assim, ao possibilitar a produção discursiva, nossa pesquisa estabelece uma reflexão acerca dessas práticas cristalizadas que se colocam como resistentes a discursividade da linguagem.

Nosso trabalho constitui-se como uma prática subjetivante de enfrentamento às práticas de ensino da língua desenvolvidas no dispositivo escolar que prioriza a decodificação de regras e não a discursividade na qual a língua está inserida. Os nossos objetivos específicos são: a) verificar o agir docente, nos documentos que orientam o ensino de Língua Portuguesa, especificamente, as práticas de produção textual; b) possibilitar a produção da propaganda política através de enunciados; c) elaborar um plano de ensino que priorize o enunciado para a produção discursiva.

Metodologicamente, nosso trabalho caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, por utilizar o método descritivo e interpretativo dos resultados obtidos. O *corpus* foi constituído pelas observações e anotações realizadas na observação participante, pelas respostas ao questionário diagnóstico, pelas produções iniciais dos trabalhos e pelas produções discursivas dos estudantes da 3ª série do Ensino Médio, após a aplicação do plano de ensino.

Utilizamos a base etnográfica que, segundo Moreira e Caleffe (2006), oportuniza ao pesquisador uma visão holística do objeto observado; também trabalhamos com a pesquisa-ação, que, conforme Bortoni-Ricardo (2008), caracteriza-se como uma ação que busca mais do que descrever fatos observados, busca provocar mudanças no espaço investigado, assumindo caráter hermenêutico e emancipatório, o que nos levou a aplicar um plano de ensino, após determinado período de observação, objetivando uma melhoria na aprendizagem; realizamos ainda uma pesquisa documental, por termos apreciado os PCN (BRASIL, 2000) e a BNCC (BRASIL, 2018) do Ensino Médio para compreendermos como a produção textual está posta e constitui as instruções de ensino; e bibliográfica por emprendermos estudos sobre o postulado de teóricos, especificamente, Foucault (1996, 2008, 2009). Nossa pesquisa foi aplicada através de um plano de ensino, elaborado a partir das contribuições de Foucault (1996, 2008) e Machado (1981).

Estruturalmente, além dessa introdução, esta dissertação apresenta quatro capítulos, sendo dois de fundamentação teórica, um metodológico e um analítico.

No primeiro capítulo, discutimos sobre a noção de formação discursiva (FD), como aquilo que se pode dizer somente em determinado espaço e tempo da história; de interdiscurso como o entrecruzamento de diversos discursos no interior de uma mesma FD, provenientes de diferentes momentos da história. Alinhamos nosso trabalho no postulado de Foucault (1996) ao abordarmos o discurso como um conjunto de enunciados regulado, controlado, e que se faz como discurso através de enunciados historicamente constituído.

Abordamos a noção de enunciado, conforme Foucault (2008), como uma função de existência, e segundo Machado (1981), como uma rede de dispositivos a que nada ou ninguém escapa. Utilizamos o conceito de sujeito como determinado por uma história descontínua, e em relação ao poder, um sujeito submerso nos discursos (FOUCAULT, 2009).

No segundo capítulo, abordamos o atual dispositivo escolar que prioriza os trabalhos com o livro didático e com a gramática normativa no ensino da língua. O conceito de dispositivo é apresentado por Foucault (1999), como sendo uma rede de saber e poder que atua em cada realidade histórica e social, por isso há vários dispositivos que concebem sujeitos em suas práticas. Entendemos nossa pesquisa como uma prática subjetivante que vai de encontro a esse dispositivo. Apresentamos a propaganda política como um gênero que evolui de acordo com a sociedade capitalista para atender ao poder de persuasão que nela é depositado. Compreendemos a propaganda política, conforme Domenach (2001), como uma empresa organizada com o objetivo de influenciar a opinião pública e dirigi-la. Por isso a necessidade de compreender suas condições de produção para reconhecê-la como texto. A propaganda

concebe uma maior articulação de recursos para sua elaboração, o que nos levou a trabalhar também com a semiótica geral, conforme Barros (2005), que busca uma semiótica das significações e resulta em um texto multimodal por associar palavras e imagens. Em nossas análises do *corpus*, trabalhamos com o enunciado que se apresenta através das palavras e imagens, o discurso por si é semiótico. Também discutimos o espetáculo da imagem através das contribuições de Debord (2003), que apresenta as relações de poder no exercício da dominação social. A sociedade do espetáculo evidencia a imagem em detrimento ao conteúdo, o que leva muitos candidatos a reduzirem suas propagandas a sua imagem, conduzindo o texto a sofrer transformações e a assumir a função de “palco” para as possíveis exteriorizações.

Neste capítulo, ainda realizamos uma análise nos documentos oficiais, PNC (BRASIL, 2000) e BNCC (BRASIL, 2018) do Ensino Médio, na busca de apreendermos a base teórica que orienta o ensino da língua no atual dispositivo escolar. Compreendemos que o discurso não é uma base forte na elaboração dos documentos citados. Não há citação sobre as contribuições de Foucault (1996), no que se refere ao discurso como prática, e nem sobre o Enunciado, que é desenvolvido por Foucault (2008), como função de existência e constituição dos discursos, embora os mesmos documentos estejam estruturados através de práticas discursivas que se estabelecem nas relações de poder do cotidiano. Em relação ao discurso, o que há são algumas contribuições de Bakhtin (2000) sobre o caráter dialógico da linguagem, mas também não há um desenvolvimento aprofundado acerca de enunciado concreto, que é a base de seu postulado. Essa percepção nos mostra que esses documentos não dispõem de orientações discursivas com amplo desenvolvimento que possam orientar trabalhos em sala de aula.

No terceiro capítulo apresentamos os passos metodológicos. Trabalhamos com a pesquisa qualitativa de base etnográfica que, segundo Moreira e Caleffe (2006), é rica nos detalhes para a observação, o que contribui para as ações interventivas específicas, promovendo novas práticas na educação. Realizamos a pesquisa-ação, seguindo as orientações de Bortoni-Ricardo (2008), que caracteriza essa prática como uma ação que busca oportunizar melhores aprendizagens no espaço de investigação. Aplicamos nossa pesquisa através de um plano de ensino, após um período de observação. A observação participante nos deu acesso às condições de trabalho dos alunos colaboradores e ao dispositivo escolar em que estavam inseridos. Apresentamos o resultado de um questionário e a análise das produções de iniciação dos trabalhos que nos serviram de ferramenta para diagnosticar as práticas realizadas na escola sobre a produção textual. As visibilidades evidentes serviram de base discursiva para elaborarmos o plano de ensino.

O quarto e último capítulo é composto pela análise e discussão dos resultados. Inicialmente, realizamos uma discussão acerca do enunciado como acontecimento, segundo Foucault (2008), que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Ele está na transversalidade da linguagem. Para Foucault (2008), o enunciado, como função, é caracterizado a partir de um referente, como princípio de diferenciação, um sujeito, devido à posição a ser ocupada, um campo associado, a sua coexistência com outros enunciados, e uma materialidade específica, por apresentar coisas ditas, escritas, passíveis de repetição ou reprodução. Consideramos esses elementos para podermos entender o enunciado enquanto acontecimento, algo que irrompe em determinado tempo e espaço. A nossa análise é elaborada com base nessas contribuições foucaultianas. Como resultados, obtivemos textos que passaram a atender às necessidades sociais de efetivo uso da linguagem por serem produzidos através de enunciados historicamente constituídos. A prática da produção discursiva nos mostrou que a produção textual no ensino da Língua Portuguesa, que é o nosso objeto de estudo, precisa ser efetivada no cotidiano de sala de aula através do entendimento do enunciado enquanto acontecimento para que os textos assumam um caráter discursivo, espaço em que a linguagem se realiza através de suas manifestações sociais e não meramente textual que oportuniza a produção através da articulação interna dos elementos do texto, o que não promove a linguagem em suas situações de uso social nas relações de poder.

Após essas palavras introdutórias, partimos para a delimitação do campo teórico da AD, escolhemos trabalhar com as contribuições relevantes de Michel Foucault, levadas para a AD por Courtine, através da noção de formação discursiva.

CAPÍTULO I

PELOS CAMINHOS REFORMULADOS E ABERTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo, abordamos a noção de discurso como prática discursiva, como um conjunto de enunciados que obedece a regras históricas, atreladas a um tempo e a um espaço, postulado por Foucault (1996). Evidenciamos os procedimentos internos do discurso que selecionam, controlam e imperam o que deve, pode ou não vir à aparição na historicidade discursiva. Isso concebe o discurso como espaço de regularidades que o conduzem diante da materialidade histórica. A ordem do discurso articula saberes, nos quais inserimos a produção discursiva no ensino de Língua Portuguesa, considerando as condições de elaboração que se materializam através das enunciações do sujeito aluno. Consideramos o presente como o lugar onde a nossa pesquisa está inserida, no cotidiano de sala de aula e seus enfrentamentos, no que se refere ao ensino da língua.

Tratamos sobre a concepção de enunciado, apresentada por Foucault (2008), com valor de acontecimento que determina suas condições de existência, suas correlações com outros enunciados. O enunciado é considerado a unidade básica da análise discursiva, que tem o lugar social, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos como seu referente. E de arquivo, como sendo a lei do que pode ser dito, o sistema que regula o aparecimento do enunciado como acontecimento singular.

Em seguida, abordamos as relações de poder como o espaço de onde os sujeitos enunciam, no interior dos discursos, para produzir seus textos. O postulado foucaultiano apresenta o poder como algo que não está localizado em uma estrutura social específica, mas como uma rede de dispositivos ou mecanismos, a qual nada ou ninguém escapa. Por fim, discorreremos sobre a concepção de sujeito nos dizeres de Foucault (2009), que o concebe sob determinações de uma história descontínua e em relação ao poder, o qual o leva a ocupar posições no interior do discurso.

1.1 O DISCURSO NA CONCEPÇÃO DE MICHEL FOUCAULT

Adentrar nos postulados de Foucault sobre o discurso não é algo sutil, nem tampouco linear, é preciso compreender as inquietações discursivas regulamentadas por ele em seus escritos. Sobre a noção de discurso, Foucault (1996, p. 8-9) afirma

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Segundo o filósofo francês, há regularidades que projetam o discurso por meio de certos procedimentos que estão na materialidade das coisas, o que conjura poderes e perigos nas relações humanas diante da aparição discursiva.

É nesse âmbito de materialidades do discurso, frente às condições de produção, permeadas por riscos, nas disputas do enunciar, que acreditamos que a produção discursiva está inserida, pois o ato de produzir um texto é bem mais do que dispor de um conjunto de frases e de relações sintáticas, é uma forma de materialização do discurso, é considerar o que está no exterior dos textos escritos, verbal e/ou não verbal, através de um esforço de idas e vindas nas relações de poder que envolve os sujeitos.

Para Foucault (1996), não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo que se pensa em qualquer circunstância, não se pode falar de qualquer coisa a qualquer momento da enunciação. Daí a produção discursiva, no ensino de Língua Portuguesa, ser um momento de seleção do que dizer, do que enunciar frente às circunstâncias que envolvem as materialidades do saber.

As interdições regulam o ato de enunciar do sujeito. O autor apresenta três tipos de interdições: o tabu do objeto; o ritual da circunstância; o direito privilegiado e/ou exclusivo do sujeito que fala. Essas interdições se entrecruzam em uma contínua relação de reformulações, o que leva o sujeito a estar disperso através dessas movimentações. O ato de dizer submete-se a regulações que estão para o sujeito como algo materializado, assim como o objeto que se apresenta como algo a ser dizível em circunstâncias históricas e sociais.

Foucault (1996, p. 10) afirma que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e poder.”. Tratar as práticas do discurso é considerar as relações de poder que envolve os sujeitos e o desejo que implica esse mesmo sujeito a enunciar. O que nos leva a compreender

que a produção discursiva, no ensino de Língua Portuguesa, está no campo dessas condições de enunciação, seja o texto verbal, não-verbal ou multimodal, como a propaganda política.

A verdade, ao longo dos séculos, e até nos dias atuais, atravessa os dizeres, o que concomitantemente, instaura o que não seria verdadeiro, mas sim o falso. Essa relação intrínseca entre verdadeiro e falso também aparece como um sistema de exclusão no campo discursivo. Segundo Foucault (1996, p. 14), “[...] essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão.” É um sistema que exclui algo que não é dito, mas que pela negação imprime aquilo que é pronunciado com valor social, pois é no âmbito da sociedade que as coisas recebem aceitação ou não.

Para Candiotta (2010, p. 50), “a apropriação foucaultiana da vontade de verdade de Nietzsche tem como escopo apresentá-la como elemento atuante na constituição e legitimação dos discursos modernos com pretensão à cientificidade por meio do seu controle recorrente”. Essa vontade de verdade configura-se como um controle atuante na busca da legitimação do saber.

A vontade de verdade apoia-se no que é institucional, que, de uma forma ou de outra, exerce sobre o falante um poder coercitivo. O desejo, diante das circunstâncias da instituição, passa a ser a busca do que se pretende alcançar, o que exclui aquilo que não fizer parte do que for pretendido. “[...] vontade de verdade, esta, [...], não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável.” (FOUCAULT, 1996, p. 19).

Para Foucault (1996, p. 21),

[...] são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento ou acaso.

Os procedimentos internos do discurso selecionam, controlam e imperam o que deve, pode ou não vir à aparição como acontecimento na historicidade. Isso implica o discurso como detentor de reguladores que o impelem diante da materialidade histórica de sua realização. Candiotta (2010, p. 51) afirma que “a ordem do discurso é a articulação dominante de forças que sujeita outros saberes.”

É nesse campo de saberes, resultantes da ordem do discurso, que inserimos a produção discursiva, por acreditarmos na possibilidade de melhores produções, de textos que digam o

que se propuserem a dizer, pois se considera as condições de elaboração dentro das forças que se materializam através das enunciações do aluno sujeito.

O produtor de textos escolares não está na denominação de autor tal qual a crítica reinventa após a consumada morte deste, no ato de deixar “[...] uma massa confusa de escritos ininteligíveis;” (FOUCAULT, 1996, p. 28). Mas é inegável a existência “[...] do indivíduo que escreve e inventa.” (FOUCAULT, 1996, p. 28). Esse sujeito que escreve textos escolares busca dizer algo a alguém, o que não nos leva a atribuir a ele a função de autoria, mas há que se considerar o que escreve e a sua posição de produtor textual, mesmo que sejam curtos escritos, mas estão na ordem de algum discurso estabelecido socialmente.

A disciplina é um procedimento de controle que estabelece regras de formulação e de aparição do discurso. Esse procedimento representa uma interdição no discurso e na enunciação do sujeito ao escrever seus textos, pois são as regras do que deve ou não ser escrito que estão em jogo nas relações de poder, que instituem o que é aceito socialmente. “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.” (FOUCAULT, 1996, p. 36).

O sujeito precisa atender a procedimentos para entrar na ordem do discurso. Esses procedimentos estão na esfera do discurso. É preciso determinar “[...] as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a elas.” (FOUCAULT, 1996, p. 36-37).

As condições de produção textual, que estão inseridas em um campo discursivo, determinam as regras ao produtor do texto, delimitando o que deve ser escrito ou não. Ainda sobre os procedimentos de controle dos discursos, Foucault (1996, p. 37) apresenta

Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala.

Concebemos o sujeito produtor de textos nos domínios dessa rarefação, pois o que escreve, muitas vezes, atende as exigências do discurso, outras vezes não, e nem todas as regiões do discurso são penetradas pelo aluno sujeito. Os textos produzidos apresentam-se como consequência da rarefação do sujeito. Ao dispor desses conhecimentos, somos levados a

buscar uma qualificação desse sujeito, quando ele não atender às exigências do discurso de onde enuncia. Ao adquirir qualificação, o sujeito adentra em certas regiões do discurso, que antes não tinha acesso. Ele passa a compreender o que, até então, não entendia, o que o leva a produzir outros textos com outros dizeres, aceitos na ordem das enunciações discursivas.

O filósofo defende que os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, as quais se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem. Isso nega a existência de um discurso maior, de um não-dito e o coloca na posição de um jogo, “de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante.” (FOUCAULT, 1996, p. 49). O sujeito apreende o significado das coisas na escrita e na leitura, e, por sua vez, também diz algo ao escrever seus textos, mas ao fim da utilização descontínua da leitura e escrita, sua enunciação entra na ordem do significante, assim como o discurso. Os discursos não nascem prontos, são produzidos na dispersão da história, pautados sobre um já-dito, mas não como repetição de frases pronunciadas ou de textos já escritos, mas como uma prática na descontinuidade da história.

1.2 A ARQUEOLOGIA FOUCAULTIANA

A arqueologia objetiva definir “[...] os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras.” (FOUCAULT, 2008, p. 157). Machado (1981), sobre a visão foucaultiana dos discursos, afirma que estes não apresentam princípio de unidade, sendo justamente essa concepção que o leva à ideia de analisar os discursos em sua dispersão. A referida unidade de um discurso, como uma ciência, unidade procurada nos níveis do objeto, do tipo da enunciação, dos conceitos básicos, dos temas abordados, é, em suma, uma dispersão de elementos.

A dispersão dos elementos dos discursos leva o analista a percebê-lo a partir da neutralização das possíveis unidades que tentam aparecer. “Os discursos são uma dispersão no sentido de que são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade [...] a análise dos discursos será a descrição de uma dispersão.” (MACHADO, 1981, p. 104). Não há na história uma unidade, em um determinado passado, que venha a fixar uma constante produção de discursos como se estes fossem apenas frutos desse escavar histórico. O que há são descontinuidades na história nova, uma história próxima, não antiga, e sempre atual através de seu caráter mutável. Para Machado (1981, p. 104-105), o que se busca é

[...] estabelecer regularidades que funcionem como lei da dispersão, ou formar sistemas de dispersão entre os elementos do discurso como uma forma de regularidade. Em outras palavras trata-se de formular regras capazes de reger a formação dos discursos.

As regras de formação, que se busca apreender, são as condições de existência dos discursos, que promovem a aparição e transformação do discurso. A essas condições, a esse sistema de regras Foucault denomina como FD, como sendo o que se refere a tudo aquilo que pode ser dito em determinado momento histórico-social. Assim, “em suma, um discurso, considerado como dispersão de elementos, pode ser descrito como regularidade, e portanto individualizado, descrito em sua singularidade, se suas regras de formação forem determinadas nos diversos níveis.” (MACHADO, 1981, p. 105). A arqueologia, para Foucault (2008, p. 163), “[...] é a descrição sistemática de um discurso-objeto.”

O enunciado é a unidade básica da análise discursiva. Por assim ser, também, é a base para os atos ilocutórios. Para Foucault (2008, p. 94),

O ato ilocutório não é o que ocorreu antes do momento do enunciado (no pensamento do autor ou no jogo de suas intenções); não é o que se pôde produzir, depois do próprio enunciado, no sulco que deixou atrás de si e nas consequências que provocou; mas sim o que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado - e precisamente esse enunciado (e nenhum outro) em circunstâncias bem determinadas. Pode-se, então, supor que a individualização dos enunciados depende dos mesmos critérios que a demarcação dos atos de formulação: cada ato tomaria corpo em um enunciado e cada enunciado seria, internamente, habitado por um desses atos. Existiriam um pelo outro e em uma exata reciprocidade.

O fato de enunciar algo manifesta a existência de um enunciado em determinadas circunstâncias históricas e sociais, o que faz desse enunciado ser um e não outro. A individualização de cada enunciado está no mesmo espaço social dos critérios de formulação dos atos, o que marca a existência de uma condição interrelacional, o ato adquire forma em um enunciado e este, internamente, povoado pelos atos. Essa relação recíproca, entre o ato ilocutório e o enunciado, implica a produção de textos, que acontece nesse ínterim, frente a necessidade do sujeito de enunciar algo que seja compreensível e aceito nas condições comunicativas que forem colocadas a ele.

Conforme Foucault (2008, p. 97), “o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apóia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência.” A produção discursiva não deve ser concebida no campo frasal, mas primando

pelos dizeres de uma sociedade vigente, por temáticas que necessitam de discussão e, se preciso, de reformulações em suas concepções. “[...] o enunciado é diferente. Ele possui conceitos, ou melhor ‘esquemas’ discursivos próprios, no entrecruzamento dos sistemas heterogêneos.” (DELEUZE, 2005. p. 20). Consequentemente a isso, está a estrutura da língua em uso.

Foucault (2008, p. 98) afirma que o enunciado

[...] não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

A sua existência dá-se através do signo, e este, para ser aceito como tal, necessita daquele, que tem sua aceitação, como tendo sentido ou não, através de análises dos indivíduos, com base em critérios sociais, presente nos mesmos atos ilocutórios que realizam as averiguações do que deve ser considerado ou não. Essas relações acontecem em um constante movimento de reformulações, perceptíveis no ato da expressão oral e/ou escrita. É “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.” (FOUCAULT, 2008, p. 98). O conteúdo de um texto ocupa determinada situação social, que tem sua existência na historicidade das relações comunicativas dos indivíduos.

Conforme Foucault (2008, p. 103), o referente de um enunciado é

[...] o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade.

Ele põe em jogo elementos exteriores para poder existir. “[...] o enunciado não é imediatamente visível; não se dá de forma tão manifesta quanto uma estrutura gramatical ou lógica. O enunciado, a um só tempo, não é visível e nem é oculto.” (DELEUZE, 2005. p. 27). Dá-se a sua existência à significação das comunicações verbais. Não há um referente de onde

ele surge, o que há são as próprias condições de existência das coisas e dos indivíduos que o constituem. O nível enunciativo formula-se nessas condições de existência, o que se opõe ao nível gramatical e lógico daquilo que é dito. A aceitação do que é pronunciado como sendo uma verdade está nas condições de sua existência e no próprio espaço e tempo das funções enunciativas.

Para Foucault (2008), não se pode reduzir o sujeito aos elementos gramaticais de primeira pessoa, presentes no interior da frase, porque o sujeito enunciativo não está dentro do sintagma linguístico, e também, porque os enunciados que não comportam primeira pessoa, ainda assim, têm um sujeito. Os que têm forma gramatical, seja em primeira ou em segunda pessoa, não têm um único e mesmo tipo de relação com o sujeito da enunciação.

Foucault (2008, p. 104) considera que

Esse sujeito exterior à frase não seria, simplesmente, o indivíduo real que a articulou ou escreveu? Não há signos sem alguém para proferi-los ou, de qualquer forma, sem alguma coisa como elemento emissor. Para que uma série de signos exista, é preciso - segundo o sistema das causalidades - um 'autor' ou uma instância produtora. Mas esse 'autor' não é idêntico ao sujeito do enunciado; e a relação de produção que mantém com a formulação não pode ser superposta à relação que une o sujeito enunciante e o que ele enuncia.

Os produtores de textos ocupam o lugar da instância produtora, são os sujeitos enunciantes, pois não há signos sem alguém que os diga, nem tampouco, existe um alguém que não precise de signos para se fazer presente nas manifestações de comunicação. Essa instância mantém sua existência nas relações com as formulações do que se pretende enunciar, não sendo superposta à relação do enunciante e o que é dito por ele. Esses dois níveis de relação congregam-se para o aparecimento dos textos, diante das causalidades que as convergem.

Conforme Foucault (2008), a construção gramatical, para se efetuar, só precisa de elementos e de regras, em termos extremos, uma língua, de forma artificial, servindo apenas para a construção de uma única frase. No entanto, não há enunciado que não suponha outros, qualquer um mantém-se através de um campo de coexistência, efeitos de séries, distribuição de funções e de papéis. Uma frase figura um ponto definido, com uma posição determinada, mas em um jogo enunciativo que a extrapola. "Eis o que é um grupo de enunciados, ou mesmo um enunciado sozinho: multiplicidades." (DELEUZE, 2005, p. 24).

Foucault (2008, p. 114-115) afirma que

A enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir. Essa singularidade, entretanto, deixa

passar um certo número de constantes - gramaticais, semânticas, lógicas - pelas quais se pode, neutralizando o momento da enunciação e as coordenadas que o individualizam, reconhecer a forma geral de uma frase, de uma significação, de uma proposição. O tempo e o lugar da enunciação, o suporte material que ela utiliza, tornam-se, então, indiferentes, pelo menos em grande parte: o que se destaca é uma forma indefinidamente repetível e que pode dar lugar às enunciações mais dispersas.

O acontecimento da enunciação apresenta-se através de um tempo e de um espaço indiferente, o que promove a dispersão das enunciações. Ao considerar essa dispersão e a fixação gramatical, pode-se apreender os textos como o resultado das dispersões enunciativas que acontecem através do sujeito enunciante.

Para Foucault (2008), o enunciado como acontecimento é constituído pelos sistemas que se instauram na densidade das práticas discursivas, evidenciando suas próprias condições e domínio de aparecimento, e as coisas no campo das possibilidades e da utilização. A todos esses sistemas de enunciados, acontecimento de um lado e coisas de outro, ele denomina arquivo.

Nas palavras de Foucault (2008, p. 147), o arquivo é

[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas;

O sistema que promove o aparecimento do enunciado de forma singular, concebe esse mesmo enunciado em um arquivo, em uma instância do que pode ou não ser pronunciado. Essa instância também faz com que esses enunciados não sejam acumulados, mas sim, aconteçam em meio a rupturas, sem o desaparecimento, no entanto, ao simples acaso da exterioridade, o que os mantém em regularidades específicas para a realização dos dizeres. Deleuze (2005, p. 27), sobre a noção de arquivo, afirma que “toda sobrescrição, toda subscrição remetem à inscrição única do enunciado em sua formação discursiva: monumento de arquivo, e não documento.” Ao arquivo atribui-se a inscrição de todas as manifestações do enunciado e do que é dito através deste, em determinadas instâncias de regularidades das coisas em seu exterior.

Segundo Foucault (2008), o arquivo não é o que protege o enunciado e o que o preserva em seu estado civil de foragido para as memórias que virão, mas é o que, na mesma raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define desde o início, o sistema de sua

enunciabilidade. O arquivo tem a função de garantir a definição e o aparecimento do enunciado, em meio ao corpo social em que se estrutura, na memória que se manifesta e não nas que estão por vir. Aquele estrutura-se como um sistema de funcionamento que torna este um acontecimento.

Foucault (2008, p. 148) considera que

É evidente que não se pode descrever exhaustivamente o arquivo de uma sociedade, de uma cultura ou de uma civilização; nem mesmo, sem dúvida, o arquivo de toda uma época. Por outro lado, não nos é possível descrever nosso próprio arquivo, já que é no interior de suas regras que falamos, já que é ele que dá ao que podemos dizer - e a ele próprio, objeto de nosso discurso - seus modos de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento.

O arquivo é o que fornece o objeto do discurso a ele mesmo e aos falantes da língua, seus modos de aparição, sua existência e correlação com outros objetos, a sua estrutura organizacional, sua historicidade, seu desaparecimento social, frente ao aparecimento de outros objetos, na própria instância do arquivo, que se tornam atuais na esfera das relações sociais, pontos de discussão e configuração de outros discursos. “O arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade.” (FOUCAULT, 2008, p. 148).

1.3.1 A genealogia de Foucault

Após apresentarmos as contribuições de Foucault (2008) sobre as noções de enunciado e arquivo, entramos nas discussões sobre o poder e suas manifestações através dos movimentos que o sujeito estabelece nas relações sociais. A genealogia foucaultiana busca compreender as posições sociais diante dos saberes e como essas posições influenciam o poder, o porquê dos sujeitos agirem de tal forma e não de outra. Foucault (2009) dedicou-se à investigação das posições que o sujeito ocupa nas relações sociais e na historicidade das coisas para apreender o sujeito.

Para nossa pesquisa, concebemos a produção discursiva nos saberes que se constituem nas relações de poder da vida cotidiana. Assim como Machado (1981, p. 120), consideramos “[...] o aparecimento de saberes a partir de condições de possibilidade externas aos próprios saberes, ou melhor, que, imanentes a eles [...] os situam como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente política.”

Os temas para os textos produzidos discursivamente resultam do jogo de poderes socialmente estabelecidos. Por que determinadas sugestões temáticas e não outras, por que determinadas propostas e não outras? Essas questões vão ao encontro das relações de poder exercidas nas atividades do dia a dia, das mais simples as mais complexas. São essas relações que fazem com que certas práticas de sala de aula sejam materializadas, o que nos mostram a necessidade de considerar essas relações na produção discursiva de textos.

O poder vai além das formas exercidas pelo Estado, ele articula ações múltiplas e necessárias para a permanência do indivíduo frente ao próprio Estado em suas determinações. “Poder esse que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos — o seu corpo —, e se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder.” (MACHADO, 1981. p. 121). O micropoder está presente nas mais variadas atitudes do indivíduo socialmente realizadas e, conseqüentemente, em suas decisões do que dizer ou não e por que dizer, o que insere as ações humanas em uma rede de poderes descontínua e permanente.

Foucault (1978) afirma que o corpo é a superfície que permite a inscrição dos acontecimentos, por meio da linguagem que os marca e as ideias que os dissolvem, é o lugar de dissolução do Eu, o qual supõe a quimera de uma unidade substancial, volume em perpétua pulverização. A genealogia está no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.

Os acontecimentos historicamente estabelecidos são marcados no corpo, o qual atua através das relações de poder que estão onipresentes nas ações do cotidiano. O corpo promove a dissolução do Eu através de suas práticas discursivas descontínuas. Ao perceber o outro em suas relações sociais o Eu busca se edificar através do poder. O que esse Eu não consegue observar é que o Eu já não existe, o que há é um sujeito que se instaura a partir das condições que são criadas para que o seu corpo o represente.

O corpo se encontra com o estigma dos acontecimentos passados da mesma maneira que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros, conforme Foucault (1978). Ele afirma que eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.

Para Machado (1981), o que Foucault (2009) denomina como *Microfísica do poder* diz respeito ao deslocamento tanto do espaço da análise quanto do nível em que esta se realiza. Duas características estão intimamente ligadas: a consideração do poder em suas extremidades, a atenção às suas formas locais, aos seus últimos lineamentos, tendo correlação com a

investigação dos procedimentos do poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo, atitudes, hábitos, discursos.

Os discursos acontecem nas relações de poder e os indivíduos enunciam dessas relações, o que apresenta os textos produzidos como enunciações dos sujeitos que comunicam do lugar que ocupam nessas relações no interior dos discursos.

Foucault (2009) considera que os poderes não estão localizados em nenhum lugar específico da estrutura social. Eles articulam-se como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, em relação ao qual não existe exterior fora dessa rede.

A exterioridade existe através das redes de poder, as coisas são feitas e refeitas através dessas redes, “[...] o poder produz; ele produz real; produz domínios de objeto e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter dizem respeito a essa produção.” (MACHADO, 1981, p. 124).

A produção discursiva dos textos é uma prática que se realiza através dos conflitos que os acontecimentos instauram no corpo, pelos movimentos que ocasionam o apagamento de um e aparição de outros. Esses movimentos são possíveis pelas relações de poder que esses acontecimentos carregam, logo os textos produzidos também são frutos dessas relações que circundam o corpo. A produção de textos está submetida aos saberes e poderes que são campos que se entrecruzam e realizam-se através de um mapeamento em aberto, sujeito a combinações e arranjos no transcorrer dos acontecimentos em determinada temporalidade.

1.4 O SUJEITO NOS DIZERES DE FOUCAULT

O livro *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 1967) assinala a morte do homem e, vinculada a essa morte, o nascimento do sujeito e a relação discurso e sujeito, “este constituído por aquele no sentido de que o sujeito resulta de posicionamentos discursivos historicamente produzidos e modificados.” (FERNANDES, 2014, p. 108). A constituição do sujeito instaura-se a partir da necessidade discursiva que o indivíduo assevera, ao posicionar-se frente a qualquer manifestação de enunciação. As posições que os sujeitos ocupam acontecem no interior do discurso, quando as mais variadas posições enunciativas são ocupadas por esse indivíduo, que, ao ocupá-las, deixa de ser como tal, e passa exercer a função de sujeito disperso, por poder enunciar de diversos lugares, desde que entre na ordem do discurso.

O sujeito foucaultiano é compreendido “sob determinações de uma história marcada por descontinuidade, e em relação com o poder; o sujeito submerso nos discursos.” (FERNANDES, 2014, p. 109). Os discursos são constituídos na historicidade das coisas no

tempo e no espaço, através de uma descontinuidade, na qual se concebe o sujeito disperso. Essa descontinuidade impele o sujeito a exercer posições, também, descontínuas. As posições ocupadas são formuladas nas relações de poder, nas quais estão inscritos o discurso e, conseqüentemente, o sujeito.

Para Fernandes (2014), na perspectiva foucaultiana, os trabalhos em análise do discurso avançam a partir de reflexões sobre a interrelação constitutiva entre sujeito, discurso e poder, pois a análise discursiva de um enunciado possibilita delinear a posição do sujeito que é marcada por certo exercício de poder, sendo o sujeito movido por uma vontade de verdade. Nas relações sociais, o indivíduo dá lugar a um sujeito de ação, produzido na exterioridade social, cultural e política, o que implica um sujeito subjetivo que age através de vontades que o conduzem no jogo das relações humanas.

No texto intitulado *O sujeito e o poder*, Foucault (2009) diz que seu objetivo foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos, o que o levou a propor os três modos de objetivação que transformam o ser humano em sujeitos. O primeiro são os modos de investigação, que busca atingir o estatuto da ciência. O segundo é a objetivação do sujeito produtivo, do que trabalha, no sistema economicamente estabelecido no social. O terceiro é a objetivação de estar vivo na história natural.

A condição sujeito está em todas as manifestações da ação humana, seja ela a mais simples, ou a mais articulada, nos entrelaçamentos de uma história que acontece de maneira dinâmica e mutável, o que leva esse sujeito a transpor de lugares e de níveis de atuação.

Foucault (2009) ainda afirma que o sujeito é dividido em seu interior e em relação aos outros, processo que o objetiva, quando fala sobre seu estudo em “práticas divisórias”, a segunda parte de seu trabalho, que busca essa objetivação. Essa divisão acontece no momento em que se instalam dualidades intrínsecas, nos movimentos do sujeito, uma determina a outra, os criminosos e o bons meninos, o doente e o sadio, por exemplo. Diante das declarações do próprio Foucault (2009), não foi o poder o ponto motriz de sua pesquisa, mas o sujeito e suas condições de existência.

As reflexões apresentadas por Foucault (2009) mostram que o sujeito é produzido e subjetivado em cada época, pelos discursos e dispositivos que o regem, no momento, na própria história que é descontínua. Na opinião de Pereira (2013), o filósofo francês elegeu como principal foco de suas investigações o sujeito, mesmo que nem sempre tenha deixado isso claro. Encontrar o principal ponto de sua teoria foi uma de suas principais preocupações. A verdade é, nos dizeres de Fernandes (2014. p. 116), “uma construção discursiva a partir dos

posicionamentos dos sujeitos, e reflete esses posicionamentos, ao mesmo tempo em que é operatória sobre os sujeitos.”

Para Fernandes (2014), o enunciado mais operatório da verdade refere-se ao sujeito e não às coisas. Este é o funcionamento dos discursos acometidos pelo poder. A verdade supõe e se situa no interior da relação sujeito-objeto, sendo o sujeito detentor de duplo papel: o de sujeito do saber e o de objeto sobre o qual recai determinado saber.

O conhecimento é construído e adquirido pela ação dos sujeitos, os quais agem pela verdade que lhes é apresentada, nos inconstantes cursos da história atual. A dinâmica dos sujeitos, de serem os agentes de saberes e sobre eles recaírem o próprio saber, faz deles seres instáveis, de incontáveis posicionamentos, frente as suas atuações no mundo das culturas atuais. Trazer essa concepção de sujeito para as práticas que conduzem a produção discursiva dos textos, no ensino de Língua Portuguesa, é possibilitar que o produtor de textos assuma vários posicionamentos, na medida em que discute e disserta sobre os mais diversificados temas que permeiam a sociedade.

Após tratarmos sobre o postulado foucaultiano a respeito do discurso, enunciado, arquivo, poder e sujeito, apresentaremos, no próximo capítulo, uma abordagem sobre dispositivo escolar, a propaganda política e uma análise dos PCN (BRASIL, 2000) e da BNCC (BRASIL, 2018) do Ensino Médio, documentos que orientam o ensino de língua. A análise teve o objetivo de verificar o campo teórico-metodológico em que se dá a produção textual no ensino de Língua Portuguesa.

CAPÍTULO II

O ATUAL DISPOSITIVO ESCOLAR NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: ENUNCIADOS, VISIBILIDADES E SUBJETIVIDADES E A PRODUÇÃO TEXTUAL DISCURSIVA DA PROPAGANDA POLÍTICA

Neste capítulo, abordamos as práticas escolares que priorizam os trabalhos com o livro didático e a gramática normativa, o que instala a rede de um *dispositivo* de saber e de poder que atende às exigências históricas e sociais de formação do conhecimento escolar com base nas ideias estruturalistas de ensino da língua e na formação social.

Concebemos a propaganda política como um gênero que está associado aos movimentos de evolução tecnológica e capitalista da sociedade e que requer determinada compreensão de suas condições de produções para estabelecer a sua compreensão e produção. O seu poder de persuasão ocupa espaço através da necessidade de convencer um público sobre as ideias que estão sendo desenvolvidas. Essa necessidade aciona diferentes recursos como palavras e imagens que são articulados em uma semiótica das significações, conforme Barros (2005), para atender aos propósitos comunicativos, o que resulta em um texto discursivo multimodal.

Destacamos na propaganda o espetáculo da imagem, de acordo com Debord (2003), que expressa as relações de poder no exercício da dominação social. Essas relações são articuladas por meio de enunciados que evidenciam o texto produzido no ensino de língua materna. A imagem traz para a discussão as composições ideologizadas existentes na sociedade em suas diversas condições de realizações.

Por fim, apresentamos um estudo sobre a produção textual e o discurso nos PCN (BRASIL, 2000) e na BNCC (BRASIL, 2018) ambos do Ensino Médio, documentos que orientam o ensino de língua materna. Não percebemos a presença de Foucault (1996) e nem de Foucault (2008), o que nos mostra que a noção de enunciado historicamente constituído e a de discurso, enquanto prática, não fazem parte das orientações desses documentos legais para o ensino da produção de textos nas aulas de língua materna na educação básica, embora os mesmos documentos estejam estruturados através de práticas discursivas que se estabelecem nas relações de poder do cotidiano. Identificamos a concepção de discurso de Bakhtin (2000) a respeito da dialogicidade da linguagem. A noção de enunciado concreto, que alicerça o postulado do autor, não está em evidência, apenas no contexto de produção desses documentos.

2.1 A AUSÊNCIA DA PRODUÇÃO DISCURSIVA NO ATUAL DISPOSITIVO ESCOLAR

O conceito de dispositivo como ferramenta analítica é desenvolvido por Foucault em sua obra *História da Sexualidade* (1976), principalmente, em *A Vontade de Saber*. O autor (2000, p. 244) esclarece o conceito como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos.

O dispositivo apresenta-se, de forma heterogênea, através de práticas discursivas que constituem o cotidiano das relações sociais em suas instâncias reguladoras. Concebemos a instituição escolar como um dispositivo de controle que orienta e instiga a realização de ações, que encadeiam as práticas educativas tidas como verdades em sua execução. Deleuze (1999) denomina o dispositivo como um conceito operatório multilinear, fazendo referência às três dimensões que Foucault distingue como saber, poder e subjetivação. As problemáticas foucaultianas são articuladas a uma reflexão que as práticas discursivas constituem e determinam os objetos. É a partir das reflexões sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade ocidental, práticas que abrem brechas, fraturas e recombinações nas configurações do saber-poder, que se estrutura o pensamento de Michel Foucault.

A busca de Foucault pelo discurso não é estabelecida em um lugar específico regido por uma disciplina, não está centralizado na Antropologia, na Filosofia, na História, apesar de ele questionar os métodos e concepções desses campos, e nem na Linguística, embora tenha pensado sobre a linguagem, em um espaço de conflitos com Saussure, e sempre ter considerado a ideia de que os dizeres é que constituem os objetos de que se fala. A base de seu pensamento sobre o discurso resulta do seu objetivo de compreender como se articulam os processos de subjetivação e as verdades no âmbito da produção discursiva. A subjetivação, para Foucault, é algo complexo e variável, são como processos modificáveis e plurais.

Ao tratarmos de uma análise do discurso com base nas contribuições de Foucault temos que associar discurso, verdade e subjetividade, o que gera uma tensão entre a sistematicidade da linguagem, a descontinuidade da história e a instabilidade da produção de subjetividades. Ao entrelaçar essas esferas, os estudos de Foucault apresentam-se como históricos. O que ele busca são respostas a uma questão: quem somos nós, hoje? O que significa para Foucault “é o

que se passa, o que somos e fazemos hoje: próxima ou longínqua, uma formação histórica só é analisada pela sua diferença conosco, e para delimitar essa diferença” (DELEUZE, 1992, p. 142). A intensão de Foucault não é promover um retorno ao passado, diferentemente disso, ele propõe diagnosticar sua própria atualidade. Mas também não se contenta em compreender só o presente, busca também apontar como o que poderia não mais ser o que se apresenta ser.

As práticas de ensino da língua sem reflexão de suas possibilidades discursivas, produzem práticas de normalização que disciplinam os corpos no espaço e no tempo escolar para a reprodução sistemática de conceitos sem a vivência discursiva da linguagem. Dessa forma, a partir do conceito foucaultiano de dispositivo, discutimos os contornos de visibilidade e de enunciação, as vertentes de força e os movimentos de subjetividades investidos na escolarização dos saberes da linguagem no ensino atual.

Na proposta de Foucault, analisar as práticas discursivas é reconhecer os processos que os discursos estabelecem com os poderes na construção de verdades historicamente delimitadas. Assim, a relação entre o discurso e o poder é intrincada e a análise arqueogenealógica deve compreender as articulações que se firmam entre essas duas concepções. Foucault (2003, p. 253) afirma que seu objetivo é

[...] examinar as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual funciona. O poder não está, pois, fora do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder.

Os discursos realizados no espaço escolar estão entrelaçados de poder, que sutilmente vai delineando os sujeitos para atenderem a um sistema disciplinador de corpos e ideias sobre as manifestações da linguagem. A reprodução de nomenclaturas são concepções aquém de uma reflexão discursiva da linguagem e, conseqüentemente, distante de um pensamento meditativo do que seja um trabalho com a linguagem no contexto atual, de enunciados que constroem os discursos, os quais elaboram as execuções da linguagem. O poder e a disciplina estão embutidos na formação educacional escolar do estudante de língua materna. Não falamos de disciplina enquanto componente curricular, mas sim, como meio regulatório de atitudes e de construção de conhecimentos.

A ausência da produção discursiva de textos na proposta de estudos da língua no atual dispositivo escolar tem construído um conhecimento restrito a regras de ordem normativa que não proporciona reflexão sobre os usos da linguagem pelos estudantes nos contextos

discursivos. Esse caráter disciplinador que estrutura a escola tem efetivado um regime que não promove os sujeitos a discutirem a língua em suas realizações discursivas.

A arqueogenealogia foucaultiana objetiva diagnosticar e compreender a racionalidade de práticas sociais do saber e do poder, as quais produziram o que somos nós hoje. A partir dessa conjuntura, especialmente pela precisão de incorporar às análises a dimensão heterogênea das práticas discursivas e não discursivas que produzem subjetividades é que Foucault elaborou o conceito de dispositivo.

O conceito de dispositivo resultou em novas movimentações teóricas, metodológicas e políticas referentes às discussões vigentes sobre o poder. Isso devido ao fato de a base de ação dos dispositivos se estabelecerem na normalização e na disciplina, e não na repressão ou na ideologia, como propõe a teoria marxista althusseriana.

Em entrevista “Sobre a história da sexualidade”, Foucault (2000) se refere a três facetas que ele considera sobre a noção de dispositivo. A primeira diz respeito a um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, enunciados, como já apresentado no início deste capítulo. A segunda se refere à natureza de poder existente entre esses elementos heterogêneos, destacando que há um jogo entre eles, isto é, mudanças de posição, modificações de funções, de relações etc. Por fim, a terceira faz referência ao dispositivo como um tipo de formação que tem como função responder a uma urgência. Por essa razão, Foucault (2009) afirma que ele tem uma função determinada por um imperativo histórico, o qual o atribui uma estratégia dominante.

Foucault (2009) acrescenta que o dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder, mas ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. O dispositivo é isso: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentados por eles.

Deleuze (1996) enfatiza o conceito foucaultiano de dispositivo à dimensão da visibilidade e da enunciação como sendo as formas de funcionamento do dispositivo. Trata-se de como funcionam os “regimes de luz” e “regimes de enunciados”, a maneira de como se estabelecem as relações entre o visível e o invisível, com suas mutações e transformações. As *linhas de força* estão presentes em toda a dimensão do poder, penetrando em palavras e coisas incessantemente, de forma estratégica e complexa em todos os espaços de um dispositivo. Enquanto que as *linhas de subjetivação*, conforme Deleuze (1996), são uma produção, um processo, que se deriva das demais dimensões do dispositivo. É um efeito resultante das relações entre as outras dimensões. O autor considera a subjetivação como uma linha de fuga que acontece devido as mudanças históricas que ocasionam mutações nos dispositivos.

A analítica foucaultina pode ser sintetizada no conceito de dispositivo por este possibilitar o entrecruzamento do saber, do poder e da subjetividade, as categorias que mobilizaram esforços do autor e promoveram movimentações em suas pesquisas e estudos. Partindo desse poder de síntese que o dispositivo dispõe, Courtine (2013, p. 79) propõe uma reinterpretação do conceito de “formação discursiva”, que é um alicerce da arqueologia foucaultiana. Esse repensar partiria da complexidade que há na heterogeneidade histórica do conceito de dispositivo. Assim, conforme o autor, a formação discursiva passa a ser entendida não só por meio de palavras, mas, com o mesmo valor, por meio das coisas e das visões que a observam. Dessa maneira, a formação discursiva pode ficar perto do conceito de dispositivo, abrangendo linguagem (verbal e não verbal) e práticas. A análise de discursos, como afirma Courtine (2013), através dos rastros de linguagens, passaria a ter como finalidade a reconstrução dos dispositivos, dos quais os textos são uma das formas de existência material. Como também das práticas, de trazer a vida para os gestos e a carne aos corpos.

Aceitando essa proposta de Courtine (2013), passamos a pensar a atual escola pública como um dispositivo constituído em um momento histórico determinado que apresenta em suas visibilidades, seus enunciados, suas linhas de força e nas subjetividades, deste dispositivo resultantes, a manutenção de práticas de ensino da língua materna que priorizam tão somente as concepções normativas de uso, o que não mais condiz com o presente contexto social em que as linguagens precisam ser compreendidas, discutidas e refletidas enquanto práticas discursivas.

Com o objetivo de entender esse dispositivo, propomos inicialmente aos estudantes colaboradores da pesquisa a ¹produção da propaganda política sobre a disputa à presidência da república em 2018, realizada no segundo turno pelos candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. O nosso objetivo foi evidenciar o funcionamento dos elementos desse dispositivo que tenciona estratégias para a manutenção de um ensino normativo da língua e, partindo desse material, elaborar um plano de ensino para possibilitar a produção discursiva da propaganda política. As nossas constatações do dispositivo escolar em que os alunos estão inseridos são apresentadas através das produções de iniciação dos trabalhos que estão no capítulo que apresenta o percurso metodológico.

¹ A estrutura composicional da propaganda política foi trabalhada na terceira etapa do Plano de Ensino. A solicitação da produção inicial aos alunos colaboradores, sem um trabalho prévio do gênero, foi com o objetivo de conhecer o atual dispositivo escolar em que o Ensino da Língua, especificamente, a produção textual está inserida.

2.2 PROPAGANDA POLÍTICA

Os relatos sobre o surgimento da propaganda são vários, entre alguns, podemos citar as palavras de Martins (1999), ao dizer que já houve quem tentasse atribuir um ar científico-arqueológico às origens desse texto, afirmando que, quando o homem das cavernas ao pendurar uma pele de animal na entrada da caverna, este cidadão pré-histórico, já estaria fazendo seu “comercialzinho” aos interessados no produto, o que o levaria a ser chamado de *PaleantropusPublicitarius*.

A palavra propaganda é derivada do latim *propagare*, que significa plantar uma muda no solo para uma nova produção, o que nos conduz a compreender a função desse texto como a de disseminar ideias, ideologias, para poder colher a aceitação de determinado público diante daquilo que se apresenta. Conforme Pinho (1990), a Congregação Religiosa teve como objetivo fundar seminários destinados a formar missionários para difundir a religião e a imprimir livros religiosos e litúrgicos, em contraponto à Reforma Luterana, movimento do século XVI, através do qual as posições e práticas da Igreja Católica foram questionadas. Após o movimento protestante, segundo Lupetti (2000), o Papa Clemente VII fundou a Congregação da Propaganda, com o objetivo de propagar a fé católica ao mundo.

Conforme Graf (2003), no Brasil, a propaganda surgiu com a vinda de D. João VI, quando decretou a abertura dos portos e, em 1808, liberou a importação de qualquer mercadoria transportada por navios portugueses ou estrangeiros, em paz com coroa, o que favoreceu, principalmente, os produtos ingleses. Essa atitude de D. João VI implicou uma nova postura social e cultural da população.

Em 1810, como afirma Graf (2003), é posto no mercado o dinheiro de papel em substituição às moedas, tornando-se logo popular. Nesse contexto, surgiu a propaganda com o lançamento do primeiro jornal, Gazeta do Rio de Janeiro, o que deu início a imprensa brasileira. O jornal tinha como objetivo relatar os acontecimentos de Portugal, devido à presença da família real no Brasil e demais portugueses. Os anúncios dessa época reproduziam as falas do cotidiano e dos vendedores ambulantes, eram textos curtos, informativos e sem ilustração, muitos apresentavam as boas condições de escravos para conseguir um bom preço. Em 1860, aparecem os primeiros painéis de rua, bulas de remédio e panfletos de propaganda. Em 1875, começam a surgir as ilustrações com desenhos, litogravuras e logotipos, com os jornais Mequetrefe e O Mosquito.

Martins (1999, p.39) afirma que a propaganda leva a necessidade ao consumidor sobre o produto, serviço ou ideia.

A propaganda só conheceu uma verdadeira expansão, contudo, no final do século XIX. A tecnologia e as técnicas de produção em massa já tinham atingido um nível de desenvolvimento em que um maior número de empresas produzia mercadorias de qualidade mais ou menos igual a preços mais ou menos iguais. Com isso, veio à superprodução e a sub demanda tornando necessário estimular o mercado, mudando o modo da técnica de proclamação para persuasão.

O desenvolvimento da propaganda está associado à evolução da sociedade tecnológica e capitalista. O caráter histórico e social desse texto requer uma apreensão de condições exteriores para sua interpretação e, conseqüentemente, sua produção. A persuasão recebe espaço através da necessidade de convencimento de um público acerca de ideias e de compra de produtos no campo da publicidade. Como afirma Pinho (1990), no Brasil e alguns países da América Latina, propaganda e publicidade são entendidas como sinônimos ou empregados indistintamente, mesmo que se tenha a propaganda no campo da propagação das ideias e a publicidade com fins comerciais. O que se percebe, como diz Malanga (1987), é que, embora a propaganda e a publicidade possam ter objetivos diferentes como afirmam alguns autores, elas apresentam pontos comuns quanto à técnica e aos veículos que utilizam, o que se observa é o mercado publicitário utilizando-as de forma imbricada.

A propaganda “[...] é uma ferramenta do marketing. Mas uma ferramenta tão complexa quanto, digamos, uma orquestra poderia ser enquanto ferramenta das artes.” (MARTINS 1999, p. 47). Para o autor, o marketing foi inventado nos Estados Unidos, na década de 20, quando alguém questionou se não seria mais inteligente saber o que as pessoas queriam comprar e a quantidade, qual a necessidade delas. Através do marketing podemos saber antecipadamente as características de comportamento, culturais, estéticas, psicológicas, sendo quase infundáveis as variações que podem subsidiar a construção da propaganda. Ele passa a ser um estudo acerca do produto, preço, ponto de venda e propaganda, os 4p, criados por Jerome McCarthy.

Cada propaganda é direcionada a um determinado público-alvo, “[...] cada segmento populacional de interesse é o que chamamos de público-alvo” (MARTINS, 1999, p. 40). Ao estudar o público a que se busca conhecer, são considerados sexo, renda, religião, idade, localização geográfica, entre outros, que são decisivos na elaboração de propagandas que venham a atingir seus objetivos de comunicação.

Na esfera social, utilizada pelas ideologias e disputas pelo poder, a propaganda ganhou espaço e nova função: promover candidatos políticos, o que os levou a assumir funções públicas, para convencer o povo das ideias que propagavam. A propaganda política, “essa

moderna arma”, como afirma Domenach (2001, p. 8), teve sua supremacia proclamada por Lenin e Hitler: “O principal – asseverou Lenin – é a agitação e a propaganda em todas as camadas do povo. Hitler disse: A propaganda permitiu-nos conservar o poder, a propaganda nos possibilitará a conquista do mundo.” (DOMENACH, 2001, p. 8).

O autor afirma que desde que existem competições políticas, a propaganda existe e desempenha seu papel. A propaganda é a linguagem destinada à massa. Ela emprega palavras e outros símbolos veiculados pelo rádio, pela imprensa e pelo cinema. O escopo do propagandista é o de intervir na atitude das massas, nos pontos submetidos ao impacto da propaganda, objetos da opinião, o que a leva a influenciar a atitude fundamental do ser humano, campo de pleno interesse de políticos. Ela movimenta mecanismos fisiológicos, psíquicos e inconscientes bastantes complexos, princípios que são tanto da estética como da ciência, bem como das relações do cotidiano. Domenach (2001, p. 14) afirma que

A propaganda política, conforme a examinamos, isto é, como uma empresa organizada para influenciar a opinião pública e dirigi-la, surgiu somente no século XX, ao termo de uma evolução que lhe proporciona ao mesmo tempo seu campo de ação – a massa moderna – e seus meios de ação: as novas técnicas de informação e comunicação.

As TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) representam um suporte de propagação de propagandas em grande dimensão, o que atinge o maior número de pessoas em tempo hábil. A internet é, atualmente, o suporte de maior relevância social, no que diz respeito a disseminação de ideias no campo político. Prova disso foi o período eleitoral de candidatos à presidência da república do Brasil, em 2018, onde o atual presidente ganhou as eleições fazendo uso de redes sociais para divulgar suas mensagens de campanha e suas propagandas, através de palavras e imagens, como também, outros candidatos, mas, com maior ênfase, este que assumiu o poder de governar o Brasil em primeiro de janeiro de 2019.

Para Domenach (2001), a propaganda política, de tipo publicitário, limita-se a campanhas eleitorais, valorizando ideias de certos homens mediante a processos bem delimitados, expressão normal da atividade política. O outro tipo é a propaganda que resulta da fusão da ideologia com a política, associada a progressão tática e joga com todas “molas”² humanas. Trata-se da expressão real da política em movimento, como vontade de conversão, de conquista e de exploração. Essa noção de propaganda está ligada à introdução das grandes e sedutoras ideologias políticas, como o marxismo, o fascismo e ao embate das nações nas novas

² Termo usado por Domenach (2001) para designar os recursos humanos acionados para compreender a propaganda que resulta da articulação de mecanismos ideológicos e políticos.

guerras da história moderna. Nessa propaganda, busca-se, internamente, a coesão e o entusiasmo em instaurar a desordem e o medo no campo do inimigo.

Conforme Domenach (2001), as novas propagandas políticas têm levado à inspiração em uma mitologia de libertação e de salvação, ligada, no entanto, ao instinto de potência e luta, mitologia ao mesmo tempo guerreira e revolucionária. A palavra mito está relacionada aos homens que participam de grandes movimentos sociais e veem sua própria ação em forma de imagem asseguradas no triunfo das causas. Tais mitos tocam no inconsciente humano e constituem representações ideais e irracionais correlacionadas à luta, exercendo uma influência coesiva sobre as massas.

Para Rodrigues (1990), em função da comunicação de massa, as diferentes mídias (TV, rádio, internet e outros) formam o campo midiático. Esse campo tem o papel de mediador da vida social, estando ligado a outros campos sociais. Conforme Lima (2006), a mídia é a indústria da cultura e a política, de acordo com a origem grega *polis*, o que é urbano, civil, público, e que historicamente está relacionado à noção de poder.

Gomes (2004) afirma que dos anos 20 até metade da década de 40, polarizava-se, no Brasil, a ideia de sociedade ou de política e negligenciava-se as discussões sobre os meios de comunicação de massa, vistos apenas de forma instrumental. Nos anos 60, apresentam-se novos estudos sobre comunicação e política, devido à autonomia crescente da indústria cultural, principalmente, com a consolidação da TV no país, o que fez a mídia ser vista não apenas como um instrumento de manipulação, mas como uma instituição. Entre os anos 60 e meados dos 70, a comunicação havia se transformado em uma indústria de forte poder de convencimento diante das massas e as práticas políticas difundiam-se através desses meios de comunicação em democracias cada vez mais estabelecidas. Nos anos 90, há uma profissionalização das campanhas políticas e surge uma corrente que busca entender a Comunicação Política como um campo interdisciplinar entre a comunicação e a Ciência Política.

Para Gomes (2004), nas décadas de 70 e 90, as pesquisas e estudos sobre a comunicação política ganham mais força e especialidades interdisciplinares relacionadas às Ciências Sociais foram se formando. Alguns aspectos da interface política e comunicação são destacados: a) a política contemporânea mantém relação estreita com a comunicação midiática; b) as estratégias políticas e eleitorais presumem uma cultura política centrada no consumo de imagens públicas; c) a eficácia das estratégias encontram-se subordinadas a instrumentos e profissionais do marketing, averiguação da opinião pública, planejamento da campanha, entre outros elementos; d) os direcionamentos políticos são, hoje, para os públicos que se tornaram uma audiência dos

meios de informação; e) a audiência é compreendida como um coeficiente que pode ser convertida em eleitores.

Em síntese, Gomes (2004) afirma que as relações entre a política e a comunicação são complexas e suscetíveis de investigação. A aparente predominância da mídia sobre as demais esferas da sociedade, esconde uma grande dependência da comunicação diante dos demais campos sociais. Mas vale destacar a relevância da mídia como fator determinante de uma disputa eleitoral, o que resulta na compreensão de que há uma reciprocidade entre política e a mídia contemporânea.

Os movimentos do homem, como sujeito político, em busca de posições sociais, e as realizações que executa através de elementos midiáticos, constituídos na historicidade da comunicação contemporânea, representam as condições de produção da propaganda política, um gênero discursivo, pelo viés de Bakhtin (2000), que é produzido para mobilizar segmentos sociais através de conjunturas ideológicas, que se instauram devido ao desejo de poder que os sujeitos detêm na esfera social. A concepção de gênero discursivo é atribuída aos usos múltiplos e variados da linguagem. “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

A propaganda política representa as ideias de um dado grupo social, não somente de quem a produz. Ela é elaborada em um determinado jogo de poder, incessante e sutil em suas realizações. Esse jogo se materializa através de práticas discursivas que mobilizam os sujeitos em suas atuações na constituição de seus discursos. O que nos conduz a analisá-la através das contribuições de Foucault (2008).

2.3 MULTIMODALIDADE, SEMIÓTICA GERAL E O ESPETÁCULO DA IMAGEM

O discurso em sua constituição e realização é semiótico. Isso nos faz considerar as afirmações de Courtine (2008) sobre a consagrada relação entre as palavras e as imagens, e destacar a importância de discutir sobre a multimodalidade, a semiótica e o espetáculo da imagem que também dialogam com a elaboração dos discursos. Ao trabalharmos com a propaganda no discurso político enfatizamos essas relações de campos que conversam para conceberem o acontecimento desse gênero, o qual se elabora através de enunciados que transitam na esfera social.

O desejo de poder, o estabelecimento de ideologias e a própria necessidade de comunicação do cotidiano na contemporaneidade levam os sujeitos a utilizarem diferentes

recursos na construção dos textos para atenderem a seus propósitos comunicativos, o que resulta em textos discursivos multimodais. Conforme Ferreira e Vieira (2018), o conceito de multimodalidade associa-se ao fato de que, nas práticas sociais mediadas pela leitura e pela escrita, os gêneros que circulam apresentam uma combinação fluida entre formas de linguagem escrita, oral, imagética, gestual, postural, de cores, musical e entre outras. Essas formas de linguagem são referidas como modos, ou como um conjunto articulado de recursos semióticos, os quais são fortemente transformados diante das necessidades comunicativas instituídas nas sociedades, o que nos permite conceber a propaganda política como um gênero discursivo multimodal.

Dionísio (2005) afirma que uma pessoa letrada deve ser capaz de atribuir sentidos a mensagens originadas de múltiplas fontes de linguagem, como também, ser capaz de produzi-las. Ao escrevermos um texto, usamos “[...] palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografias, [...], palavras e animações” (DIONÍSIO, 2005, p. 161). Ao utilizarmos a linguagem, empreendemos “operações individuais e sociais que são manifestações sócio-culturais, [...]” (DIONÍSIO, 2005, p. 162).

Ao produzir textos, o sujeito utiliza diversos enunciados que se materializam através de palavras e/ou imagens, bem como por meio da combinação entre essas. Isso faz do discurso político um espaço social de várias formas de manifestações da língua. A produção da propaganda requer do produtor conhecimento e reflexão acerca da realização discursiva que articula os enunciados. O aluno que chega a escola apresenta determinado conhecimento que precisa ser desenvolvido, como também, ser apresentado a novas situações discursivas através da produção textual na língua.

As gerações tecnológicas e os modos de veiculação do conhecimento, segundo Ferreira e Vieira (2018), promovem um conjunto de linguagens imbricadas que possibilitam várias formas de leituras e escrita. A linguagem verbal, sonora e visual ampliam as possibilidades de efetuação da língua. Na cultura contemporânea, seis tipos de lógicas comunicacionais e culturais coexistem: oral, escrita, imprensa, de massas, das mídias e cibercultura. A discursividade apresenta-se como sendo o meio pelo qual essas lógicas articulam-se para obter seus efeitos comunicativos desejados. É nesse espaço discursivo que o aluno constrói sua formação comunicativa por meio da associação de palavras e imagens na elaboração dos textos.

Barros (2005, p. 12) afirma que “para explicar ‘o que o texto diz’ e ‘como o diz’, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto.” A semiótica, nessa concepção, insere o gênero produzido em um contexto “sócio-histórico que o envolve e que,

em última instância, lhe atribui sentido.” (BARROS, 2005, p. 12). Ao considerar as condições histórico-sociais em que os textos são concebidos, os diversos enunciados podem confluir em um dado texto. Os enunciados são construídos na historicidade das coisas, e estas apresentam-se através de palavras e/ou imagens. Na atualidade, os textos são alicerçados por variadas formas de linguagens, como as propagandas, o nosso gênero de trabalho, daí a multimodalidade textual e a semiótica geral que condicionam esses mesmos textos a terem uma situação de produção e recepção a partir dos detalhes que estão nos enunciados.

A semiótica moderna considera a exterioridade na concepção do texto, o que insere as produções textuais na sala de aula em uma linha histórica de acontecimentos que são conhecidos através do surgimento de novos dizeres dos sujeitos, os quais se expressam condicionados ao dispositivo em que estão submersos. As imagens são o resultado daquilo que é exterior ao sujeito, mas que passa a ser considerada como parte de si em uma movimentação incessante que desemboca na produção discursiva, que é um gênero constituído por enunciados de várias modalidades discursivas organizadas pelo sujeito para significarem.

Para Brait (2009), a dimensão verbo-visual da linguagem é o traço constitutivo do sujeito e de sua identidade, uma vez que essa dimensão está presente no cotidiano das relações sociais, seja por meio da internet, da presença de outdoors, painéis em muros, espalhados pela cidade etc. A imagem é uma das formas contemporâneas de comunicação. Nessa perspectiva, a propaganda política apresenta-se como um gênero de muitas possibilidades de produção, por estar veiculada aos contextos de construção de imagens associadas aos conteúdos construídos na sociedade.

Courtine (2008, p. 17) afirma que “ [...] é impensável que pretendamos ainda hoje separá-las [as palavras] das imagens – imagens fixas e imagens em movimento – e que não consagremos ao funcionamento das imagens e à sua relação com o discurso a mesma atenção que dispensamos aos enunciados verbais.” As imagens estão interligadas com outros elementos do texto para significarem e darem sentido à comunicação. Quando os alunos produziram as propagandas, foi posta em evidência essa ligação entre as palavras e as imagens, que fazem com que os enunciados se manifestem de diversas formas na elaboração dos textos.

Milanez (2013) afirma que há um diálogo entre o sujeito e sua história através da transversalidade que compreende o interdiscurso. “Digamos que essa transversalidade que se situa no interior e no exterior do discurso deixa rastros nos dizeres dos sujeitos e afeta, de certo modo, o próprio sentido das palavras” (MILANEZ, 2013, p. 345). O trabalho com a produção discursiva proporciona o acesso a essa transversalidade, o que atribui às palavras novas funções na materialização do enunciado.

Para Gregolin (2011), sempre haverá a possibilidade de um acontecimento ser retomado, transformado, relido. A imagem apresenta-se como uma operadora de simbolização, por isso ela aparece rodeada de elementos verbais. Essa relação de materialidades verbal e não verbal opera a memória. O texto dispõe-se por meio dessas relações de linguagens que o fazem acontecer e estabelecer uma inter-relação de dizeres. Isso mostra que é importante perceber os detalhes na articulação das imagens com as palavras, quando se pretende compreender os enunciados que constroem o texto.

Gregolin (2007) afirma que a análise do texto não verbal, associado ao verbal, possibilita estudos discursivos, pois a sociedade se mostra cada vez mais midiática e a linguagem da mídia é inevitavelmente imagética. As relações dos textos verbal e não verbal evidenciam os enunciados que edificam os textos em sua organização semiótica.

O discurso político, conforme Courtine (2008), passa por metamorfoses devido às reviravoltas da mídia de transmissão, dos modos de circulação e recepção, e os dispositivos de espetacularização, os quais esse discurso está inserido. A produção e circulação de imagens nas discursividades líquidas contemporâneas, para Courtine (2008), constroem formas de dominação políticas e psicológicas, as quais contribuem para a formação do sujeito. O processamento das imagens em sentido líquido “[...] se fundamenta na volatilidade, na efemeridade, na descontinuidade [...]” (COURTINE, 2008, p. 17). Isso afirma a necessidade de estudos acerca da diversidade de imagens que são constituídas na historicidade e realizam dizeres, ao serem inseridas nos textos que passam a ser vistos como multimodais e semióticos.

A produção de textos na perspectiva do discurso político está associada aquilo que é mutável, o que favorece a formação linguística do sujeito, por não estar ligada a conceitos cristalizados, mas sim, às possibilidades de funcionamento da língua. Isso faz da propaganda uma produção que possibilita a compreensão de palavras e imagens em determinado dispositivo de circulação e compreensão.

Para Bauman (2007, p. 7), o

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo.

A propaganda política acontece nessa esfera de liquidez, a qual estrutura a sociedade na atualidade e mobiliza os dizeres através dos modos de pensar e agir dos indivíduos, em curtos

espaços de tempo entre os acontecimentos da vida cotidiana. Na formação da individualidade, não há escolha individual. Nesse contexto de ideias e atitudes efêmeras, onde os indivíduos são comuns a todos, devido à busca pela aceitação social, as propagandas materializam os desejos de espetáculo dos sujeitos.

A sociedade do espetáculo, preconizada por Debord (2003), valoriza a imagem em detrimento do conteúdo. Essa prática leva muitos políticos e produtores de texto a reduzirem suas propagandas a sua imagem, o que leva o gênero a passar por transformações e a exercer a função de “palco” para os possíveis sentidos que a imagem pode propor. Para Debord (2003), a construção do espetáculo é uma maneira de alienar e dominar a sociedade para produzir uma falsa consciência do existir, na tentativa de criar a ilusão de uma sociedade unificada na figura de quem constitui a propaganda. Nessa configuração da sociedade, o espetáculo é visto como uma espécie articuladora da dominação que habita o dispositivo. Essa prática teve início com a Revolução Industrial, quando as pessoas passaram a valorizar o ter e não o ser, devido ao excedente de produtos que estavam à disposição de quem os comprasse, o que alterou as relações humanas.

A espetacularização na política, edificada pela personalização de candidatos, não é um fenômeno recente. Os líderes que remontam a história, como reis, imperadores, já eram formadores do espetáculo em sua volta, mas, desde do século XX, que a realidade tem sido ampliada com os recursos das tecnologias midiáticas. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (DEBORD, 2003, p. 14). Segundo Debord (2003, p. 15),

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. [...]. É o coração da irrealidade na sociedade real. Sob todas as formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo [...], o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante.

O espetáculo está presente em várias propagandas políticas que funcionam como o espaço de apresentação da imagem de determinado candidato na disseminação de composições ideologizadas como maneiras de existência na sociedade, em contraponto a outras composições que se fixam nas relações dominantes. “O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. É o auto-retrato do poder no momento da sua gestão totalitária das condições de existência.” (DEBORD, 2003 p. 21). As relações de poder podem ser percebidas através da espetacularização de imagens que são trabalhadas nas

propagandas políticas no exercício da dominação social. Essas relações são desencadeadas por meio dos enunciados que evidenciam os textos produzidos pelos alunos no espaço escolar.

A propaganda política é estabelecida pelos diversos posicionamentos do sujeito, o qual entrelaça enunciados que se desenvolvem no cenário social das sociedades democráticas. Isso permite encadear esferas discursivas historicamente constituídas para estabelecer a comunicação do gênero produzido.

A imagem é um elemento discursivo que deve ser considerado nas análises empreendidas às propagandas políticas produzidas pelos alunos na pesquisa realizada. Por tratarmos do enunciado em conformidade com as contribuições de Foucault (2008), ao admitir que “qualquer série de signos, de figuras, de grafismos ou de traços - não importa qual seja sua organização ou probabilidade - é suficiente para constituir um enunciado.” (FOUCAULT, 2008, p. 95), abordaremos as imagens como manifestações de enunciados, ou seja, enunciados que integram e constituem os textos produzidos através da discursividade.

2.4 A PRODUÇÃO TEXTUAL E O DISCURSO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

A educação básica brasileira tem como suporte documentos que servem de referência para a realização dos trabalhos pedagógicos. Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) (BRASIL, 2000) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (BRASIL, 2018), ambos do Ensino Médio, elaborados pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), são os documentos que apresentam concepções teórico-metodológicas para o desenvolvimento da ação do professor nas práticas de ensino e aprendizagem. Nesses documentos, realizamos um estudo nos blocos destinados ao ensino de Língua Portuguesa, especificamente, no que se refere à produção textual.

Nos PCN (BRASIL, 2000, p. 18) afirma-se que

[...] o aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é o produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem.

Os PCN (BRASIL, 2000) apresentam a produção textual como uma ação necessária à condição humana, em uma visão sóciointeracionista, o que marca a presença de interlocutores durante o processo. O aluno é concebido como um produtor de textos dialógicos nos contextos sociais e históricos. Nessa abordagem, percebe-se as noções de Bakhtin sobre dialogicidade.

“O texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também único de análise/síntese.” (BRASIL, 2000, p. 19). O enunciado é compreendido na concepção de Bakhtin (2000), embora não seja mencionada a noção de enunciado concreto.

As teorias bakhtinianas sobre a linguagem e os processos de verbalização também estão presentes nos PCN (BRASIL, 2000, p. 19) em trechos como “[...] no processo de verbalização, em que processos cognitivos são ativados, no jogo dialógico do ‘eu’ e do ‘outro’.” O “outro” social que se mantém no diálogo com o “eu”, também social, na determinação das interações.

Esse documento apresenta as disciplinas da área das Ciências Humanas e suas tecnologias como colaboradoras nesse processo de concepção da linguagem: relacionando os discursos com contextos sóciohistóricos, ideologias, simulacros e pensam os discursos em sua intertextualidade que podem revelar a diversidade do pensamento humano. Percebe-se uma noção de discurso associada a exterioridade, no entanto o discurso é pensado em uma relação intertextual, contribuição da linguística textual, e não interdiscursiva, que é uma noção da AD.

Nos PCN (BRASIL, 2000, p. 21) afirma-se que “os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua. [...] A funcionalidade dos discursos estimula o como e o que dizer”. Os gêneros discursivos são abordados através das aberturas que a própria dialogicidade permite. A concepção de discurso, de ser aquilo que se diz, é compreendido ao longo do texto, o que está na noção bakhtiniana. Essas declarações não demonstram clareza na conceituação de discurso, como em outras afirmações: “[...] a escolha do gênero e tipos de discursos”. (BRASIL, 2000, p.22).

A produção textual no documento é evidenciada no campo discursivo de Bakhtin (2000), embora não seja mencionado, e também, mesmo que sutilmente, na linguística textual, quando se trata da intertextualidade. O ensino da língua é ancorado na interação e na interdisciplinaridade.

A BNCC (BRASIL, 2018, p. 490) orienta que

[...] cabe ao Ensino Médio aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos.

A linguagem é abordada através de seus funcionamentos sociais e de suas múltiplas manifestações. A produção textual é vista como a expressão do que é estético, ético e político, bem como a produção de discursos, o que levaria à produção de conhecimentos e uma intervenção crítica do estudante na realidade.

A BNCC (BRASIL, 2018, p. 490) considera que

[...] do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor).

Nesse ponto, é evidenciada a cultura digital e as novas formas de linguagens que resultam nos multiletramentos. As interações que ocorrem na mídia e nas redes sociais e os processos de informação estabelecem o papel de leitor/autor. A noção de autor é colocada sem um maior esclarecimento teórico. Acreditamos poder considerar a figura de autor na concepção de Orlandi (2012), quando apresenta o papel de autor para alunos produtores de textos na escola. Sabemos que a produção de textos no cenário social envolve uma maior complexidade, mas os textos elaborados em sala de aula também são em situações de comunicação social.

No tópico destinado às habilidades, referentes às práticas de leitura e produção, verificamos que o sugerido é “relacionar o texto, tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor previsto, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.)” (BRASIL, 2018, p. 498). Nessas orientações, as relações do texto com a realidade social e histórica são consideradas, como também as condições de produção do autor nos propósitos discursivos na elaboração do gênero. É perceptível a presença da teoria de Bakhtin (2000) referente aos gêneros discursivos, o que nos leva a compreender a noção de discurso também nessa concepção.

Em outro ponto, a BNCC (BRASIL, 2018, p 498) defende

Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

O pensamento de Bakhtin (2000) sobre as partes que compõem os gêneros discursivos, como estilo e estrutura composicional, é expressamente indicado, o conteúdo temático é apresentado como progressão temática. Os gêneros são associados a conhecimentos linguísticos, como as relações lógico-discursivas, que são importantes na estruturação textual desde que sejam apreendidas em suas condições de uso, o que é dito através das condições de produção.

A BNCC (BRASIL, 2018) assinala que se deve analisar as relações de intertextualidade e interdiscursividade, o que permite a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas e a compreensão de paródias e estilizações, entre outras possibilidades. Essa relação determina a ligação entre saberes do discurso e conhecimentos da linguística textual para a percepção das ligações dialógicas no texto, o que se observa com frequência são as contribuições de Bakhtin (2000).

Na BNCC (BRASIL, 2018, p. 499) constata-se a indicação para

Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deontica e apreciativa) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais, tempos e modos verbais, expressões modais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas, advérbios, locuções ou orações adverbiais, entonação etc.), uso de estratégias de impessoalização (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção.

Na citação, é mencionada a posição do enunciador diante do que é dito nos textos dos gêneros discursivos, o que define os lugares de fala que ele pode ocupar. Os recursos gramaticais também são indicados como pontos que devem ser analisados nos textos com vistas na compreensão do que foi produzido, mediante o contexto de produção.

A BNCC (BRASIL, 2018) considera que se deve planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos. Aprender suas adaptações às condições de produção, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido, e à imagem que se pretende passar, a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido. O veículo e a mídia em que o texto ou a produção cultural vão circular também devem ser considerados, diante do contexto imediato e sócio-histórico mais geral. O texto deve se adequar ao gênero abordado, às suas regularidades, à variedade linguística apropriada e aos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre adequados ao contexto.

O documento propõe analisar o histórico de candidatos, por meio de ferramentas e plataformas de fiscalização e acompanhamento, entre outras possibilidades. Acompanhar programas políticos na busca de identificar as prioridades e intencionalidades, as consequências do que está sendo proposto, avaliando a eficácia e/ou o impacto das propostas, contraste de dados e informações. A validade dos argumentos utilizados e as propagandas políticas devem ser estudadas, identificando os recursos linguísticos e semióticos utilizados e os efeitos de sentido que podem provocar. Verificar a viabilidade e pertinência das propostas apresentadas, explicitando os efeitos de persuasão próprios dos discursos políticos e publicitários, que podem se sobrepor a análises críticas.

Nos documentos analisados percebemos as concepções de Bakhtin (2000), no que se refere à noção de discurso e aos gêneros discursivos, associados à linguística textual e aos recursos da gramática. Os recursos multissemióticos são apresentados como formas de linguagem que precisam ser considerados nas propostas de leituras e produção textual. Isso mostra que a base de orientação do ensino de língua materna da Educação Básica, especificamente no Ensino Médio, é dialógica e sóciointeracionista, mesmo sem abordar a noção de enunciado concreto, que é a base do postulado bakhtiniano, estando apenas na compreensão exterior à leitura. Não identificamos contribuições foucaultianas nos documentos, não há presença de noções do discurso como conjunto de enunciados, como prática, de enunciado como função de existência e nem das relações de poder em que se realizam o enunciado, como base teórica para o ensino da produção discursiva em sala de aula, embora os mesmos documentos estejam estruturados através de práticas discursivas que se estabelecem nas relações de poder do cotidiano.

Após termos discutido sobre dispositivo escolar, propaganda política, multimodalidade, semiótica, espetáculo da imagem e analisado os PCN (BRASIL, 2000) e a BNCC (BRASIL, 2018), com vistas na produção textual e no discurso, no próximo capítulo, abordaremos o percurso metodológico.

CAPÍTULO III

O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nosso percurso metodológico foi constituído por uma pesquisa do tipo qualitativa, de base etnográfica, rica em detalhes que possibilitam ao investigador revelar implicações que podem contribuir para o processo educacional, como afirmam Moreira e Caleffe (2006). Adotamos uma postura de professor-pesquisador que vai além de mero reprodutor de conhecimento, como considera Bortoni-Ricardo (2008), pois articulamos ações que visam uma efetiva aprendizagem, através de diálogos com os estudantes na busca de possíveis soluções para os problemas que surgiram durante as práticas de produção discursiva.

Apresentamos a pesquisa como exploratória, por ter sido desenvolvida com base em material já elaborado, como afirmam Moreira e Caleffe (2006). As leituras realizadas foram no campo da AD, em particular, a partir das contribuições de Foucault sobre discurso, enunciado, arquivo e relações de poder. Além disso, empreendemos uma análise nos documentos nacionais, PCN (BRASIL, 2000) e BNCC (BRASIL, 2018) no campo do ensino de LP, especificamente, no que se refere às práticas de produção textual. É também uma pesquisa-ação, por aplicarmos ações objetivando melhorar o ensino-aprendizagem. Inicialmente, realizamos análises em textos produzidos pelos estudantes colaboradores para averiguar a base teórico-metodológica em que se davam tais práticas. Nossa metodologia foi dividida em cinco etapas: 1. Realização de uma observação participante; 2. Realização de uma atividade de sondagem; 3. Elaboração de um plano de ensino; 4. Aplicação do plano de ensino; 5. Levantamento dos dados e construção do texto dissertativo para conclusão do mestrado.

Discorremos sobre o *lócus* da pesquisa, a Escola Amaro Lafayette, localizada na cidade de Sertânia-PE; os sujeitos, estudantes moradores de bairros pobres e da zona rural; a observação participante, que consiste em o pesquisador envolver-se com o grupo de pesquisa na realização das atividades desenvolvidas no cotidiano, principalmente, naquelas relacionadas ao objeto de pesquisa; o *corpus*, que foi constituído pelas observações e anotações, pelas respostas à atividade de sondagem, pelas produções de iniciação dos trabalhos e pelas produções textuais discursivas, que compõem o quarto capítulo, dos alunos da 3ª série do Ensino Médio; e a proposta do Plano de ensino, o produto do nosso mestrado profissional.

3.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA

A nossa pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de base etnográfica, por ser “[...] rica em detalhes [...] com mais possibilidades de revelar implicações que possam ser usadas para melhorar a educação” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 89), o que faz o pesquisador assumir uma postura de observador participante, na perspectiva de uma visão holística, para isso foram feitos questionamentos, pré-estabelecidos na literatura e nas indagações que surgiram durante o processo de aplicação da pesquisa.

A pesquisa qualitativa preocupa-se em desenvolver trabalhos que visem a compreensão de fenômenos que ocorrem no dinamismo e na complexidade da sociedade contemporânea, o que nos leva a inscrevê-la no âmbito das Ciências Sociais. Para Bortoni-Ricardo (2008, p.10), “a pesquisa em sala de aula se insere no campo da pesquisa social”, o que nos propicia motivos para analisar os resultados, dialogando com a postura que cada sujeito assume diante dos contextos que a ele são apresentados. Essa abordagem supera a pesquisa quantitativa, pois não busca converter os dados em valores numéricos, mas interpretá-los em seu contexto natural, em que o sujeito age de forma espontânea e/ou condicionada.

Denzin e Lincoln (2006) definem a pesquisa qualitativa como uma atividade que insere o pesquisador na condição de observador das ações humanas que acontecem no mundo. Essa prática conduz o observador a evidenciar as transformações e significações realizadas pelos sujeitos nas ações do cotidiano. A abordagem acontece naturalmente com o objetivo de interpretar os fatos ocorridos em contextos determinados, o que leva o pesquisador a estudar os significados que os sujeitos atribuem às coisas em sua contínua atuação nos processos de comunicação. Ao considerar esse tipo de pesquisa, adquirimos conhecimentos para compreender a razão das dificuldades dos alunos em produzir textos. Para constatar esses motivos, trabalhamos com a propaganda política.

Diante do modelo de pesquisa abordado, o professor-pesquisador, conforme Bortoni-Ricardo (2008), vai além de mero reprodutor de conhecimento, ele passa a assumir uma postura de articulador de ações que visam a efetiva aprendizagem, o que o leva a promover diálogos com os estudantes, na busca de soluções para problemas que surjam durante a execução das aulas destinadas à produção textual.

As posturas de cada sujeito, na realização da pesquisa, são consideradas em seu caráter individual, o que faz ter como base da pesquisa qualitativa a etnografia. Para Moreira e Caleffe (2006), a etnografia tem como característica dar ênfase ao comportamento social, considerando dados qualitativos, através das observações e interpretações realizadas no contexto das ações

humanas. No âmbito dessas ações, os resultados da pesquisa são considerados através da concepção de discurso de Foucault (1996) e das condições de produção, mediante as relações de poder de acordo com Foucault (1978), instauradas no cotidiano de sala de aula.

O ponto de maior relevância da etnografia, segundo Moreira e Caleffe (2006), é a descrição contextualizada do fenômeno pesquisado, compreendendo o objeto de verificação através da observação direta e por um período de tempo. Nossa pesquisa também foi explicativa, por apresentar as causas das dificuldades na produção textual, depois de um período de observação de um mês. Realizamos a pesquisa em 05 (cinco) encontros, cada um composto de 02 (duas aulas), cada aula de 50 (cinquenta) minutos.

Moreira e Caleffe (2006) afirmam que a etnografia da educação consiste em formular uma questão relevante a ser pesquisada: em nossa pesquisa, indagamos “como é realizada a produção textual discursiva através do uso de enunciados”; saber identificar o grupo a ser estudada a questão que moveu o pesquisador: em nosso caso, selecionamos uma turma de 3ª (terceira) série do Ensino Médio regular noturno, de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Sertânia-PE; introduzir uma proposta de pesquisa ao grupo: a nossa foi possibilitar a produção discursiva da propaganda política através do uso de enunciados.

Também podemos incluir nossa pesquisa no método hipotético dedutivo, o qual nos permitiu lançar compreensões de como realizar os trabalhos para uma melhor aprendizagem. Desenvolvemos práticas eficazes de produção discursiva da propaganda política, que nos permitiram construir a noção de instância produtora, conforme Foucault (2008), na associação dos enunciados para a constituição dos textos.

A pesquisa é bibliográfica por ser “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 74). Foram realizadas leituras no campo da AD e, em particular, nas contribuições de Foucault sobre o discurso e suas implicações, trazendo as concepções de discurso, enunciado, arquivo, enunciação, dispositivo escolar e relações de poder para o cotidiano dos sujeitos em suas ações para as práticas de produção discursiva.

Além disso, empreendemos uma pesquisa documental, por “[...] escolher os documentos; [...] acessar os documentos; [...] analisar os documentos; [...] redigir relatório.” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 75). Nessa pesquisa, analisamos os PCN (BRASIL, 2000) e a BNCC (BRASIL, 2018) do Ensino Médio, no campo que trata do ensino de Língua Portuguesa, especificamente, das práticas de produção textual, com o objetivo de averiguar sobre que bases teóricas e metodológicas essas práticas são estabelecidas para sua efetiva execução em sala de aula. Ancorada nessa perspectiva, também, foram feitas, inicialmente,

análises em textos produzidos pelos discentes colaboradores, com o intuito de diagnosticar quais teorias e metodologias eram concebidas para essas práticas. A análise de documentos é compreendida como uma rica fonte de informações que pode contribuir para a realização da pesquisa, por proporcionar a possibilidade de se obter novas informações e interpretações acerca da problemática investigada.

A nossa pesquisa também pode ser compreendida como pesquisa-ação. Conforme Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa-ação caracteriza-se como uma ação que busca mais do que descrever fatos observados, objetiva provocar mudanças no ambiente investigado, assumindo caráter hermenêutico e emancipatório, o que nos levou a aplicar um plano de ensino após determinado período de observação participante, buscando promover uma melhoria na aprendizagem, o que a caracteriza, também, como aplicada.

Para tanto, nossa pesquisa foi dividida em cinco etapas: 1. Realização de uma observação participante; 2. Realização de uma atividade de sondagem; 3. Elaboração de um plano de ensino; 4. Aplicação do Plano de Ensino; 5. Levantamento dos dados e construção do texto dissertativo para conclusão do mestrado.

Na observação participante, buscamos apreender e verificar a ocorrência de fenômenos que contribuía direta e/ou indiretamente para as dificuldades apresentadas pelos alunos em realizar uma produção textual que apresentasse informações através da articulação das linguagens na ação proposta, posicionamento diante do tema abordado e coerência com o leitor/interlocutor frente aos movimentos de compreensão.

Na segunda etapa, a realização de uma atividade de sondagem, aplicamos um questionário para saber o que eles entendiam sobre produção textual, se faziam produções na sala de aula e que conceito de discurso detinham. O nosso propósito foi conhecer o cotidiano dos alunos no que se refere às práticas de produção textual, as concepções teórico-metodológicas, e assim confirmar o dispositivo escolar no qual estavam inseridos. As informações obtidas subsidiaram a elaboração do plano de ensino.

Depois, solicitamos aos estudantes colaboradores que produzissem uma propaganda política, tendo como contexto as eleições para a presidência da república em 2018. O intuito foi perceber se eles conheciam o gênero posto em evidência e sob que conhecimentos teórico-metodológicos realizariam a produção.

A terceira etapa foi construída através da elaboração de um Plano de Ensino para a aplicação em sala de aula em 05 (cinco) encontros, com a finalidade de trabalhar a propaganda política discursivamente através do uso de enunciados.

A quarta etapa consistiu na aplicação do Plano de Ensino, o que proporcionou a percepção do desenvolvimento dos alunos, até que ponto eles avançaram com a produção discursiva.

A quinta etapa constitui este texto dissertativo para conclusão do mestrado.

3.2 LÓCUS DA PESQUISA

A escola (Figura 1) selecionada para a realização da pesquisa está situada na cidade de Sertânia-PE, a qual foi fundada em 1958 por professores que vieram da cidade de Recife, com o nome de Escola Estadual Amaro Lafayette. Esse nome foi em homenagem a um farmacêutico influente da cidade. Nessa época, só estudavam homens, de 1ª a 4ª séries da extinta nomenclatura 1º grau menor. Em 1963, passou a ser Escola Industrial Amaro Lafayette, funcionando de 5ª a 8ª séries, com aulas de marcenaria, o que proporcionava aos alunos a habilidade de fazer portões, basculantes e peças de ornamento. Em 31 de dezembro de 1974, passou a ser Escola Amaro Lafayette, decreto Nº 3.433, funcionando o 1º grau. Em 11 de fevereiro de 1981, passou a funcionar o 2º grau, ficando 1º e 2º graus, pelo decreto Nº 7.072. Em 1983, começou a funcionar o Magistério, momento em que as mulheres passaram a compor o corpo docente. Atualmente, funciona o Ensino Fundamental II, Ensino Médio regular e um projeto de correção de fluxo: Projeto Travessia³.

Figura 1. Escola selecionada para a realização da pesquisa



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

³ Programa de aceleração de estudos do Estado de Pernambuco, lançado em junho de 2007, configura-se como uma política pública cuja finalidade é reduzir a defasagem idade/série dos estudantes do Ensino Médio da rede estadual de ensino.

Atualmente, a escola dispõe da estrutura física apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Estrutura física da escola

Especificação	Quantidade
Secretaria	01
Sala da gestão	01
Sala de professores	01
Sala de coordenação	01
Biblioteca	01
Central de tecnologia	01
Salas de aula	08
Auditório	01
Quadra esportiva	01
Cozinha	01
Depósito de merenda	01
Refeitório	01
Depósito de material escolar	01
Almoxarifado	01
Banheiros para professores	02
Banheiros para estudantes	02

Fonte: quadro elaborado pelo pesquisador

A escola é considerada de médio porte, de acordo com a classificação da rede estadual de ensino, por ter em média 850 (oitocentos) alunos. É válido ressaltar que à escola estão vinculadas outras 05 (cinco) escolas, localizadas em 05 (cinco) distritos. Cada escola anexa detém a modalidade de Ensino Médio, turmas pertencentes a rede estadual e turmas do Ensino Fundamental, da rede municipal de ensino.

A secretaria é formada por uma secretária, uma analista técnica e quatro técnicos administrativos, funcionando nos três turnos, manhã, tarde e noite. A gestão escolar é composta por uma gestora, um gestor adjunto e uma educadora de apoio. Compõem a biblioteca duas bibliotecárias. Há 20 (vinte) professores entre efetivos e contratados, divididos entre as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Biologia, Física, Química, Educação Física, Arte e Ensino Religioso. Três auxiliares de limpeza, três merendeiras e dois porteiros.

A biblioteca funciona nos dois turnos: manhã e tarde, ficando à noite fechada, o que prejudica os trabalhos de leitura e pesquisa dos alunos do Ensino Médio. Há um computador conectado à internet, além de livros didáticos e paradidáticos. O espaço não é amplo, mas consegue atender aos estudantes. Anualmente, promove uma competição de produção de resenhas críticas de livros lidos, mas ainda sem um número de participantes privilegiado.

O piso das salas é de blocos de granito. Todas contêm ventiladores e algumas ar-condicionado, inclusive nas salas da secretaria e da gestão. Há ventiladores no auditório e na cozinha. A quadra não apresenta piso adequado, por isso os jogos não ocorrem lá, e sim em uma quadra de uma escola vizinha. No período da pesquisa, a escola passava por uma reforma, que consistia em colocar cerâmica em meia parede em toda a escola, seguindo o padrão do Estado.

3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os estudantes colaboradores da pesquisa residem na cidade de Sertânia-PE, são moradores de bairros pobres e da zona rural. De acordo com informações dos próprios alunos, a renda, da grande maioria, vem da agricultura e da pecuária, mas com pouco desenvolvimento, apenas para a subsistência familiar.

Alguns trabalham em “firmas” que prestam serviço para a transposição do rio São Francisco, outros em supermercados. Trabalham durante o dia e estudam à noite. Devido ao excesso da carga horária em alguns trabalhos, muitos chegam atrasados, e em razão do cansaço, dormem durante as aulas.

A idade dos alunos é entre 20 e 30 anos, em sua maioria, e alguns têm em média 40 anos, o que mostra certa distorção entre idade e série. Isso evidencia uma turma de discentes com objetivos de vida muito distintos e contextos de vida específicos, o que requer dos professores um maior comprometimento diante do ensino e da aprendizagem. Essa foi a principal razão que nos levou a escolher essa turma para realizarmos a pesquisa: investigar como era realizada a produção textual discursiva nesse âmbito de discrepâncias e desafios para o ensino da língua.

A desistência ocorre com pouca frequência, pois muitos alegam que “tem que terminar os estudos” e “arrumar um emprego melhor”. As notas das avaliações e das atividades realizadas durante a unidade bimestral ficam na média (6,0), classificação da rede estadual de ensino. O que se percebe é que não há um avanço com notoriedade na aprendizagem, mas uma preocupação em manter a nota exigida para a aprovação, possivelmente, por não disporem de

tempo para se dedicarem aos estudos e, talvez, por uma própria necessidade de aprendizagem que não foi resolvida em séries anteriores. O incentivo que os move é a vontade de melhorar de emprego.

3.4 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante consiste em o pesquisador envolver-se com o grupo de pesquisa na realização das atividades desenvolvidas no cotidiano da sala de aula, principalmente, naquelas relacionadas ao objeto de pesquisa. Esse tipo de observador está presente nas tomadas de decisões através das interações que se estabelecem. Para Brandão (1984), diante da complexidade dos aspectos que envolvem a pesquisa participante, a participação da equipe constitui-se em um dos elementos componentes de seu alicerce. Essa realização ocorre a partir do momento em que se vislumbra uma convergência de atitudes favoráveis à perseguição de objetos comuns. Nessa trajetória, o pesquisador insere-se como sujeito, juntamente com o grupo interessado e a serviço não do grupo, mas da prática política daquele grupo.

Angrosino (2009, p. 33) afirma que “[...] na observação participante, os membros da comunidade estudada concordam com a presença do pesquisador entre eles como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisador.” A relação entre pesquisador e colaboradores foi construída de forma respeitosa e amigável, o que propiciou uma apreensão detalhada das atividades pelo observador. Para Angrosino (2009, p. 33), “[...] o observador participante não pode esperar ter controle de todos os elementos da pesquisa.”, o que nos levou a dar mais ênfase ao nosso objetivo de pesquisa, verificar como os alunos vivenciavam as práticas de produção textual.

A observação constituiu-se um momento de muita importância para o pesquisador, pois foi nesse momento que se percebeu como as ações voltadas para o ensino e a aprendizagem eram executadas, mediante a um planejamento prévio. Nessa etapa da pesquisa, conseguimos compreender o cenário educacional em que se encontrava o sujeito e sob que teorias e metodologias suas atividades eram concebidas.

Antes de iniciarmos a observação de fato, realizamos uma conversa com a gestora e, posteriormente, com o professor que lecionava o componente de Língua Portuguesa na 3ª série do Ensino Médio regular do turno da noite. Nessa conversa, esclarecemos o nosso objetivo diante da pesquisa: possibilitar a produção textual discursiva, conseqüentemente, encadear reflexões que viessem a contribuir para o ensino-aprendizagem da língua, por isso apresentamos

a nossa proposta de intervenção através do Plano de ensino. Para tanto, era necessário conhecer o cotidiano dos sujeitos, no espaço de sala de aula, para identificarmos o campo teórico que servia de base para as atuais práticas de produção de textos e como eles se posicionavam diante disso, buscávamos compreender as condições em que essas produções eram realizadas.

Após termos a autorização da gestora e, principalmente, do professor, tivemos um contato inicial com a turma: fizemos uma apresentação, expusemos os objetivos que nos conduziam e os passos detalhados para a viabilização da pesquisa. Após esse momento, questionamos os alunos sobre a aceitação por parte deles em participar da pesquisa. As respostas que obtivemos foram de concordância em colaborar. Alguns externaram que queriam aprender a “fazer redação”, porque no “vestibular era o mais importante.”. Outros disseram que iam fazer a inscrição do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e por isso queriam participar. Diante do posicionamento dos estudantes, percebemos que eles estavam solícitos em participar e que não teríamos empecilhos.

Entendemos que para a efetuação da observação participante é necessária a concordância de todos os envolvidos, pois a execução das etapas, ao longo da pesquisa, depende da relação entre pesquisador e pesquisado. O retorno às ações desenvolvidas pelo observador depende muito das atitudes e do comportamento que o pesquisador apresenta diante do grupo participante. Acreditamos, ainda, que essa relação é construída passo a passo durante cada encontro para a aplicação da pesquisa e obtenção dos resultados.

O fato de o pesquisador ser professor na escola, embora não fosse da turma, facilitou a realização da pesquisa, porque tivemos o apoio do professor que lecionava na turma e dos próprios estudantes, os participantes de maior relevância no processo. Por termos uma vivência na escola, sabíamos que os discentes apresentavam dificuldades na elaboração de textos, o que preocupava constantemente os professores e gerava discussões acerca das ações pedagógicas que poderiam ser empreendidas para contribuir com a formação escolar e cidadã dos discentes.

Saber as circunstâncias em que o grupo se encontra faz com que o pesquisador e a teoria que serve de base para a investigação “[...] sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projectos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir.” (BRANDÃO, 1984, p. 12). Entendemos que o desenvolvimento da nossa pesquisa ia além da constatação das possíveis contribuições da teoria para a amenização dos problemas evidenciados, mas tínhamos um compromisso maior, o de propiciar uma reflexão acerca do papel da produção de textos na vida social dos estudantes.

Logo após os alunos concordarem em participar da pesquisa, discutimos um período que poderia ser considerado para o desenvolvimento da observação participante, o que resultou no acordo de um mês, sendo 03 (três) aulas semanais, de 50 (cinquenta) minutos cada. Esse período foi utilizado para apreender o cotidiano de sala de aula dos colaboradores, como realizavam as atividades, como se relacionavam durante as aulas, como se portavam diante dos trabalhos com os textos que suscitariam algum tipo de produção posteriormente, que produção era proposta e se era executada com empenho e consciência de sua importância.

No primeiro contato de observação, procuramos estabelecer vínculos de afetividade que julgávamos necessários para o bom andamento da pesquisa, mas sem perder o foco que era encontrar razões para as dificuldades em produzir um texto.

Diante dos diálogos construídos, buscamos saber como era o contexto social dos estudantes dentro e fora da escola. Soubemos que muitos estudantes não tinham o hábito de leitura em casa e nem na escola, uns porque não tinham tempo, devido ao trabalho, outros porque não gostavam, os demais porque não eram “obrigados” a ler nas séries anteriores. Muitos associaram o ato de ler ao de produzir um texto: “professor, quem não ler não sabe escrever um texto”. Sabemos que são instâncias distintas, mas que mantêm relações de contribuição. Quando questionamos sobre as produções de textos que realizavam, alguns alegaram que “faziam pouca redação”, outros que não sabiam, uns disseram que nunca tinham produzido um texto, só trabalhos de pesquisa para entregar a algum professor, enquanto que outros afirmaram que o professor explicava e “mandava fazer redação”, mas nem todos faziam.

Percebemos que não havia práticas escolares que priorizassem a leitura, nem tampouco a produção de textos no ensino da língua, nosso objeto de pesquisa, entre a maioria das famílias, o que seria um dos entraves para um processo de produção de textos diversos. Outra causa que compreendemos, através das conversas, foi a falta de compromisso dos estudantes diante da realização das atividades que se destinavam às práticas de leitura e, principalmente, de produção textual. Entendemos também que muitas famílias insistem com os filhos para estudarem e terem condições de emprego e, conseqüentemente, de vidas melhores, mas muitos preferem seguir por caminhos próprios, diferentemente desses.

A escola é o espaço privilegiado para desenvolver ações pedagógicas que contribuam para a construção de práticas que incentivem a produção de textos para circularem na esfera social, para mostrar que cada texto produzido se articula através de enunciados e que tem uma função diante das relações sociais.

Pelo fato de o observador ser professor na instituição, detinha o conhecimento de que não era prática realizar momentos de produção textual no âmbito do Ensino Médio noturno,

salvo no Ensino Fundamental, como concurso de resenhas críticas, realizado pela equipe de biblioteca, e o projeto “Semana da leitura”, organizado pelos próprios professores de Língua Portuguesa, que visava à leitura e à produção textual para expor e discutir as temáticas. É importante ressaltar que esses alunos do Ensino Fundamental estudam no período diurno e ao terminarem o curso passam a estudar no Ensino Médio Integral, também diurno, em outras escolas da rede estadual de ensino.

Angrosino (2009) afirma que o ato de observar leva o pesquisador a perceber as atividades e os interrelacionamentos das pessoas no campo de investigação através dos cinco sentidos. Essa declaração encaminhou-nos a perceber a rotina das aulas de Língua Portuguesa. Ao toque do sino, para as trocas de aula, os alunos saíam da sala e ficavam dispersos nos corredores. Ao chegar o professor, muitos entravam na sala e alguns só iam assistir aula, quando eram convocados pelo próprio professor.

Na sala, durante as aulas, percebíamos que uma grande parcela não compreendia muito bem o que estava sendo explicado em relação aos assuntos de gramática, muitas vezes, isolados, sem uma articulação no texto. As explanações sobre literatura brasileira eram mais proveitosas, os alunos interagiam e mostravam-se predispostos a compreender o assunto, mesmo diante de linguagens rebuscadas que compunham os textos. As atividades de leitura e interpretação de textos eram realizadas de forma coletiva, em grupos, através do livro didático e/ou de atividades xerocopiadas.

Os trabalhos para a produção de textos eram direcionados ao texto dissertativo-argumentativo, o que é exigido no ENEM. As aulas eram organizadas através de pontos que organizam o texto: introdução, argumentação de sustentação da tese e a proposta de intervenção. Essas partes eram desenvolvidas a partir de uma temática social, mas sem construir especificamente o texto, o que restringia a aula em exposição de conceitos sobre o que seria cada uma dessas partes. Essas explicações aconteciam no campo da linguística textual, mas sem haver de fato um trabalho com o texto, embora o caráter social das informações fosse concebido para significar no texto.

Constatamos que esses momentos destinados à produção de textos eram proporcionados no formato de “redação escolar”, um conceito construído culturalmente em que o texto é visto como um fim em si, e não como um processo, que conduz à produção textual. Não havia uma prática de produzir e reelaborar textos a partir de orientações e acompanhamento do professor. É válido destacar que o professor se esforçava para garantir essas explicações, pois grande parte da turma não desenvolvia uma aprendizagem significativa, no que se refere ao produzir textos, mesmo ficando atenta às exposições.

Essas confirmações mostram que a relação professor-aluno, no tocante à aprendizagem, estava pautada em bases teóricas fragmentadas, o que nos leva a supor ser um reflexo de leituras, também fragmentadas, de documentos que não externam clareza diante das teorias que os estruturam.

Conversamos com a coordenação pedagógica, que na rede estadual é denominada como educador de apoio, sobre as orientações teóricas que alicerçavam a prática e como eram discutidas nas formações docentes. Obtivemos a informação de que os encontros com os professores eram organizados mediante orientações da gerência regional de educação, na indicação de pontos para serem discutidos nas reuniões, como currículo, BNCC (BRASIL, BRASIL, 2018) do Ensino Médio, entre outros, mas de forma aleatória.

Outro ponto que destacamos é que, bimestralmente, os professores de Língua Portuguesa participam de uma formação continuada na gerência regional. No entanto, é um momento para assistir a uma apresentação dos índices de desempenho das escolas através das notas dos alunos em avaliações externas. Por que essa prática e não outra em seu lugar? Por que não formalizar um encontro pedagógico para estudar as razões de tais problemas relacionados aos trabalhos de língua materna nas escolas? Por que não discutir e propor teorias que pudessem ser postas em prática na busca de melhores níveis de aprendizagem? Essa prática da gerência está submersa nas relações de poder, e o que prevalece é uma visão de controle e não de emancipação dos sujeitos através das práticas de ensino da escola. Isso condiciona a escola a constituir o dispositivo escolar para conduzir os alunos a reproduzirem conhecimentos fragmentados que resultam em práticas não discursivas.

Não são discutidas em sala as manifestações da linguagem que estão presentes no cotidiano dos falantes da língua. Através dessa prática, a língua não é inserida na dimensão político-histórico-social, o que transforma as ações de ensino e estudo em algo descontextualizado e não real de uso para uma aprendizagem efetiva.

O espaço físico da sala de aula era concebido como pequeno, pelo professor e pelos alunos, diante do quantitativo de discentes, o que também dificultava a movimentação deles e a prática de diálogos temáticos que promovessem o exercício da produção textual, bem como o acesso à manifestação linguística do estudante, fosse oral e/ou escrita, o que leva a não apreciação de textos produzidos pelos próprios alunos. A biblioteca encontrava-se, frequentemente, fechada, sendo aberta somente nos horários da manhã e da tarde. Isso também prejudicava a ação dos envolvidos nesse processo de aprendizagem, pois deixavam de utilizar um espaço de leituras e, possivelmente, de produções, o que dinamizaria os espaços e poderiam ser trabalhadas propostas mais coerentes com as necessidades de uso da língua.

Por meio da observação participante, pudemos constatar que as razões que levavam a uma prática não eficaz direcionada à produção de textos eram várias, desde a ausência de teorias claras a contextos específicos para a produção não construídos na escola, o que nos fez refletir sobre formas cristalizadas de conceber o texto que estavam presentes, como o não questionamento diante das condições de produção que o circundam, nos movimentos de comunicação verbal da esfera social, o lugar no qual os falantes destacam os enunciados através da historicidade das coisas e de suas relações.

Entendemos que as ações direcionadas aos trabalhos com o texto na escola, mais precisamente, à produção escrita, foram consequências de práticas estabelecidas através de abordagens fragmentadas de concepções, o que conduziu a uma fragmentação de conceitos e a um ensino, também, fragmentado. Por que essas práticas? Porque o ensino da língua é consequência de concepções estruturalistas que priorizam o ensino normativo e que o dispositivo público não tem interesse em mudar essa postura que é vista em documentos que orientam a educação básica. Esses documentos, muitas vezes, não são claros em suas propostas de trabalho, por estarem organizados por meio da articulação de teorias que nem sempre dialogam, e quando esse diálogo acontece, não há um desenvolvimento de cada uma, mostrando seus pontos e contrapontos, para que os docentes possam ter determinadas posturas através de atividades em sala de aula que venham a oferecer caminhos de produção frente à dinâmica da sociedade. Essas ações não discursivas foram concretizadas através de enunciados historicamente constituídos sobre o ensino da língua voltado para a memorização de regras de funcionamento das estruturas linguísticas.

A observação participante foi de suma importância para entendermos que as contribuições foucaultianas seriam produtivas para aqueles estudantes, que entendiam o texto e sua produção como uma articulação interna das palavras. Por meio do campo teórico escolhido, poderíamos desenvolver atividades de produção discursiva que viessem a propiciar reflexões e aprendizagem real sobre a língua em meio a sociedade através das relações de poder que constituem os sujeitos. Essa averiguação ajudou-nos a elaborar a atividade diagnóstica e a construir o Plano de ensino.

3.5 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* de referência qualitativa, compreendido por Bauer e Aarts (2008), tem a finalidade de expor atributos desconhecidos, direcionados a observar signos, sentidos e

representações existentes em determinada prática social. O *corpus* pode ser entendido como um conjunto de materiais representativos de uma língua ou variante.

O nosso *corpus* é constituído pelas observações e anotações realizadas na observação participante, pelas respostas ao questionário diagnóstico, pelas produções iniciais dos trabalhos e pelas produções discursivas dos estudantes da 3^a série do Ensino Médio, após a aplicação do plano de ensino.

Na observação participante consideramos o que afirmam Bauer e Aarts (2008, p. 59), “os pesquisadores devem estar bem atentos em não confiar apenas em suas intenções quando segmentam o espaço social. Precisam manter a mente aberta para estratos e distribuições posteriores, que podem não ser óbvias num primeiro momento.” Essa etapa da pesquisa foi construída de forma atenta aos posicionamentos dos alunos diante de ações que visassem a produção de textos, o que nos levou a observar como se relacionavam e executavam atividades de produção, ou se não realizavam, no espaço social da sala de aula. Essa observação deu-se através das relações de poder entre pesquisador e colaboradores, momentos que fluíram, naturalmente, diante de práticas que a turma desenvolvia e o pesquisador observava e, às vezes, interagia em suas realizações.

Após a observação, foi aplicado um questionário com perguntas relevantes para o desenvolvimento da pesquisa: “O que você entende por produção textual?”; “Você faz produções textuais na sala de aula?”; “Você tem conhecimento de como produzir um texto?”; “Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa?”; “Você conhece o significado da palavra discurso?”; e a solicitação para definir discurso, caso a resposta fosse afirmativa. Aplicamos esse questionário com o intuito de conhecer as práticas realizadas no cotidiano dos alunos, no que se refere à produção textual e ao discurso. Ao compreender essas práticas, passamos a entender o dispositivo escolar condicionante dessas ações. Um dispositivo alicerçado em práticas sociais dominantes que se concretizaram em bases estruturalistas que priorizam o livro didático, a memorização de regras da gramática normativa, o que disseminou a fragmentação do conhecimento. Ao adquirirmos esse entendimento, tivemos condições de elaborar um Plano de Ensino que fosse de encontro a essas ações e pudesse contribuir para a vivência de práticas discursivas. Na sequência, solicitamos aos alunos que produzissem uma propaganda política, considerando o contexto real do período eleitoral para presidente da república em 2018. Na ocasião, disponibilizamos papel ofício A4, com espaço delimitado e indicativo para a produção, lápis grafite, borracha e lápis de cor. Os dados obtidos contribuíram para a construção do caminho a ser percorrido durante a aplicação do Plano de Ensino.

Os textos produzidos para a propaganda política, depois da aplicação do Plano de ensino, representaram a última parte da constituição do *corpus*. Esses textos formam o ponto de análise e averiguação acerca das contribuições que o campo discursivo pôde promover à produção textual.

A razão de propormos a produção desse gênero foi o cenário social e ideológico que se instaurou no país, no segundo semestre de 2018, como também, as relações de poder no dia a dia dos brasileiros e dos estudantes colaboradores. Essa proposta promoveu uma reflexão acerca das informações que eram disseminadas e levou-os a discutir o lugar social de onde deveriam enunciar e o quê, como, e para quem deveriam produzir e divulgar as propagandas.

Ao trabalharmos com a propaganda política tivemos a oportunidade de perceber o quanto os discentes envolveram-se no cenário social proposto e como esse texto foi tão discutido e apreendido. Os conhecimentos de linguagem foram ampliados mediante a necessidade real de uso. Acreditamos, diante dessa constatação, que levar esse texto através das concepções teóricas do discurso, para a esfera da produção em sala de aula, contribuiu para que os alunos percebessem que o texto está associado a determinadas condições de produção e que a enunciação deve ser vinculada a determinado lugar social de fala diante das relações de poder que envolvem os falantes da língua. Essa ação possibilitou textos mais claros e coerentes naquilo que os estudantes se propuseram a dizer no seu papel de produtor de textos escolares ao assumirem sua instância produtora.

3.6 O QUESTIONÁRIO COMO FERRAMENTA PARA DIAGNOSTICAR AS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

A atividade diagnóstica foi realizada através da aplicação de um questionário, que é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, as quais foram respondidas pelos estudantes colaboradores.

Para Moreira e Caleffe (2006), as vantagens na utilização de questionários em pesquisas qualitativas estão no uso eficiente do tempo, na preservação da identidade e na grande possibilidade de retorno dos questionários. “[...] ponto importante é que o pesquisador normalmente não está presente quando o questionário está sendo preenchido” (MOREIRA; CALEFFE, 2006 p, 95), o que levou o pesquisador a retirar-se da sala de aula após as orientações acerca da importância das informações que seriam inseridas no questionário através de 05 (cinco) perguntas: 02 (duas) discursivas e 03 (três) com duas opções – sim ou não. O fato de o pesquisador não estar presente no momento do preenchimento do questionário

proporcionou mais liberdade aos estudantes colaboradores para expressarem aquilo que realmente vivenciavam no cotidiano escolar, o que resultou em respostas mais fiéis.

O questionário foi elaborado a partir do interesse que nos moveu em averiguar como se dava a produção textual nos contextos de sala de aula na 3ª série do Ensino Médio. As perguntas que o compõem são:

- 1- **O que você entende por produção textual?** (Pergunta aberta – onde o colaborador expôs o seu entendimento sobre o questionamento com suas palavras).
- 2- **Você faz produções textuais em sala de aula?** (Pergunta objetiva – onde o estudante tinha as opções SIM ou NÃO para responder).
- 3- **Você tem conhecimentos sobre como produzir um texto?** (Pergunta objetiva)
- 4- **Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa**

Essas perguntas não interessam em um trabalho de abordagem foucaultiana. O que nos levou a elaboração e a utilização delas foi o objetivo de conhecer as práticas realizadas pelos alunos no que se refere à produção textual e ao discurso, no cotidiano escolar, já que estamos trabalhando com práticas de ensino, daí a necessidade de conhecê-las para poder intervir, como já justificado no tópico 3.5 deste capítulo.

Para Moreira e Caleffe (2006, p. 104), “o tempo gasto na elaboração cuidadosa e no estudo piloto traz muitos benefícios. Um questionário bem elaborado produz dados que não são ambíguos e garantem uma boa taxa de retorno.” A precisão nas perguntas elaboradas propiciou-nos uma maior clareza naquilo que pretendíamos saber sobre a produção textual, se produziam ou não, se consideravam importante a produção textual no ensino da língua ou não e se conheciam o significado da palavra discurso, o ponto de maior relevância para nossa pesquisa na busca de contribuirmos para as práticas de produção de textos.

As informações obtidas pelo uso desse recurso foram muito pertinentes, pois através delas pudemos refletir o contexto histórico e social em que os estudantes colaboradores da pesquisa estavam inseridos e, principalmente, serviu-nos para elaborar uma proposta de plano de ensino através dos conhecimentos da AD na tentativa de contribuirmos para as vivências de produção discursiva. Dentre os 35 (trinta e cinco) colaboradores com a pesquisa, selecionamos as respostas de 5 (cinco), por acreditarmos que estes conseguiriam demonstrar o perfil da turma em relação ao nosso objeto de pesquisa, o ensino da língua, especificamente, a produção de textos.

Dos 5 (cinco) colaboradores selecionados, apenas 4 (quatro) apresentaram uma variação nas respostas objetivas. Na pergunta 2, 1 (um) respondeu que SIM, os outros 3 (três) disseram NÃO, que não produziam textos na sala. Na 3, 3 (três) responderam que NÃO, e 1 (um) que SIM, que tinha conhecimento sobre como produzir um texto. Percebemos nesse colaborador uma discrepância com a prática de sala de aula dele, pois respondeu que não faz produções textuais na sala, na pergunta 2, mas que tem conhecimentos sobre como produzir um texto, na 3. Isso pode nos levar a entender que este adquiriu certo conhecimento fora da escola, ou que não compreendeu os questionamentos. Na pergunta 4, 4 (quatro) alunos responderam que SIM, que consideram importante a produção textual no ensino da língua. Na 5, 2 (dois) disseram que SIM, que conhecem o significado da palavra discurso, aquilo que está relacionado à fala, palestra, e 2 (dois) NÃO. Os demais colaboradores responderam SIM em todas as perguntas e apresentaram definições a respeito do entendimento sobre a produção textual e do significado da palavra discurso.

O estudante 1 define a produção textual como sendo algum tema que se escreve por alguma pessoa, como podemos perceber na Figura 2:

Figura 2. Definição de produção textual pelo estudante 1

1 - O que você entende por produção textual?

Produção textual é quando uma pessoa escreve determinado tema, e coloca em prática seus conhecimentos e aprendizados, assim melhorando a escrita, e evoluindo em conhecimento.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O texto produzido é visto como sendo o tema e não como uma enunciação que se faz sobre algum assunto, acerca de determinado tema a ser discutido. A produção é concebida como o momento em que o discente coloca em prática os seus conhecimentos e o que aprendeu, o que para ele tende a melhorar a escrita e evoluir no conhecimento. Acreditamos que essa evolução esteja relacionada ao aprimoramento do que ele detém sobre certo conteúdo, o qual é motivo de discussão na produção do texto.

Figura 3. Repostas do estudante 1

2 - Você faz produções textuais em sala de aula?

SIM NÃO

3 - Você tem conhecimento sobre como produzir um texto?

SIM NÃO

4 - Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa?

SIM NÃO

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Percebemos, através das respostas objetivas do estudante 01 (Figura 3) que são feitas produções textuais em sala de aula. Ele alega ter conhecimento sobre como produzir um texto e considera importante a produção textual no ensino de Língua Portuguesa.

Figura 4. Resposta do estudante 1 sobre o significado da palavra discurso.

5 - Você conhece o significado da palavra **discurso**?

SIM NÃO

Caso sua resposta seja afirmativa, qual o significado que você atribui à palavra discurso?

Em meus conceitos a palavra discurso se deriva a palestras onde as pessoas falam sobre algum tema e apresenta seu argumento sobre determinado fato.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Na última pergunta, o estudante afirma ter conhecimento sobre o significado da palavra discurso. Segundo ele, “[...] a palavra discurso se deriva a palestras onde as pessoas falam sobre algum tema e apresenta seus argumentos sobre determinado fato.”

Percebemos que há uma dificuldade para o estudante definir o que seria o tema e uma produção textual, pois na definição de produção textual, ele afirmou que o tema é a própria produção, no entanto, nesta resposta, comunica que tema é algo sobre o qual se fala. O significado da palavra discurso é relacionado à palestra, a uma situação eventual e esporádica,

e não como algo que está em nosso cotidiano e nele nos constituímos sujeitos, o que demonstra uma não compreensão do que seja realmente um discurso.

Figura 5. Definição de produção textual pelo estudante 2

1 - O que você entende por produção textual?

FALA SOBRE SI E PARA A PESSOA ENTRE
PRETA QUE TEM PRODUZA DE TEXTO E PARA
EM TENDE ENTENDIMENTO

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O estudante 2 (Figura 5) não apresenta uma definição sobre a produção textual. Ele tenta dizer que seria algo para uma pessoa interpretar e produzir um texto para também interpretar. Não há uma articulação das palavras para construir uma enunciação e dizer algo de fato.

Figura 6. Repostas do estudante 2

2 - Você faz produções textuais em sala de aula?

SIM NÃO

3 - Você tem conhecimento sobre como produzir um texto?

SIM NÃO

4 - Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa?

SIM NÃO

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O estudante 2 afirmou, em suas respostas objetivas (Figura 7), que produzia textos em sala de aula, que tinha conhecimento sobre como produzir um texto e que considerava importante a produção textual no ensino de Língua Portuguesa. No entanto, as respostas ao item 2 e 3, vão de encontro à definição do que seria uma produção textual que ele apresentou na pergunta 1, pois percebemos um conflito em definir a produção de textos, mesmo ele tendo respondido que tinha essa prática.

Figura 7. Resposta do estudante 2 sobre o significado da palavra discurso

5 – Você conhece o significado da palavra **discurso**?

SIM NÃO

Caso sua resposta seja afirmativa, qual o significado que você atribui à palavra discurso?

SEI DE DISCURSU, FALA COMO SOBRE UMA
POLITICA FALA SOBRE OUTRA COISA ETC

Fonte: Acervo do pesquisador

O aluno 2 afirmou que conhecia o significado da palavra discurso, e a define como algo que fala sobre política. A noção de discurso associado ao contexto político é comum entre os usuários da língua, devido às práticas sociais em que a palavra passou a ser conhecida. Também define discurso como falar algo sobre outra coisa etc. Mesmo tentando associar discurso à política e às coisas, que é uma afirmação reconhecida para o campo teórico que trata da noção de discurso, o aluno não apresenta uma definição clara, talvez por não conseguir articular as palavras para dizer o que pretendia. A noção de discurso surgiu em meio aos embates políticos de representações sociais. Atualmente, o conceito de discurso vai além do contexto político, passando a ser, conforme Foucault (1996), um conjunto de enunciados, uma prática do cotidiano entre as relações estabelecidas pelos sujeitos da língua.

Figura 8. Definição de produção textual pelo estudante 3

1 – O que você entende por produção textual?

Produção textual é escrever a respeito de um deter-
minado tema, levando em consideração também o
gênero textual pedido.

Fonte: Acervo do pesquisador

O discente 3 (Figura 8) apresenta uma definição de produção textual coerente ao campo da Linguística Textual, quando afirma que produzir um texto é escrever sobre determinado tema, levando em consideração o gênero textual pedido. Constatamos que esse aluno apresenta uma organização textual com aquilo que se propôs a dizer.

Figura 9. Repostas do estudante 3

2 - Você faz produções textuais em sala de aula?

SIM NÃO

3 - Você tem conhecimento sobre como produzir um texto?

SIM NÃO

4 - Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa?

SIM NÃO

Fonte: Acervo do pesquisador

O estudante 3 afirma, nas perguntas objetivas (Figura 9), que faz produções textuais na sala de aula, tem conhecimento sobre como produzir um texto e considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa. Essas respostas corroboram com a definição do que seria produção textual apresentada pelo discente na esfera da linguística de texto, ao tratar da noção de gênero textual.

Figura 10. Resposta do estudante 3 sobre o significado da palavra discurso

5 - Você conhece o significado da palavra **discurso**?

SIM NÃO

Caso sua resposta seja afirmativa, qual o significado que você atribui à palavra discurso?

Discurso pode ser falado ou escrito, é a forma de se expressarmos sobre determinado tema.

Fonte: Acervo do pesquisador

O significado da palavra discurso, apresentado pelo discente 3 (Figura 10), está relacionado à maneira de o falante expressar-se em situações que exigem a manifestação oral ou escrita da linguagem sobre determinado tema, mostrando um posicionamento coerente às contribuições da Linguística Textual, mas não aos estudos sobre o discurso.

Figura 11. Definição de produção textual pelo estudante 4

1 - O que você entende por produção textual?

*O que eu entendo de produção de texto é
você expor o que você pensa com
suas palavras.*

Fonte: Acervo do pesquisador

O aluno 4 afirma que a produção textual é expor o que cada um pensa com a próprias palavras (Figura 11). Percebemos que esse discente não detém conhecimento sobre a prática de produzir textos. Não há uma afirmação sobre o uso dos gêneros textuais, no campo da linguística de texto, nem dos gêneros discursivos, no campo do discurso.

Figura 12. Respostas do estudante 4

2 - Você faz produções textuais em sala de aula?

SIM NÃO

3 - Você tem conhecimento sobre como produzir um texto?

SIM NÃO

4 - Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa?

SIM NÃO

Fonte: Acervo do pesquisador

Nas respostas do discente 4 (Figura 12) verificamos que ele não faz produção textual em sala de aula, mas que tem conhecimento sobre como produzir um texto e considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa. Essas respostas não coincidem com a definição que foi dada sobre a produção textual, pois não há clareza sobre qual concepção a produção de texto seria concebida.

Figura 13. Resposta do estudante 4 sobre o significado da palavra discurso⁴

5 – Você conhece o significado da palavra **discurso**?

SIM NÃO

Caso sua resposta seja afirmativa, qual o significado que você atribui à palavra discurso?

*o significado da palavra discurso
para mim é não dizer o que pensa
e fazer com que os outros compreendam
e entendam seu ponto de vista.*

Fonte: Acervo do pesquisador

Ao analisar a pertinência da resposta sobre o significado da palavra discurso (Figura 13), constatamos que há uma compreensão de discurso referente à fala.

Figura 14. Definição de produção textual pelo estudante 5

1 – O que você entende por produção textual?

*Eu acho que é aonde a pessoa faz seu texto
falando o que pensa sobre algo e discutindo sobre o que
pensar.*

Fonte: Acervo do pesquisador

O aluno 5 (Figura 14) apresenta uma definição de produção textual como sendo um texto que uma pessoa faz dizendo o que pensa sobre algo, ao tempo que afirma que é discutir sobre o que pensar. Essa resposta não nos conduz a inseri-la em alguma concepção que seja aceitável para a produção. A Linguística Textual traz para a produção a noção teórica dos gêneros textuais, o que não se percebe na definição dada pelo aluno.

⁴ Ressaltamos que as ocorrências ortográficas das produções textuais dos alunos foram consideradas da forma como foram escritas.

Figura 15. Repostas do estudante 5

2 - Você faz produções textuais em sala de aula?

SIM NÃO

3 - Você tem conhecimento sobre como produzir um texto?

SIM NÃO

4 - Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa?

SIM NÃO

Fonte: Acervo do pesquisador

O estudante 5 (Figura 15) afirmou que não faz produções textuais em sala de aula, não tem conhecimento sobre como produzir um texto, mas considera importante a produção textual no ensino de Língua Portuguesa. Essas respostas vão ao encontro da definição de produção dada por ele na pergunta 1, pois ao dizer que “acha” que produzir um texto é quando uma pessoa fala o que pensa sobre algo, demonstra que não tem conhecimento sobre a produção de textos, já que ela requer organização acerca da noção de texto que se pretende trabalhar.

Figura 16. Resposta do estudante 5 sobre o significado da palavra discurso

5 - Você conhece o significado da palavra **discurso**?

SIM NÃO

Caso sua resposta seja afirmativa, qual o significado que você atribui à palavra discurso?

Fonte: Acervo do pesquisador

O aluno 5 (Figura 16) afirmou que não conhece o significado da palavra discurso. Também não associou discurso à política, como popularmente é concebido.

Este questionário teve a função de atividade diagnóstica, pois nos proporcionou uma compreensão mais detalhada do dispositivo escolar em que os estudantes colaboradores estavam inseridos. Através das respostas dos alunos, compreendemos o cotidiano da sala de aula e, principalmente, as práticas de ensino da língua. Através dessa parte do *corpus*

conseguimos adquirir informações que contribuíram para a elaboração e aplicação do Plano de Ensino.

3.7 A PRODUÇÃO INICIAL DAS PROPAGANDAS

Após os alunos responderem ao questionário diagnóstico, solicitamos que produzissem um texto que fosse reconhecido como uma propaganda política. Na ocasião, discutimos que os mesmos deveriam considerar as eleições para presidente da república no período do segundo turno de 2018, o que levou cada um a vincular-se a um dos candidatos Fernando Haddad (PT) ou Jair Bolsonaro (PSL) para produzir o texto. A apresentação do gênero e das condições de produção proporcionam aos alunos reflexões acerca da finalidade e das linguagens a serem utilizadas.

A produção inicial dos trabalhos do gênero a ser produzido é importante porque permite que adentremos nos conhecimentos dos alunos, previamente construídos, e no dispositivo escolar ao qual eles estão vinculados. Com base nas informações adquiridas através dessa produção, iniciamos a elaboração do Plano de Ensino que possibilitou o desenvolvimento da produção discursiva da propaganda política.

Os alunos colaboradores são do campo e de bairros periféricos da cidade e em sua maioria não tiveram oportunidade de vivenciar processos de escolarização no momento adequado. Acreditamos que a produção discursiva realizada através de um Plano de Ensino é importante, pois efetiva aprendizagens que conduzem os alunos a refletirem sobre os problemas da esfera social e a proporem outras realidades de atuação em que possam ser considerados sujeitos de efetiva atuação. Essa possibilidade é considerada a partir do momento em que passamos a vivenciar a constituição de outro dispositivo escolar, o qual promove os alunos a tais reflexões histórico-sociais para o desenvolvimento das práticas de aprendizagens, e não o que está posto, o qual se organiza por meio de ações de uso do livro didático e da reprodução de regras da gramática normativa como sendo o principal caminho de ensino da língua materna.

A Figura 17 apresenta o momento de iniciação dos trabalhos do gênero a ser produzido.

Figura 17. Estudantes realizando a produção inicial das propagandas



Fonte: Acervo do pesquisador

A imagem mostra os alunos vivenciando a produção inicial dos trabalhos. Isso é importante porque mostra o dispositivo escolar em que desenvolvemos a pesquisa. Um dispositivo que reproduz um padrão social firmado em realidades passadas, em que a escola dita regras para serem cumpridas e não para serem discutidas. Essa prática põe em questão uma aprendizagem que não possibilita a discussão, mas sim a reprodução, que padroniza os sujeitos que fazem parte dessa realidade, ao invés de potencializá-los a dar margem às suas aprendizagens, através da promoção do sujeito em sua dimensão social.

Os alunos não apresentaram questionamentos sobre o gênero solicitado para a produção, no caso a propaganda política, apenas expressaram “e agora como faço”. Eles concordaram em produzi-lo, mas a todo momento alegavam que queriam “aprender a fazer redação”, o que confirma a concepção de produção textual em que estavam submersos, o texto como um fim em si e não um processo mediante às condições de produção.

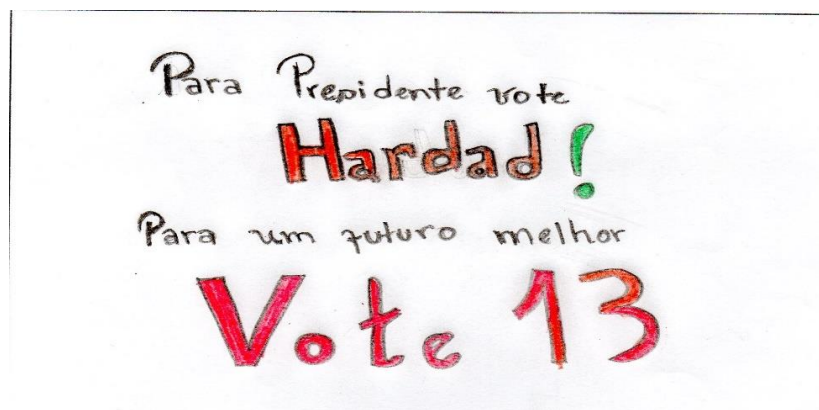
Após essa etapa, empreendemos a análise dessas produções, com vistas em identificar enunciados, visibilidades e subjetividades do atual dispositivo escolar no ensino de língua materna para a produção de texto em que submetemos nossa pesquisa.

O cenário brasileiro em que se instaurou as eleições de 2018 para presidente da república, principalmente no segundo turno, foi povoado de curvas de visibilidade e enunciabilidade, que são para Foucault (2000), os primeiros elementos de um dispositivo. O ensino público vivia a efervescência dos apoiadores do candidato do PT e do PSL. No momento da campanha, o candidato do PT representava a situação do governo e o do PSL o da oposição. Após as eleições, a educação passou a vivenciar as orientações advindas das políticas públicas,

o que afetou o dispositivo escolar, o qual passou a propagar e disseminar as práticas a ele destinadas.

A escola como instituição que efetiva as políticas públicas e sociais atende aos alunos de diversas ordens sociais. É nesse espaço que as orientações políticas dos sujeitos se tornam visíveis e os enunciados são externados através de palavras e imagens que vinculem o sujeito a seu candidato. As cinco produções textuais que serviram de base para a elaboração do nosso Plano de Ensino foram analisadas a partir dessa realidade discursiva.

Figura 18. Propaganda inicial do aluno 1



Fonte: Acervo do pesquisador

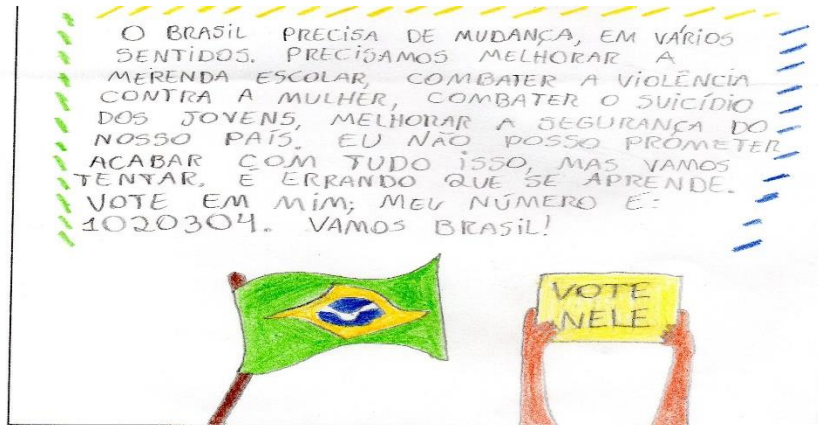
Na produção inicial do estudante 1 (Figura 18) há uma vinculação ao discurso do Partido dos Trabalhadores (PT), representado na campanha pelo candidato Haddad. Os enunciados que elaboram a propaganda são: “Para presidente vote Hardad!” e “Para um futuro melhor vote 13”. Estão em destaque “Hardad” e “vote 13”, pelo formato da letra e pela cor vermelha, a cor do PT.

O sinal de pontuação na cor verde pode representar alguma ideia de positividade para a sociedade, na concepção do sujeito produtor, por acreditar que esse candidato seria capaz de contribuir para o desenvolvimento da população. Os enunciados expressados historicamente pelos representantes do PT atravessam o aluno, constituindo-o em sujeito para ocupar um lugar de fala como eleitor. “Vote 13” está em um tamanho maior do que as outras palavras. O intuito poderia ser chamar a atenção e fixar na mente dos leitores da propaganda o número “13”, a ser digitado na urna eletrônica no dia da eleição.

Essa propaganda mostra que o dispositivo escolar ao qual o estudante está inserido não realiza um trabalho que valorize as práticas de produção, não há um aprofundamento no conteúdo do texto, que poderia ser evidenciado através de detalhes mais elaborados a partir da

presença de outros enunciados. Confirmamos, mesmo assim, que a produção textual é um trabalho discursivo, pois a propaganda é apresentada por meio de enunciados, embora não haja essa noção de produção no momento em que ele foi elaborado.

Figura 19. Propaganda inicial do aluno 2



Fonte: Acervo do pesquisador

Embora o aluno 2 não tenha uma noção de enunciados, a propaganda produzida por ele, (Figura 19) acontece através deles. Enunciados que são constituídos no domínio da sociedade, como a má qualidade da merenda escolar, a violência contra a mulher, o combate ao suicídio dos jovens e o problema de segurança do país. Esses enunciados compõem os discursos da sociedade atual por serem alguns dos problemas mais antigos e que menos têm sido combatidos.

Percebemos que o estudante elaborou uma propaganda como se ele fosse o candidato, e não para um dos candidatos das eleições presidenciais de 2018. Essa atitude levou-o a não se filiar a um discurso de determinado partido para enunciar, e ficou clara a presença de enunciados que formam seu discurso.

A bandeira do Brasil e o pontilhado nas cores da bandeira em torno da propaganda representam enunciados que trazem para o patriotismo e a noção de sociedade, de povo, de coletivo e não do individualismo frente às questões sociais. Observamos um cartaz com “vote nele” segurado por uma pessoa, possivelmente do povo, que o apoia. Ao erguer o cartaz, esse outro estabelece um envolvimento na campanha, o que evidencia movimentos de sujeitos sociais nas disputas pelo poder.

O formato da letra em caixa alta demonstra uma preocupação em deixar o texto do cartaz com clareza. Essa intenção de clareza é firmada na busca pelo entendimento por parte dos supostos eleitores de campanha para uma possível aceitação das ideias construídas. É válido ressaltar que o texto produzido não atende às exigências de uma propaganda política, pois não

apresenta slogan e a parte explicativa é extensa, o que não é adequado a uma propaganda que precisa ser sucinta para atingir o público ao qual é destinada. É importante destacar que há uma vontade de verdade nesse aluno: a de mudança em todo o país através do atendimento às necessidades básicas como saúde, educação, segurança, entre outras demandas sociais. Essa vontade possivelmente foi desenvolvida através das relações sociais que acontecem fora do espaço escolar que o constituíram como sujeito, pois pelo texto produzido pelo aluno, podemos perceber que o dispositivo escolar não trabalhou essa produção, já que ela não atende às expectativas de uma propaganda, como já externado anteriormente.

Figura 20. Propaganda inicial do aluno 3

Não basta só falar para mudar o país, precisamos de trabalho, precisamos de uma pessoa que vá fazer ao Brasil, que represente os mais pobres aqueles que mais precisam gerando empregos; Investindo em educação, saúde e segurança, para ajudar os jovens e ajudar as famílias brasileiras...

Precisamos de uma pessoa que represente a nós potruenses, que não desista do nosso país que trabalhe com honra e dignidade... Se assim, construiremos um novo recomeço e um novo país.

Brasil continuando sua história, eleições 2018!!!

Fonte: Acervo do pesquisador

Na produção do estudante 3, como mostra a Figura 20, observamos a presença de enunciados constituídos socialmente. Foucault (2008) considera que os enunciados não são da mesma categoria da proposição, nem tampouco representam uma materialidade com limites e independência. Os enunciados são elaborados através das relações do sujeito na sociedade e esse mesmo sujeito apresenta-se como tal devido aos enunciados que o edificam enquanto sujeito, o qual se realiza no acontecimento do discurso.

Enunciados como “políticos não são honestos”, “precisamos de uma pessoa [...] que trabalhe com honra e dignidade.”, “[...], construiremos um novo recomeço e um novo país.” confirmam que a vontade de verdade do aluno, a necessidade de mudança no perfil de políticos e da sociedade, é que o orientou para realizar a elaboração textual.

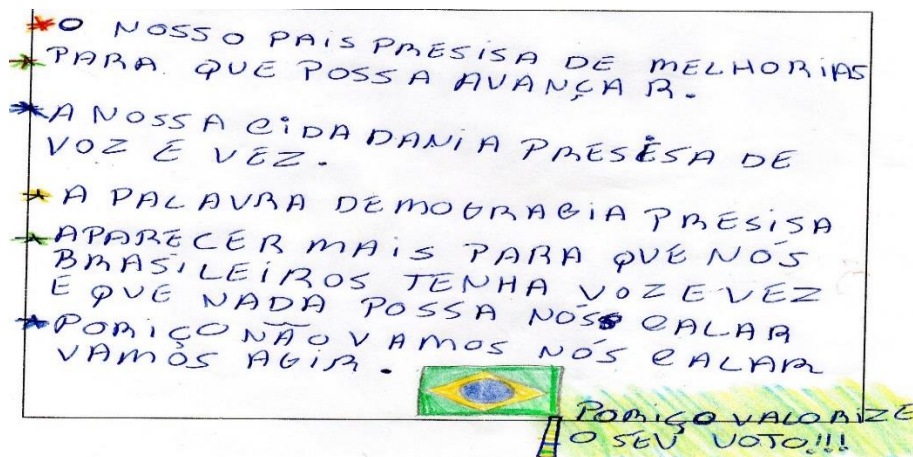
O aluno destaca no texto a ausência de ações de políticos que estabelecem seus mandatos através de promessas e não por meio de ações que promovam o desenvolvimento social. A exemplo disso, destacamos: “Não basta só falar para mudar o país, precisamos de trabalho,

precisamos de uma pessoa que dê forças ao Brasil, [...]”. Esse posicionamento mostra um sujeito que defende a mudança através do trabalho.

O problema do desemprego é apresentado na propaganda como também as questões relativas à saúde pública e à segurança social. Esses enunciados estão presentes nos discursos que ocorrem em períodos de campanha eleitoral. Em meio a essas questões sociais, o aluno também apresenta a ajuda à família como sendo um dos focos dos governantes. O fato de apresentar essa situação social mostra as condições de produção que serviram de base discursiva para a produção. Deleuze (2005) afirma que não há enunciado que não suponha outros, eles se mantêm através de uma coexistência que edifica funções e papéis. A produção discursiva acontece através dessa suposição de enunciados.

Mesmo assim, o texto produzido pelo estudante 3 não corresponde a uma propaganda política, pois não há uma associação de enunciados de forma concisa que atenda às necessidades de linguagens desse texto. As imagens não são apresentadas, um dos elementos de relevância nesse gênero, por ter a finalidade de contribuir com os movimentos de convencimento do leitor, o que mostra a necessidade do trabalho do texto imagético na sala de aula.

Figura 21. Propaganda inicial do aluno 4



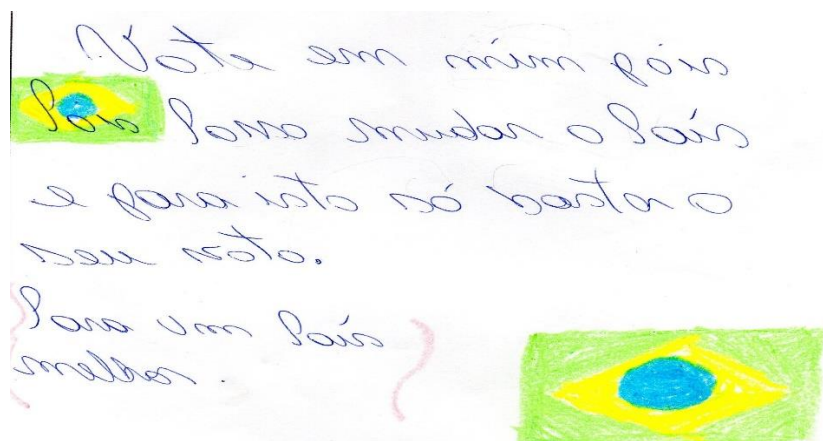
Fonte: Acervo do pesquisador

A ideia de propaganda está contida no texto do estudante 4 (Figura 21), uma vez que o aluno tenta convencer a população a refletir o valor do voto mediante às ações de democracias. É desenvolvido um alerta para as pessoas sobre a importância do voto. Essa postura de discutir o voto mostra que, ao invés de vincular-se a determinado partido para produzir o texto, o aluno escolheu discutir a democracia. Ao propor outra possibilidade nas relações sociais de disputa do poder, o sujeito firma outro caminho a ser percorrido, diferentemente do esperado que seria

a filiação a um dos dois partidos. Foucault (2009) afirma que o sujeito se estabelece no entremeio das relações sociais, nas quais o poder mantém sua existência através dos movimentos que o sujeito realiza. Essa dinâmica acontece pelo desejo de estar e ser que motiva o sujeito em se posicionar frente aos demais.

O uso da imagem da bandeira brasileira representa enunciados de patriotismo diante de movimentos políticos, o que pode ser entendido como uma preocupação com o país ou uma sinalização de concordância com o candidato do PSL (Partido Social Liberal), Jair Bolsonaro, uma vez que ele fez várias menções à pátria durante sua campanha eleitoral de 2018. Candiotta (2010) afirma que a ordem do discurso estabelece forças que sujeita outros saberes. O aluno, mesmo sem produzir uma propaganda política, porque o texto não atende à necessidade de existência de um slogan e de dizeres concisos que adentrem na ordem do discurso de outrem, articula informações que sujeitam outras na busca de entrar na ordem do discurso político.

Figura 22. Propaganda inicial do aluno 5



Fonte: Acervo do pesquisador

A produção inicial do aluno 5, evidenciada na Figura 22, é construída através da imagem da bandeira do Brasil, que representa um enunciado que traz outros saberes do país que ficam subentendidos na discursividade da produção: as necessidades da população acerca da saúde, educação, transporte público, segurança, etc. Ao evidenciar “vote em mim”, “[...] posso mudar o país [...]”, o aluno apresenta enunciados que atribuem ao texto uma realização social. Conforme Foucault (2008), o referente de um enunciado é lugar, a condição, o campo de emergência, é o que diferencia os objetos dos indivíduos. É através dele que as relações são postas em jogo. O gênero produzido acontece devido à condição de existência dos enunciados apresentados. Eles são a unidade básica da análise discursiva.

Partindo dessa compreensão, podemos afirmar que a ideia de propaganda política está contida no texto produzido pelo aluno, por ele querer convencer o outro a entrar na ordem do discurso político através de sua proposta. Foucault (1996) afirma que a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que articulam saberes, poderes e perigos ao dominar seu acontecimento aleatório. O texto produzido apresenta-se como um discurso contido em um domínio maior que é o político. O entendimento do que é uma propaganda política, conforme Domenach (2001), uma linguagem destinada à massa que emprega palavras e outros símbolos, nos leva a afirmar que ainda é preciso uma reelaboração do texto produzido no se refere à presença de um *slogan* vinculado a poucos dizeres explicativos que esclareçam seus propósitos discursivos.

O *slogan* é uma ideia direta e concisa que externa efeitos de convencimentos diante do grupo social ao qual está destinado. No texto produzido, não há essa articulação, o que existem são palavras que se ligam à vontade de verdade do aluno produtor do texto: a mudança, apresentada pelo enunciado: “[...] posso mudar o país.” Não há um conteúdo desenvolvido na propaganda, o que seria uma proposta de trabalho.

A produção inicial das propagandas nos proporcionou uma visão mais apurada do dispositivo escolar em que as práticas de produção textual, na turma da 3ª série do Ensino Médio regular, do turno da noite, estão inseridas. A visibilidade que nos foi apresentada é que não há situações discursivas que promovam a produção. A enunciabilidade evidenciada nas produções afirma que os alunos, em sua maioria, não se sentem confiantes em produzir textos, mesmo alguns tendo uma vivência com práticas de linguagem ligadas ao campo da Linguística textual. A exemplo disso, temos o aparecimento de noções de gênero textual na atividade diagnóstica do estudante 3, (Figura 9).

Deleuze (1999) conceitua o dispositivo como um conjunto operatório multilinear, ao fazer referência às três dimensões que Foucault denomina como saber, poder e subjetivação. As práticas que são estabelecidas no dispositivo escolar constatado, o ensino da língua através de processos de normatização, confirmam que a produção discursiva não é uma realidade.

A presença de um trabalho com uma diversidade textual também não é visível, pois o contexto histórico e social dos alunos requer um debruçar sobre os textos dissertativos argumentativos, que são os exigidos nas seleções de vestibulares como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

As produções mostram que os estudantes detêm conhecimento sobre esse texto através de vivências fora da escola, o que nos leva a refletir o quanto é necessário um exercício de

produção discursiva que conduza os alunos a conhecerem enunciados que se manifestam através de atividades sociais.

Ao tratar do ensino da língua e do discurso, os falantes são inseridos em condições de produção historicamente constituídas, as quais justificam as ações que compõem os sujeitos em seus movimentos. Foucault (2009) afirma que as movimentações do indivíduo no campo de cada discurso fazem dele um ocupante de vários lugares na ordem enunciativa. Para cada lugar que o indivíduo ocupa ao enunciar, há uma postura de sujeito que não é identificada em outra, não se repete, mas sim, é estabelecida em um novo acontecimento discursivo, na ordem dos discursos que se arrisca vincular.

Após as análises desenvolvidas através das contribuições de Foucault (2008), no que diz respeito ao enunciado constituído na historicidade das relações sociais, e de Foucault (1996), referente ao discurso como prática, por isso regulador de si mesmo, nas produções iniciais dos trabalhos, elaboramos um Plano de Ensino com o intuito de possibilitar a produção discursiva. A seguir, apresentamos as condições histórico-sociais em que acontecem o ensino da língua e as práticas de produção de textos, e o Plano de Ensino elaborado como proposta de intervenção.

3.8 PLANO DE ENSINO PARA A PRODUÇÃO DISCURSIVA

As práticas de estudo da língua materna que são realizadas na educação básica vêm tratando, em sua maioria, de normatização através da exposição de regras que compõem a gramática normativa da língua. Essas ações não têm contribuído para a construção discursiva do sujeito que realiza movimentos em seu cotidiano, pois ele não consegue estabelecer uma relação entre a dimensão da função da escola, no que se refere aos estudos da linguagem, com a sua atuação social, o que gera questionamentos sobre a eficácia dessas práticas a respeito do processo de escolarização em que os alunos estão inseridos. É sabido que muitas ações estão ocorrendo em contraponto a essa realidade, com o propósito de tornar os trabalhos com a língua dinâmicos e atuais.

A exterioridade social em que a língua acontece e a potencialização do uso das linguagens através das movimentações do sujeito que se constitui na e pela linguagem não são consideradas na dimensão escolar, quando se estuda a língua materna. Isso tem gerado um déficit na aprendizagem dos alunos, pois dificilmente conseguem se estabelecer enquanto usuários de uma língua de forma eficaz em suas manifestações. As palavras e as imagens existem em realidades discursivas, nas quais o sujeito se realiza. Esquecer essa afirmação,

quando se trabalha com a linguagem é transformar qualquer ação de estudo em práticas que não correspondem com as necessidades discursivas dos alunos.

Geraldi (1991, p. 148) afirma que “[...] na escola os textos não são o produto de um trabalho discursivo, mas exercícios de descrição apenas para ‘mostrar que aprendeu a descrever’.” Uma das causas dessa realidade são documentos oficiais sem clareza em seus campos teóricos que se propõem a orientar o ensino da língua, o que promove ações não eficazes.

No segundo capítulo dessa dissertação, confirmamos isso ao analisarmos os PCN (BRASIL, 2000) e a BNCC (BRASIL, 2018), documentos direcionados para o ensino da língua no Ensino Médio. Verificamos que não há uma proposta teórica e metodológica trabalhada a fim de que atenda às transformações sociais que afetam o sujeito e a língua. Não constatamos a presença das ideias de Foucault (1996) no que diz respeito ao enunciado constituído na historicidade das relações sociais, nem ao discurso como prática do cotidiano. O ensino da língua precisa atender às necessidades sociais de efetivo uso da linguagem em que o sujeito está inserido. Para isso é fundamental o estudo discursivo que se manifesta através das palavras e imagens que edificam os textos. Ao abordar essa perspectiva discursiva, o ensino da língua passa ter relação com as realidades que o sujeito desempenha em seu cotidiano.

A produção de textos é o “[...] ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua”, pois é no texto que a língua “[...] se revela em sua totalidade.” (GERALDI, 1991, p. 135). O texto deve ser considerado como a base de qualquer ação que se volte para o exercício da língua materna. Tratamos aqui da produção discursiva através de enunciados, os quais são constituídos na historicidade das relações sociais.

Ao inserirmos as práticas de produção textual no viés discursivo, promovemos a construção da criticidade do aluno através da apreensão das condições reais de produção dos textos, o que o insere nos movimentos de posicionamento do sujeito (FOUCAULT, 2009), em que o sujeito ocupa diversos lugares de fala em sua dispersão discursiva. Essas posições são realizadas através das manifestações sociais da língua nas relações de poder. Nesse entendimento, o aluno passa a ocupar a posição de instância produtora (FOUCAULT, 2008), diante do texto produzido, o que o concebe como falante real no uso da língua em suas execuções. Ao reconhecermos o entendimento de Foucault (2008) sobre enunciado, arquivo e discurso para a produção discursiva, passamos a elaborar o texto na historicidade das relações humanas que se estabelecem nas redes de dispositivo instauradas socialmente.

Para a aplicação de nossa pesquisa, que aborda a produção do texto discursivamente através do uso de enunciados, escolhemos a propaganda política por ser um gênero que

desempenha uma função social relevante entre os sujeitos que atuam através do discurso político e os que são por ele constituídos nas relações do cotidiano. A propaganda é elaborada pela discursividade dos enunciados que se apresentam através das palavras e das imagens. A aplicação foi realizada através de um Plano de Ensino, elaborado com base no postulado de Foucault (1996) no que se refere ao discurso, compreendido na dimensão de um conjunto de enunciados, de uma prática, o que o concebe como regulador de si mesmo. E ao enunciado, segundo Foucault (2008), que é uma função de existência que pertence aos signos. A partir dessa função, podemos verificar se eles “fazem sentido” ou não, conforme as regras que se sucedem ou se justapõem, e através de que ato é formulado.

O Plano de Ensino elaborado é o nosso produto, conforme exigência do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, a nível de mestrado profissional, ao qual estamos vinculados. Este Programa orienta que, após o desenvolvimento da pesquisa, seja construída uma proposta pedagógica para ser apresentada à escola onde se desenvolveu a pesquisa para ser realizada por outros profissionais e, assim, contribuir para a melhoria da educação pública.

O Plano de Ensino consiste em organizar momentos de aprendizagem que propiciem reflexões e práticas que levem os alunos à produção do texto discursivamente. Inicialmente, devemos decidir o gênero a ser trabalhado, apresentá-lo aos alunos e solicitar uma produção inicial antes da aplicação do Plano. O objetivo dessa produção é conhecer as práticas dos alunos referentes ao gênero escolhido para, então, elaborar o Plano de Ensino que promova a aprendizagem daquilo que ainda não se detém e aprimore o que já se conhece, para isso devemos priorizar a necessidade discursiva dos alunos para estabelecer as condições de produção. Estabelecidas as condições, que confirmam o cotidiano histórico-social em que o texto será produzido, considerando os discursos e enunciados constituídos na historicidade das relações entre os sujeitos, devemos questionar aos alunos sobre quem produz o texto?, para quem?, qual a finalidade?, que discurso pretendemos constituir?, que enunciados historicamente firmados constituem o texto?, na prática do discurso, o que queremos que o texto evidencie?.

Esses questionamentos inserem o aluno produtor de textos em processos discursivos que o conduzem à produção. Após garantir que esses movimentos discursivos sejam estabelecidos em sala de aula, devemos priorizar momentos de conhecimento e estudos do texto a ser produzido. Esses estudos, que são inseridos em um determinado momento do Plano, são construídos por meio de análises detalhadas de vários outros textos da mesma categoria do escolhido para ser trabalhado. Os estudos desses textos são firmados através da percepção dos

enunciados que os constituem e da forma como são apresentados para elaborarem o discurso, podendo ser por meio de palavras e/ou imagens.

Após os estudos serem realizados, temos que estabelecer outro momento do Plano, o de reelaboração do texto. Para esse momento, temos que ter em mãos a produção inicial e acionar as aprendizagens ao longo dos estudos sobre o texto trabalhado. Nesse momento, os alunos devem fazer comparações entre a produção inicial e o que aprenderam, destacando os pontos que merecem ser melhorados e os que são equívocos do produtor por não atenderem às exigências do gênero a ser produzido para constituir o discurso através da discursividade dos enunciados. Ao constatar que os alunos percebem os problemas existentes na produção inicial, devemos discutir esses problemas e objetivar outra produção.

Em seguida, solicitamos outra produção, agora discursiva, que atenda às expectativas do gênero escolhido e dos sujeitos envolvidos no processo para que esse mesmo texto possa se constituir nas relações de poder que existem na sociedade e realizar várias práticas através da ação dos sujeitos para assim firmar-se como discurso.

O nosso Plano de Ensino, apresentado nos apêndices, é constituído com base nas contribuições de Foucault (1996, 2008), no diz respeito ao discurso como prática, e ao enunciado constituído na historicidade das relações sociais. Ele está organizado em 05 (cinco) momentos. O primeiro consiste na apresentação do texto e das condições de produção. O segundo refere-se à solicitação aos alunos da produção inicial do texto a ser produzido. O terceiro está organizado através de estudos de textos do mesmo gênero do texto a ser produzido. Esses estudos estão desenvolvidos por meio de análises acerca dos enunciados que constroem o discurso. O quarto é o momento da reelaboração textual, realizada através da discussão baseada nos problemas da produção inicial e nas aprendizagens adquiridas durante os estudos do terceiro momento. O quinto é o momento em que propomos uma produção discursiva, levando em consideração as noções de enunciado e discurso apreendidas no desenvolvimento nos momentos anteriores. Nos apêndices, apresentamos o Plano de Ensino detalhado e os textos trabalhados.

A produção discursiva é uma prática que deve ser realizada constantemente através das ações pedagógicas do professor no espaço de sala de aula, com o propósito de um trabalho de língua materna que atenda às necessidades discursivas dos alunos. O próximo capítulo apresenta a análise e discussão dos textos produzidos após a aplicação do Plano de Ensino.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise das produções reelaboradas. Nossa análise foi desenvolvida através das contribuições de Foucault (2008) sobre a noção de enunciado. Inicialmente, fizemos algumas considerações sobre a concepção de enunciado, que não se constitui como unidade, mas sim como um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente.

Também apresentamos a noção de discurso, compreendido como um conjunto de enunciados dentro de uma mesma formação discursiva. A formação discursiva, segundo Foucault (2008), é um princípio de dispersão e de repartição de enunciados que orienta o que pode ou não ser dito em determinado campo do saber, respeitando a posição que se ocupa. Abordamos os atos ilocutórios que se inscrevem no interior das formações, obedecendo a um regime de regras historicamente dadas que firmam as verdades de um tempo. Abordamos a prática discursiva, segundo Foucault (2008), como algo inserido em um conjunto de regras que são determinadas no tempo e no espaço.

As análises foram realizadas compreendendo outra possibilidade de dispositivo escolar e não o que está posto de forma linear, que não valoriza as práticas discursivas. Apresentamos análises que consideram as condições de existência das propagandas como discursos elaborados no entremeio das relações sociais. As análises foram realizadas com base na concepção dos enunciados que constituem as propagandas. Apresentamos a análise de 05 (cinco) produções textuais discursivas.

4.1 A ANÁLISE DISCURSIVA DA PRODUÇÃO FINAL DAS PROPAGANDAS

Foucault (2008) considera como discurso um conjunto de enunciados que se edifica em uma formação discursiva. O conceito de enunciado está na base da elaboração discursiva e sintetiza uma possível teoria do discurso. Em suas formulações sobre o discurso, o autor considera-o como número limitado de enunciados, os quais podemos definir como um conjunto de condições de existência. Ainda podemos conceituar o discurso, conforme Foucault (2008), como domínio de todos os enunciados, grupo individualizável de enunciados, prática regulamentada que dá conta de um número de enunciados. As denominações “condições de existência”, “domínio”, “grupo individualizável” e “prática regulamentada” são concepções que estão na base discursiva para emprendermos uma definição de enunciado como “função de existência”. O enunciado em si não se constitui como unidade, mas sim como um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Ele se encontra na transversalidade da linguagem.

Para Foucault (2008), o enunciado, enquanto função, é caracterizado por quatro elementos básicos: um referente, princípio de diferenciação, um sujeito, a posição a ser ocupada, um campo associado, sua coexistência com outros enunciados, e uma materialidade específica, por evidenciar coisas efetivamente ditas, escritas, passíveis de repetição ou reprodução. Apresentar informações sobre um enunciado requer considerar esses elementos para poder apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe em dado tempo e lugar. Esse procedimento permite associar enunciados de uma mesma formação discursiva. Foucault (2008) afirma que a análise de um enunciado e de uma formação discursiva são firmados de forma correlata. Esse sistema de formação de enunciados resulta de um feixe complexo de relações que funcionam como regra. Esse feixe prescreve o que deve ser apresentado em uma prática discursiva para que esta se refira a um objeto e empregue uma enunciação utilizando um conceito que organize uma estratégia, a qual faça insurgir o enunciado em seu acontecimento. A definição de uma individualidade singular de um sistema de formação caracteriza um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática.

A construção de unidades não é uma operação de simplificação de enunciados desorganizados é uma tarefa de multiplicação da realidade da coisa dita que, como afirma Foucault (2008), existe em sua pobreza como situação estreita e singular, a qual se torna sempre outra pelo fato de alguma vez ter sido dita em outras situações discursivas. O discurso, para o analista, é o lugar da multiplicação dos discursos, é o lugar da multiplicação dos sujeitos. Descrever uma formulação como enunciado não consiste em analisar as relações entre autor e

os seus dizeres, ou aquilo que quis dizer, mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.

Dentro da mesma formação discursiva coexistem enunciados heterogêneos. O discurso político não é diferente, ele se fundamenta em vários outros, como o midiático, o jornalístico, o publicitário, o religioso, e assim por diante. Os enunciados transitam por vários discursos através do campo de associação que se estabelece. Esses movimentos discursivos proporcionam a eles processos de transformações, criações, recriações, adaptações em busca de um novo discurso. Os enunciados existem na historicidade dos acontecimentos, no que diz respeito às condições de emergência e às funções que eles exercem no interior de práticas discursivas. Cada enunciado evidencia uma historicidade, assim como o discurso.

A formação discursiva, conforme Foucault (2008), deve ser vista como um princípio de dispersão e de repartição dos enunciados que orienta o que pode e o que deve ser dito dentro de determinado campo do saber e de acordo com a posição que se ocupa nesse campo. Ao falarmos sobre discurso político, publicitário ou pedagógico, compreendemos que cada um deles se edifica através de um conjunto de enunciados que se apoiam em um sistema de formação: da política, da publicidade e da pedagogia. Mesmo existindo um sistema de formações que regulariza os dizeres, as formações não são sistemas fechados, os enunciados apresentam-se através de uma força de conjunto que os tangencia em novos campos do saber. Dessa forma, o mesmo enunciado ocupa mais de uma formação discursiva. Os enunciados transitam no entremeio das formações e, em cada uma, atribuem existência de dizeres e nelas adquirem sua própria existência por meio de um jogo de poderes provenientes das posições que ocupam no tempo e no espaço social, no qual o sujeito se constitui. Foucault (2008) afirma que os enunciados são povoados de outros enunciados através da interdiscursividade, o que leva o saber e o poder a privilegiar textos e gestos não tão inéditos, enunciados banais e discretos que constituem as práticas realizadas no cotidiano.

Os atos ilocutórios inscrevem-se no interior das formações de acordo com um regime de verdade, o que nos leva a obedecer a um conjunto de regras historicamente dadas que afirmam verdades de um tempo. O que é dito é entrelaçado nas dinâmicas sociais que o poder e o saber de cada tempo estabelecem. Para Foucault (2008), o conceito de prática discursiva não se confunde com uma mera expressão de ideias, pensamentos ou formulações de frases. Exercer uma prática discursiva significa posicionar-se conforme determinadas regras e expor as relações que se realizam dentro de um discurso.

Ao trabalharmos com a propaganda política, adentramos no discurso político para realizarmos a produção discursiva através de regras que fixam os enunciados sobre a figura do

sujeito político e sua atuação social na situação histórica em que os fatos se tornam realidades. O conceito de prática discursiva, conforme Foucault (2008), vincula-se a um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, as quais definem, em dada época e para determinada área social as condições de exercício. A produção discursiva da propaganda política põe em jogo um conjunto de elementos referentes às possibilidades de aparecimento e delimitação do discurso.

O trabalho do analista não é interpretar o que os textos dizem, o que querem dizer, ou o que está por trás, mas apreender as condições históricas e sociais em que os enunciados e os discursos são elaborados. Ao longo das transformações sociais muitos discursos sofrem adaptados e muitos são criados para atender às emergências da sociedade, às necessidades que os sujeitos, constituídos nessas relações de saber e poder, tangem como urgentes. Os momentos históricos fazem emergir discursos carregados de enunciados produzidos no limiar das relações.

Em nosso objeto de estudo, o ensino da língua, abordamos o discurso político através do *corpus*, que são as propagandas políticas produzidas pelos alunos, uma parte dele, por trabalharmos com a produção textual discursivamente. Ao possibilitarmos essa produção no atual dispositivo escolar, levantamos a discussão sobre as condições históricas em que os textos são elaborados.

Dessa forma, as análises que empreendemos foram feitas com base nas condições de existência das propagandas. A análise foi realizada através da percepção dos enunciados que as constituem, os quais são elaborados na descontinuidade da história. Apresentamos na sequência a análise de cinco produções textuais discursivas. Selecionamos as produções dos mesmos alunos que produziram as propagandas iniciais apresentadas no terceiro capítulo. O objetivo é estabelecer uma comparação entre os textos produzidos no dispositivo escolar, no caso as produções iniciais e as produções discursivas como práticas de resistência ao ensino da língua pautado no ensino da gramática normativa e na reprodução do livro didático.

Figura 23. Propaganda final do aluno 1



Fonte: Acervo do pesquisador

A produção discursiva é efetivada e torna-se um acontecimento a partir do momento em que o produtor de textos estabelece as condições históricas e sociais que servem de base para sua constituição de sujeito dos dizeres que edificam o texto. O aluno 1 constituiu-se sujeito do texto após inserir-se nos discursos disseminados pelo grupo político do PT, durante o período de campanha para presidente da república do Brasil em 2018 (Figura 23). Os enunciados são trazidos pelo sujeito através de sua subjetividade em perceber o que seria relevante para estabelecer uma atmosfera de convencimento na propaganda produzida. O sujeito é entendido através das relações que estabelece com o poder e sob determinações de uma história que é marcada pela descontinuidade (FOUCAULT, 2009). O sujeito é concebido pela submersão nos discursos que o indivíduo realiza para poder atuar socialmente.

Ao realizar o ato ilocutário do enunciado “Para um povo feliz novamente! Eu acredito.”, o sujeito atribui ao texto a sua condição de existência, pois realiza sua inserção no discurso do PT ao tempo que elabora um outro novo através de novas descontinuidades que lhe são apresentadas. O enunciado é uma função de existência que pertence aos signos, os quais são considerados ou não na elaboração do texto através de uma análise, a partir da função que o enunciado estabelece (FOUCAULT, 2008). Na análise, a produção textual confirma as regras que se sucedem os signos e a espécie de ato que é realizado através de sua formulação.

Outros enunciados estão contribuindo para a existência do texto, como “Carteira de trabalho”, que está presente por meio de palavras e da imagem de uma carteira que evidencia as funções trabalhistas. Isso atribui ao enunciado um maior rigor existencial e enunciativo para a constituição textual. Foucault (2008) afirma que o referente de um enunciado é a condição, o campo de emergência dos indivíduos ou dos objetos e das relações que são colocadas em jogo

pelo próprio enunciado. O referente define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que atribui sentido a uma frase, a uma proporção o seu valor de verdade. O nível enunciativo da formulação é caracterizado por esse conjunto de articulações do enunciado, o qual se opõe ao nível gramatical. Através da relação que estabelece com esses diversos domínios de possibilidades, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode atribuir sentido ou não, uma proposição a qual se pode ou não relacionar um valor de verdade.

O enunciado que se materializa através da imagem da foice representa a luta dos sem-terra, um povo trabalhador que não tem terras próprias para o plantio de subsistência. O enunciado imagético esclarece a que povo feliz a propaganda se refere. A afirmação da felicidade insere esses enunciados em uma rede de outros, como da reforma agrária, que é a razão da luta, o que disponibilizaria terras para o povo trabalhar. Não há enunciado que não suponha outro. Ele existe em uma rede discursiva, a qual faz o texto produzido ser considerado como objeto que apresenta dizeres. A vontade de verdade: o povo feliz novamente, que serve de base para o enunciado, está entrelaçada a outros enunciados que emergem no texto através das imagens da carteira de trabalho e de um caderno acompanhado por lápis e borracha. O sujeito, através de sua subjetividade, usa essas imagens para trazer à tona os enunciados por elas representados para enunciar os dizeres que constituem o texto. O processo de escolarização é um enunciado que está presente na produção através das imagens: caderno, lápis e borracha. Esse enunciado se coloca no texto como um caminho que garante outras possibilidades de se ter a felicidade de um povo.

Os enunciados que constituem a propaganda política, são trazidos pelo sujeito, que se constituiu nessas relações para poder produzir, através de uma história descontínua da região nordeste. “[...] para Foucault, a história é essencialmente descontínua. É uma história cataclísmica, feita de rupturas e discontinuidades. Não é o desenrolar previsível do mesmo, e sim uma série de mutações inaugurais.” (ROUANET, 1996, p. 111). A imagem do sol e do cacto confirmam a região nordeste como o espaço histórico que serve de base para as movimentações do sujeito na propaganda. Elas trazem enunciados que representam a realidade de um povo que sofre com os altos índices de temperatura devido ao clima típico da região, o que não possibilita melhores condições de sobrevivência para quem depende do plantio da agricultura familiar. A escolarização é um caminho que o aluno 1 sugere na propaganda para o eleitor não se entregar às realidades sofridas trazidas por essa climatização, o que o levaria a exercer funções que exigissem a assinatura da carteira de trabalho.

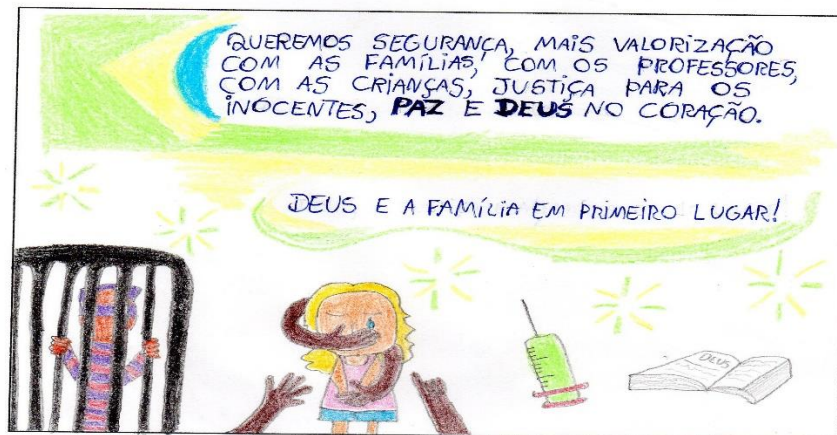
A propaganda produzida é caracterizada como uma prática discursiva que se realiza através do interdiscurso. Courtine (2009) apresenta o interdiscurso como um processo de reconfiguração incessante, no qual o saber de uma formação discursiva é levado a incorporar elementos pré-determinados no exterior de si mesmo. Os enunciados que elaboram o texto produzido representam discursos constituídos socialmente na historicidade das movimentações descontínuas dos sujeitos. A subjetividade do aluno atribui a ele o lugar de sujeito devido aos discursos que decide adentrar para realizar a sua produção, o que faz dela também um discurso que surge no entremeio de práticas escolares do cotidiano através das relações de poder.

A produção discursiva da propaganda acontece a partir da determinação das condições de produção que o sujeito estabelece, no caso a realidade climática de seca da região nordeste, o desemprego e a atuação do partido político que representa os trabalhadores. Essa produção é realizada através de práticas de resistência ao atual dispositivo escolar, que não prioriza a subjetividade discursiva do aluno, apenas o faz reprodutor de conhecimentos apresentados como fechados e não como uma possibilidade de reflexão, discussão e elaboração de novos saberes.

Enunciado como “Deus e a família em primeiro lugar”, apresentado na produção do aluno 2 (Figura 24), está inscrito no dispositivo de determinada religião de nossa época e também no dispositivo político, através da atuação de sujeitos por meio de propagandas, usadas para convencer os eleitores a fazerem a escolha de seu representante público. Os enunciados transitam nos discursos e nas formações imprimindo realidades e reconstituindo-se de outras. Foucault (2008) afirma que não há enunciado livre, neutro e independente, mas um enunciado inserido em uma série ou conjunto, desempenhando um papel no meio de outros, neles se apoiando e deles se distinguindo, não há enunciado que não suponha outro. Não há nenhum que não tenha em torno de si um campo de coexistências.

Na sequência, analisamos as condições de produção da propaganda do aluno 2.

Figura 24. Propaganda final do aluno 2



Fonte: Acervo do pesquisador

Por que este enunciado e não outro em seu lugar? Quais as contribuições dele para a efetivação do texto produzido? A que outros enunciados e a que outros dispositivos ele se mantém associado? Em que momento da descontinuidade da história ele se firma como enunciado? Esses questionamentos conduzem a constituição de sujeitos que atuam nessa movimentação discursiva. Deleuze (2005) afirma que estamos capacitados a extrair das palavras, frases e proposições os enunciados, que não se confundem com elas. Os enunciados não são palavras, frases ou proposições, mas formações que se destacam de seus *corpus* quando os sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras mudam de natureza, ocupando outros lugares, dispersando-se na espessura da linguagem.

Ao usar o enunciado mencionado em sua produção e não outro, o aluno 2 estabeleceu associações discursivas na propaganda com outros enunciados, de outras formações discursivas, de outros discursos. Essas relações afirmam a heterogeneidade que embasa os enunciados em sua constituição. Constituir unidades a partir da dispersão, sabendo que a unidade não é dada pelo objeto de análise, é o desafio do pesquisador. Os enunciados aparecem e distribuem-se no interior de um conjunto discursivo, fazendo com que os dizeres tornem-se evidentes para os sujeitos envolvidos no discurso. Percebemos que a unidade que se busca para a análise nas propagandas políticas produzidas não são elas em si, mas o discurso político, o qual dá abertura para que os sujeitos atribuam à propaganda elementos discursivos de outros discursos sociais, o que a torna um novo texto passível de análise e discussão. Isso é possível devido ao entrecruzamento de enunciados que perpassam a produção discursiva, o que nos leva a analisar os textos com base no discurso que é constituído.

A produção textual de caráter discursivo se dá através de uma problematização que o sujeito realiza na historicidade de seus acontecimentos. O texto que constitui a propaganda

política, produzida pelo aluno 2 (Figura 24), é elaborado através dos enunciados que marcam o entremeio dos acontecimentos discursivos. O enunciado é um acontecimento nas relações sociais.

Os enunciados “Deus e a família em primeiro lugar” e “paz e Deus no coração” estabelecem a base de significações da propaganda por inseri-la em uma formação discursiva instituída, que coloca em movimentação os discursos e enunciados que serviram de alicerce midiático para o partido político do PSL, na ocasião do período de campanha presidencial de 2018. Foucault (2008) afirma que caso se possa descrever, entre certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, entre objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, caso possa definir uma regularidade, uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações, podemos afirmar que se trata de uma formação discursiva.

Ao se posicionar em sua produção através de enunciados que estão relacionados na formação discursiva do PSL, o aluno 2 elabora sua produção textual discursivamente. Os enunciados são provenientes de um discurso religioso, a partir do qual o candidato Jair Bolsonaro elaborou outros para se fazer presente, enquanto sujeito discursivo, nas redes de comunicação. Além de funcionar como *slogan* da propaganda, o primeiro enunciado estabelece relações com outros enunciados de formações distintas, como a segurança pública, a valorização da família, dos professores, das crianças. Cada enunciado mantém-se através de uma rede de relações que constitui os dizeres da propaganda. O enunciado é compreendido na estreiteza e singularidade de sua situação, que determina as condições de sua existência, fixa os limites de maneira justa, firma suas correlações com os outros enunciados, aos quais pode estar ligado, mostra que outras formas de enunciação são excluídas mediante a que é estabelecida.

Outros enunciados que surgem de outros discursos e suas formações estão presentes na produção discursiva através de imagens, como a bíblia com o enunciado “Deus” posto na parte superior esquerda; a seringa com medicamento de castração química para estupradores, como indica a imagem de uma criança sendo assediada por sujeitos que não mostram a face, apenas braços, representando realidades brasileiras que precisam ser combatidas e um preso atrás das grades por ter cometido ato ilícito, representando o discurso do sistema prisional. Enunciados como esses estiveram presentes no discurso do candidato do PSL, durante a campanha eleitoral. Eles mantêm relação com outros enunciados historicamente formados através do discurso religioso, o qual é utilizado para servir de base discursiva para o combate à criminalidade.

Definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consiste em descrever a dispersão dos objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que imperam entre eles, ou seja, formular sua lei de repartição (FOUCAULT, 2008). Ao pensar

sobre o conjunto de enunciados que constitui a propaganda política elaborada pelo aluno 2 (Figura 24) verificamos que a produção discursiva é realizada por meio da inserção do indivíduo em determinadas condições de produção, as quais o levam a vincular-se a discursos que se entrecruzam nas formações discursivas e a tornar-se sujeito. O sujeito do enunciado é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes. Mas esse lugar, em vez de ser definido de uma só vez e de se manter de maneira uniforme ao longo de um texto, varia.

As condições de produção da propaganda produzida pelo aluno 2 aconteceram por meio dos discursos em sua dispersão: da família, da religião, da segurança, que tiveram destaque no período de campanha. Machado (2009) afirma que os discursos são uma dispersão no sentido de que são formados por elementos que não são ligados por nenhum princípio de unidade. O objetivo é estabelecer as regularidades que funcionam como lei de dispersão, ou as formas de sistemas de dispersão entre os elementos do discurso para se obter uma forma de regularidade. Trata-se de formular as regras capazes de reger a formação dos discursos. Essas regras são as condições de existência de um discurso.

A interdiscursividade, como afirma Fernandes (2008), estabelece correlações entre discursos de distintas formações discursivas a partir do momento em que outros discursos são formados através da presença de enunciados que povoam e constituem esses discursos. A imagem da bandeira nacional presente na produção discursiva indica, mais uma vez, a vinculação do aluno 2 ao discurso do candidato do PSL, pois ele relacionou essa imagem à mudança social. O aluno fez dos enunciados que constituíram o discurso do candidato as condições de produção de seu discurso e as condições de sua produção discursiva. Ao realizar essa inserção nas práticas discursivas do candidato, o aluno constitui-se como mais um sujeito desse discurso através de sua instância produtora. Foucault (1996) afirma que essa instância é instaurada durante a elaboração de um texto, através da inserção do sujeito no discurso. Isso nos leva a considerar que o aluno 2 estabeleceu sua instância durante o processo de elaboração texto discursivamente, pois se manteve submerso no discurso do candidato do PSL para poder produzir.

A propaganda elaborada pelo aluno 3 está analisada a seguir.

Figura 25. Propaganda final do aluno 3



Fonte: Acervo do pesquisador

A propaganda política produzida pelo aluno 3 (Figura 25) defende o discurso do PT, disseminado durante o período de campanha em 2018, através da constituição de um novo discurso. Foucault (1996) afirma que a produção do discurso na sociedade é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um número de procedimentos que conjuram seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento, esquivar sua pesada e temível materialidade. A produção discursiva da propaganda acontece por meio desse controle social e discursivo do que pode ou não ser dito para se entrar na ordem do discurso político. Para Candiottto (2010), a ordem do discurso é a articulação de forças que fazem constituir outros saberes legitimados, através dos poderes que regem as relações sociais. O controle que possibilita o discurso dribla o peso e a materialidade de um novo discurso enquanto prática. A propaganda, enquanto discurso, é elaborada a partir das condições sociais e políticas do período, principalmente, as que se referem ao candidato do PT, Fernando Haddad.

O discurso da propaganda (Figura 25) existe mediante regras que são estabelecidas no sistema de formação discursiva, na qual ele acontece como aparição. Conforme Fernandes (2008), a formação discursiva é caracterizada como sendo aquilo que pode ser dito em determinado momento da história em meio as relações sociais. O texto produzido está inserido na formação discursiva que envolve o período eleitoral de campanha à presidência da república de 2018, o que faz do texto uma produção de saberes que se realiza por meio da atuação do indivíduo, o qual se torna sujeito através de sua imersão no discurso político que escolheu. Machado (1981) afirma que o discurso é considerado em sua dispersão de elementos e que pode ser descrito como regularidade, logo individualizado, evidenciado em sua singularidade, o que nos faz considerar a produção do aluno 3 como singular em sua existência.

O sujeito para efetivar a produção atende a procedimentos que estão na esfera do discurso político. Como afirma Foucault (1996), é preciso determinar as condições de funcionamento, é necessário impor aos indivíduos que pronunciam o discurso um número de regras que não permitam que todos tenham acesso a elas. O sujeito é compreendido sob determinações de uma história marcada pela descontinuidade e pelas relações de poder, ele encontra-se submerso nos discursos para poder enunciar e promover o surgimento de outras práticas discursivas (FOUCAULT, 2009).

O discurso é um conjunto de enunciados, constituído de um número limitado, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O enunciado é a base de elaboração da produção discursiva, por garantir a existência dos dizeres em determinada realidade que se apresenta na produção através das movimentações do sujeito.

O enunciado que é usado pelo aluno 3 como *slogan* da propaganda é o nome do candidato do PT, “Haddad”, apresentado em cores que não são as usadas na historicidade do Partido, que o vermelho. Essa prática discursiva do aluno reflete o momento de campanha em que o candidato quis desvincular sua imagem das movimentações de corrupção que o Partido enfrentava no período. Mesmo tendo essa postura, o número 13 aparece na cor vermelha dentro de uma esfera de cor azul, mostrando que a vinculação persiste, mas não de maneira totalizante.

O enunciado que trata da formação escolar está presente através da imagem de um caderno, um lápis e um diploma. Ele reflete o discurso do candidato durante o período de campanha, ao afirmar que só através da educação os brasileiros terão um país melhor para todos. Esse enunciado de escolarização está associado ao que deixa transparecer alguns conflitos da região nordeste. Ele está presente através da imagem do cacto de cor verde e de uma enxada, imagens que fazem referência à região. Esse enunciado traz para a produção realidades de um povo sofrido pelas consequências climáticas da seca, o que ocasiona a ausência de uma agricultura de subsistência para muitas famílias. Essa realidade estaria sendo ameaçada através de práticas da educação escolarizada, por isso o enunciado “Todos pela Educação.” Esse enunciado está relacionado a outro: “Por uma nação Feliz de novo.” Este enunciado faz referência ao período em que o PT esteve no poder e que, para o aluno 3, foi um período em que o povo esteve feliz, diante das práticas que o governo desenvolveu. Podemos afirmar que o referencial de um enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado. Ele define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá a frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.

O aluno 3 apresenta uma vontade de verdade em sua produção discursiva: o PT de volta ao poder. A verdade instaura uma relação de concomitância com aquilo que seria falso. Foucault (1996) afirma que a vontade de verdade é como um sistema de exclusão, o que está dito é considerado como verdadeiro, em detrimento ao que não é apresentado diretamente, mas existe pelo processo de exclusão. O processamento da verdade na propaganda acontece ao ser afirmado que o candidato Haddad é o representante social que possibilita a felicidade ao povo através da educação. Essa propaganda política firma um novo discurso sobre o período de campanha presidencial de 2018, por estar inserida na formação discursiva que compreende aquele momento histórico-social e por associar enunciados que correspondem aos discursos que foram disseminados na ocasião.

As condições de produção da propaganda elaborada pelo aluno 4 são comentadas a seguir.

Figura 26. Propaganda final do aluno 4



Fonte: Acervo do pesquisador

A propaganda do aluno 4 é produzida em um arquivo político que se estabelece entre subjetividades e saberes do período eleitoral de 2018 que são inscritos na ordem da perspectiva, a qual impede que a noção de sujeito se torne visível. O arquivo é um conjunto disperso de acontecimentos que se relacionam arbitrariamente e devem ser compreendidos como enunciados e processos de enunciação. O arquivo é a lei do que pode ser dito, é o sistema que ordena o aparecimento dos enunciados em sua singularidade enquanto acontecimentos, os quais são firmados através de regularidades específicas que ocorrem no âmbito do discursivo (FOUCAULT, 2008).

O enunciado que se firma no desejo de mudança, presente em “Haddad vamos juntos pela mudança” funciona como *slogan* da propaganda. Há uma vontade de verdade: a mudança. É essa verdade que move o aluno e o faz tornar-se sujeito de uma produção textual que se realiza enquanto acontecimento na ordem do discurso político. Deleuze (2005) afirma que há sempre um grupo de enunciados em correlação e mesmo um enunciado sozinho é uma multiplicidade. Dessa forma, não há um enunciado que não suponha outros. O enunciado que trata do desejo de mudança supõe o da união das pessoas em busca da novidade, do novo, que é evidenciado por “somos um só povo em busca do novo” e pela imagem da bandeira do Brasil. Esse enunciado supõe melhores condições de vida para as pessoas na região Nordeste se o PT assumir o poder, que está compreendido em “vamos de 13 para um Nordeste melhor”.

A imagem do cacto, associada à imagem do sol, representa a vegetação da região que sobrevive aos períodos de seca. Essas imagens trazem para a produção enunciados de sofrimentos sociais vividos por pessoas que habitam no Nordeste, e a vontade de melhoria através de políticas públicas. Deleuze (2005) afirma que o enunciado não é de imediato visível, nem se manifesta como uma organização gramatical. O enunciado mobiliza elementos externos para poder existir e só após sua existência é que acontece a significação das comunicações verbais.

A produção discursiva do aluno apresenta significação a partir dos enunciados que dão existência aos saberes. O nível enunciativo firma-se na existência das coisas e dos indivíduos que proporcionam condições para que os enunciados se constituam, ao tempo que os enunciados possibilitam aos indivíduos a construção de práticas discursivas.

Para finalizar nossa análise, vejamos a produção discursiva do aluno 5.

Figura 27. Propaganda final do aluno 5



Fonte: Acervo do pesquisador

Apesar de ser construída nas cores verde e amarelo, a propaganda refere-se ao candidato do PT, Haddad, e isso é evidenciado no 13, número de identificação do Partido, que aparece na cor vermelha, que simboliza o PT.

O enunciado que trata da democracia como bandeira de luta do Partido dos Trabalhadores no período de campanha de 2018 está presente em “por um país democrático” e através da imagem da bandeira do Brasil. Esse enunciado está associado ao do desenvolvimento social expresso através de “o futuro promete progresso!!!” Esses encaminhamentos sociais estão condicionados ao PT, conforme a orientação expressa através de “vote 13”. O enunciado como acontecimento é constituído pelos sistemas que são elaborados na densidade das práticas discursivas, mostrando as próprias condições e domínio do seu aparecimento.

O progresso referido na propaganda está associado à agricultura de subsistência e à escolarização, presentes através das imagens de um trabalhador rural e de um estudante com um livro na mão.

Ao produzir a propaganda, o aluno constitui-se sujeito da produção em determinado tempo e espaço. Foucault (2009) mostra que o sujeito é subjetivado em cada momento pelos discursos e dispositivos que o regem na própria história que é descontínua. Fernandes (2014) afirma que a verdade é uma construção discursiva que se estabelece a partir dos posicionamentos dos sujeitos que operam sobre eles. O aluno 5 produziu a propaganda através do uso de enunciados que circundam o período de campanha eleitoral no Brasil em 2018 e constituem práticas discursivas no âmbito do discurso político. Ele entrou na ordem do discurso para poder enunciar, imergiu no discurso político que caracteriza o período para realizar a produção discursiva através do campo associado em que os enunciados se constituem. Foucault (1996) afirma que o sujeito enuncia de um determinado lugar do discurso e que na dispersão reside a unidade do sujeito e do discurso.

Terminamos nossas análises, não por termos concluído, pois acreditamos que ainda há muito a dizer sobre a produção discursiva, em particular a propaganda política, mas precisamos passar para as nossas palavras finais, que não concluem a discussão, ao contrário, são suscitadoras de outras que entrem nessa ordem do discurso. Novas leituras podem resultar em novas buscas que não foram visíveis ao nosso olhar de analista do discurso. A análise foi construída a partir de produções textuais escolares que retratam o discurso político. Sobre elas, debruçamo-nos para averiguar como é realizada a produção discursiva no ensino de LP através do uso de enunciados constitutivos de discursos. A prática da produção discursiva enfrenta resistência no dispositivo escolar que promove o ensino da língua voltado ao estudo de

nomenclaturas gramaticais e a reprodução de sequências postas em livros didáticos sem reflexões acerca da discursividade que constitui a língua.

PALAVRAS FINAIS

Consideramos um espaço discursivo de difícil atuação, como sujeitos enunciadore que ocupam um lugar de fala através da escrita, a elaboração das considerações finais de um trabalho de pesquisa, até mesmo porque não há um fim a ser vislumbrado e vivenciado no decorrer do olhar percorrendo as linhas elaboradas, mas a abertura para novos saberes e caminhos a serem trilhados por aqueles que aceitam o desafio de entrar na ordem do discurso de onde emana os escritos que tratam da produção discursiva.

Ao propormos a produção discursiva no atual dispositivo escolar, encontramos alunos que se propuseram dispostos a trabalhar práticas de produção textual, devido à ausência de produção de textos na escola, ao tempo que encontramos resistência na própria ordem de organização no ensino da língua que está pautado na decodificação de nomenclaturas da normatização da língua e nas sequências lineares de livros didáticos que não dispõem de tempos e espaços direcionados a reflexões acerca dos usos da língua através de seu próprio caráter discursivo. Como enfrentamento a essa realidade, estabelecemos com os alunos colaboradores momentos de discussão acerca da produção textual inserida nas noções de discurso. Adotamos a concepção de discurso, elaborada por Foucault (1996), que trata a produção do discurso de forma controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que conjuram seus poderes e perigos para poder dominar sua realização aleatória, para também esquivar sua materialidade.

Ao considerarmos essa concepção de discurso e propormos aos alunos a produção da propaganda política, discutimos a importância de entrarmos na ordem do discurso político que foi estabelecido no período de campanha no Brasil em 2018, para sabermos o que poderíamos dizer ou não. Foucault (1996) afirma que não se tem o direito de dizer tudo, nem de falar tudo que se pensa em qualquer circunstância, não podemos falar de qualquer coisa a qualquer momento de nossa enunciação. Essa noção discursiva foi relevante para os nossos estudos e produções, pois ao entenderem que não podiam falar de tudo ou qualquer coisa, os alunos perceberam que para produzir um texto é preciso selecionar o que deve ser dito, e em que condições será dito alguma coisa e para quem, e em que circunstâncias esse alguém irá receber aquilo que se diz, para assim materializar um saber que é produzido por sujeitos do discurso e pelo discurso concebido.

Ao trabalharmos com a propaganda política, tivemos a oportunidade de discutir sua elaboração a partir de enunciados produzidos no entremeio das relações sociais e de poder. Ao inserirmos a noção de enunciado, para obtermos a compreensão dos alunos para poderem

realizar a produção, percebemos que houve um entendimento crítico pelos alunos acerca dos saberes que circulam na sociedade, em particular nos discursos veiculados no período de campanha de 2018. Apresentamos a noção de enunciado de Foucault (2008), que afirma que o enunciado define as possibilidades de aparecimento e de delimitação daquilo que condiciona o sentido da frase e o valor de verdade da proposição. Ao tratarmos do enunciado com essa noção, percebemos que os alunos compreenderam a necessidade de apreensão de enunciados para poder produzir os textos. Após se apropriarem desse conceito, verificamos que o entendimento acerca da produção textual passou a ser evidenciado como uma prática possível e os textos passaram a ter uma verdade de existência na sociedade, o que estabeleceu uma prática de resistência ao que é desenvolvido pela escola a respeito do ensino de normatização da língua.

Ao desenvolvermos os momentos do Plano de Ensino, constatamos que a apreensão de enunciados do período eleitoral de 2018 conduziu os alunos à criticidade social do uso da língua e à base para a produção discursiva. A medida que foram apreendendo e discutindo sobre enunciados e discursos, foram se apropriando de condições de produção da propaganda política. Os alunos perceberam que a reelaboração dos textos produzidos inicialmente era necessária, pois não tinham considerado a noção de enunciados para realizarem a produção dos textos. Os textos foram reelaborados com base em enunciados e discursos socialmente firmados, o que resultou em propagandas políticas discursivas. Os textos reelaborados foram constituídos a partir do desejo de cada aluno em expressar seu conhecimento adquirido sobre a produção discursiva e acerca do cenário político do período de 2018. Foucault (1996) afirma que por mais que o discurso pareça pouca coisa, sua ligação com o desejo e o poder pode ser percebido devido às interdições que o atingem. Os textos produzidos estão inseridos nessas condições sociais de produção, que são estabelecidas historicamente de forma descontínua.

A pesquisa resultou em textos produzidos discursivamente que atendem às exigências da ordem do discurso político, ao qual o pesquisador e os alunos se propuseram a entrar. Os enunciados que construíram os textos constituem discursos políticos do período e outros discursos entrecruzados, visto que o discurso é um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva. Ele é formado por um número limitado de enunciados, os quais podemos afirmar como um conjunto de condições de existência. Conforme Foucault (2008), o discurso não é aquilo que o sujeito pensa, diz e conhece, é um conjunto de enunciados em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É uma rede de lugares distintos que se desenvolve em um determinado tempo e espaço da exterioridade. A partir dessas considerações foucaultianas, podemos dizer que os alunos desenvolveram a função de sujeitos distintos em discursos que entraram na ordem

para poder enunciar e produzir a propaganda política. Ao produzirem as propagandas, estabeleceram a instância de produtores textuais.

Após a aplicação do Plano de Ensino para a produção discursiva, compreendemos que a nossa questão problema: como é realizada a produção discursiva no ensino da língua, foi respondida. Ao realizarem a produção discursiva com base nas contribuições foucaultianas, os textos passaram a ter uma existência social compreendida pelos alunos, que deixaram isso evidente através das propagandas reelaboradas, que comparadas com as produções iniciais mostram o quanto os alunos progrediram discursivamente. Essa apreensão resultou em propagandas que entraram na ordem do discurso político. Percebemos que as propagandas reelaboradas adquiriram uma forma empresarial organizada para influenciar a opinião pública. Os textos apresentaram uma linguagem destinada à massa, que é o objetivo de quem elabora propagandas, intervir na atitude das massas, objetos da opinião, o que resulta na influência de atitudes do ser humano, espaço de interesse de políticos.

Com a reelaboração textual, percebemos que o nosso objetivo foi alcançado, que foi possibilitar a produção discursiva através do emprego de enunciados.

A produção discursiva despertou nos alunos a criticidade acerca do que é dito na sociedade, principalmente, no que diz respeito aos discursos políticos veiculados no período de campanha de 2018. O entendimento de enunciados e discursos trouxe para eles uma nova postura crítica diante do que a escola desenvolve. Por isso, essa prática realizada firma-se como um enfrentamento ao ensino da língua desenvolvido na atualidade, que prima por um ensino estrutural voltado para os conceitos e as nomenclaturas. Acreditamos que práticas discursivas como essa podem contribuir para o ensino da língua e oportunizar aos alunos o desenvolvimento da criticidade diante daquilo que é posto enquanto aprendizagem, por entenderem que os dizeres de conteúdos disseminados estão associados a enunciados e, conseqüentemente, a discursos legitimados nos enfrentamentos sociais na historicidade descontínua, na qual se constituem os sujeitos.

Nossa discussão não se esgota nesses entendimentos, ao contrário, eles mostram que muito há para ser investigado sobre o ensino da língua no plano do discurso, na busca de novas possibilidades de produção discursiva. Encerramos nossas enunciações, na expectativa de que possam suscitar discussões que levem a outros caminhos discursivos.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. In: ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 15-34.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.
- BARROS, D. L. P. Teorias linguísticas do texto e teoria semiótica. In: BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Parma, 2005, p.10-19.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 39-63.
- BAUMAN, Z. Sobre a vida num mundo líquido-moderno. In: BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 7-23.
- BORTONI-RICARDO. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. H. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCN's. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p.15-25.
- BRANDÃO, C. R. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 7-14.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. ver. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.
- _____. O leitor: co-enunciador do texto. In: BRANDÃO, H. H. N. **Polifonia**. N.1 Cuiabá: Editora da UFMT, 1994, p. 85-90.
- BRASIL, M. E. Conhecimentos de Língua Portuguesa. In: BRASIL, M. E. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Ensino Médio**, 2000. p. 15-24.
- _____. Língua Portuguesa. In: BRASIL, M. E. **Base Nacional Comum Curricular: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias no Ensino Médio: competências específicas e habilidades**, 2018. p. 490-516.
- CANDIOTTO, C. Verdade, sujeito e genealogia. In: CANDIOTTO, C. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 45-62.
- COURTINE, J. J. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. Tradução Carlos Piovezani. In SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R.

(Orgs.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos, SP: Claraluz, 2008, p. 11- 19.

_____. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução Cristina Campos Velho Birck et al. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. Tradução de Carlos Piovezani. In: PIOVEZANI FILHO, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. M. O. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos, SP: Claraluz, 2011, p. 145-162.

_____. **Decifrar o corpo. Pensar com Foucault**. Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEBORD, G. A separação consolidada. In: DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução em Português: www.terravista.pt/IlhadoMel/1540_eBooksBrasil.com, 2003. p. 13-27.

DELEUZE, G. Do arquivo ao diagrama. In: DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 13-53.

_____. Um retrato de Foucault. In: _____. **Conversações 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 127-147.

_____. O que é um dispositivo? In: _____. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega/ Passagens, 1996, p. 83-96.

_____. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert ; DELEUZE, Gilles et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DOMENACH, J. M. **A Propaganda Política**. ed. Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook - EbooksBrasil.com. Fonte digital: www.jahr.org. 2001.

FERREIRA, H. M; VIEIRA, M. S. P. Multimodalidade, leitura e escrita: novas práticas de letramento. In: CANO, M. R. O. (Org). Coleção: **A reflexão e a prática no Ensino Médio v. 1 - Língua Portuguesa – sujeito, leitura e produção**. São Paulo: Blucher, 2018. p. 109-124.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

FERNANDES. C. A. Em Foucault, o sujeito submergido no discurso. In: PIOVEZANI, C; CURSINO, L; SARGENTINI, V. (Orgs). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos, SP: Edufscar, 2014. p. 107-124.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.

_____. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis, SP: Vozes, 1978.

_____. **História da loucura.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A ordem do discurso.** 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 276.

_____. **Diálogo sobre o poder. Ditos e escritos. Estratégias, Poder-Saber.** MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

_____. **A Arqueologia do Saber.** 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Microfísica do poder.** 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. O sujeito e o poder. In: HUBERT L, D; PAUL, R. **Michel Foucault. Uma Trajetória Filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. ver. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Coleção Biblioteca de Filosofia. Coordenação editorial: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 273-295.

GERALDI, J.W. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In: GERALDI, J.W. **Portos de passagem.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 115-217.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

GRAF, M. G. **Propaganda de lá para cá.** São Paulo: Ibrasa, 2003.

GREGOLIN, M. R.V. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. (Org). **Teorias linguísticas:** problemáticas contemporâneas. Uberlândia, MG: EDUFU, 2003. p. 21-34.

_____. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, B. **Bakhtin:** outros conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2006. p. 33-52.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Revista **Comunicação, Mídia e Consumo.** São Paulo: v. 4, nº. 11, 2007, p.11- 25.

_____. Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V; CURCINO, L; PIOVEZANI, C. (Orgs.) **Discurso, Semiologia e História.** São Carlos, SP: Claraluz, 2011. p. 83-106.

ISER, W. **O ato de leitura:** uma teoria do efeito estético. v.1. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, V. **Mídia**: Crise política e poder no Brasil. São Paulo: PerseuAbramo, 2006.

LUPETTI, M. **Planejamento de comunicação**. São Paulo: Futura, 2000.

MACHADO, R. Epistemologia, arqueologia, genealogias. In: MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio Janeiro: Zahar, 1981. p. 103-130.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MALANGA, E. **Publicidade**: uma introdução. São Paulo: Edima, 1987.

MARTINS, Z. A propaganda. In: MARTINS, Z. **Propaganda é isso aí!**. São Paulo: Futura, 1999. p. 35-48.

MILANEZ, N. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. Maringá, PR: **Acta Scientiarum**. Language and Culture. v. 35. nº.4, 2013. p. 345- 355.

_____. O corpo é um arquipélago. Memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. **Estudos do Texto e do Discurso**. Mapeando Conceitos e Métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p.153-179.

_____. A “**Casa de Usher**” de Roger Corman: o campo de memória e o cromático-discursivo no discurso fílmico. Uberlândia, MG: Let & Let, v. 28. nº 2, 2012, p. 579-590.

MOREIRA, H; CALEFFE, L. G. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. 2. ed. Rio Janeiro: Lamparina, 2006.

PEREIRA, T. M. A. **O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático**: o corpo em cena nas capas da revista veja. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2013. 203 f.

PINHO, J. B. **Propaganda Institucional**: usos e funções da propaganda em relações públicas. São Paulo: Summus, 1990.

RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In.: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Os Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROUANET, S. P. A gramática do homicídio. In: **Foucault, M.** et al. O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 91-139.

APÊNDICES

**PLANO DE
ENSINO**

PARA

**A PRODUÇÃO
DISCURSIVA DA
PROPAGANDA POLÍTICA**





UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA PROPAGANDA POLÍTICA

Elaborado por

Ferdiramar Farias Freitas

Coordenado por

Prof^ª Dr^ª Tânia Maria Augusto Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba

CAMPINA GRANDE – PB

2020

ORGANIZADORES

FERDIRAMAR FARIAS FREITAS - AUTOR



Possui graduação em Letras pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde. (2005) e especialização em Programação de Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco (2008). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. É professor efetivo da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e atualmente é Diretor Escolar da Escola Monsenhor José Kehrlé – Arcoverde-PE.

TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA – COORDENADORA DO PROJETO



Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração em Linguística e práticas sociais, dentro da linha de pesquisa Discurso e sociedade. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Professora efetiva do Departamento de Letras e Artes (DLA) e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba. Desenvolve pesquisas no campo da Análise do Discurso francesa, que contemplem a produção e circulação de diferentes discursos (midiático, publicitário, escolar e outros discursos do cotidiano), procurando verificar a constituição e o funcionamento dos diversos dizeres que circulam na sociedade, entrelaçados em uma rede dialógica de saber-poder. Contato: taniauepb@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

Prezado professor, ao questionarmos como é realizada a produção discursiva, fomos motivados a desenvolver uma pesquisa científica na 3ª série do Ensino do Ensino Médio da Escola Estadual Amaro Lafayette, localizada na cidade de Sertânia-PE. Também refletimos sobre a possibilidade de elaborarmos um produto final que pudesse contribuir para uma efetiva aprendizagem, no que diz respeito aos exercícios de produção textual. A nossa pesquisa foi aplicada considerando as contribuições de Foucault (1978), no que se refere ao poder enquanto rede que se estabelece nas relações do cotidiano, nas quais se afirmam os alunos, mediante a busca pela identidade social nas relações do “eu” com o “outro”.

O nosso produto foi este **Plano de Ensino**, considerado como uma possibilidade de realização de ações que compreendem movimentos discursivos voltados para as práticas de produção de textos discursivamente, por discutir a produção através das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos. Consideramos este plano uma prática discursiva, pois apresenta flexibilidade para se efetuar adequações diante de necessidades de aprendizagem da turma na qual ele seja aplicado.

O intuito de trabalharmos com o plano de ensino foi estabelecer condições de realização de atividades discursivas. Isso é possível devido à flexibilidade com que o plano se constitui, por dispor de possibilidades de adequação diante de necessidades de intervenção pedagógica para uma efetiva aprendizagem.

Organizamos o plano em momentos e em aulas com atividades construídas com vistas na produção discursiva. O desenvolvimento das ações é progressivo, o que constitui em práticas para a apropriação do texto proposto para a produção discursiva.

Para a produção, selecionamos a propaganda política, por ser um gênero que articula palavras e imagens e por se constituir em meio as relações de poder do cotidiano. É válido ressaltar que o plano pode ser realizado com qualquer gênero, que seja objetivado pelo professor diante das necessidades de aprendizagem dos alunos.

O plano foi elaborado com base nas concepções de discurso como prática, como um conjunto de enunciados que exerce seu próprio controle, nos procedimentos que funcionam, principalmente, os princípios de classificação, ordenação e distribuição. Consideramos também a noção de enunciado não como uma unidade do mesmo gênero da frase, da proporção ou do

ato de linguagem, mas como algo que possui “esquemas” discursivos próprios na historicidade de sua realização (FOUCAULT, 2008).

As concepções de discurso como prática e a noção de enunciado como unidade básica da análise discursiva apresentam para a produção de textos muitas contribuições, pois trazem uma carga cultural determinada pela historicidade das movimentações sociais que o sujeito faz ao realizar suas comunicações, o que torna o gênero produzido uma expressão do cotidiano real desse sujeito.

A escolha da propaganda deu-se pelo fato de ser uma representação de movimentações discursivas que levam o estudante a refletir o papel da língua, que é desenvolver habilidades de produção na esfera social. Um outro ponto que consideramos foi o fato de termos vivenciado um período de eleições para presidente da república, o que torna a produção efetiva diante das condições de produção dos textos. O plano pode ser elaborado para qualquer gênero que necessite de apreensão pela turma, o que irá proporcionar práticas discursivas. O gênero escolhido para a realização dos trabalhos de pesquisa é constituído por enunciados que se manifestam através de palavras e/ou imagens e constituem as realidades sociais que edificam os sujeitos e por estes são disseminados.

A respeito do Plano de Ensino, não consideramos ser o único caminho para desenvolver as habilidades de produção através de elementos discursivos, mas sim uma sugestão de etapas e procedimentos que podem ser oportunos para a produção discursiva nos trabalhos com a língua materna.

Antes de compor as etapas do plano, realizamos uma atividade diagnóstica através de um questionário, que buscou conhecer as práticas de produção de textos na sala de aula e saber as noções de discurso que os colaboradores detinham no emprego da língua. Percebemos que a produção era tida como redação, um fim em si, e que o entendimento de discurso que se tinha era apenas como o discurso político, cristalizado pelos embates na disputa pelo poder público. Frisamos que esse questionário é dispensado ao professor que lecione e conheça os níveis de aprendizagem da turma em relação ao texto que se pretende produzir, caso contrário ele se faz necessário.

O plano foi organizado através do **primeiro momento** que consiste na *apresentação das condições de produção*, que possibilita aos alunos as informações necessárias para que conheçam a prática discursiva objetivada e as linguagens que serão relacionadas. O **segundo momento** que consiste em uma *produção inicial dos trabalhos*, que permite que o pesquisador tenha acesso aos conhecimentos construídos previamente pelos colaboradores no dispositivo escolar e/ou no cotidiano de outras vivências sociais. A partir dessa produção o professor

planeja e elabora ações que venham a ampliar os saberes. E os demais momentos que são constituídos por várias atividades ou exercícios que visam trabalhar o texto de forma discursiva. Ressaltamos que não há uma quantidade específica de momentos de um plano de ensino. O último momento deve ser considerado pelo desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, naquilo que foi planejado pelo professor para o ensino.

As atividades apresentadas não são consideradas como únicas na composição dos momentos, mas estão em caráter de sugestão, podendo o professor adequar a sua realidade discursiva, visando a efetivação da aprendizagem.

O Plano de ensino detém sua importância para trabalhar a produção discursiva, pois através dele o professor elabora intervenções que contribuem para práticas efetivas de uso da língua e estabelece a construção do conhecimento, por meio de ações progressivamente aplicadas. Sustentamos a ideia de produzir textos na dimensão do discurso através do Plano de ensino, por entendermos que os textos passam a manifestar dizeres reconhecidos na historicidade das práticas sociais, por serem elaborados através de enunciados constituídos nas relações de poder da sociedade.

Este **Plano de Ensino** destina-se às aulas de Língua Portuguesa, especificamente, aos estudantes da 3ª série do Ensino Médio, para um total de 10 (dez) aulas, cada uma com 50 minutos de duração.

Os autores

OS MOMENTOS DO PLANO DE ENSINO

“O referente de um enunciado é o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos [...] define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.” (FOUCAULT, 2008, p. 103)

1º MOMENTO

Apresentação do texto e das condições de produção – Professor, apresente o gênero a ser produzido e passe as informações sobre as condições que envolvem a prática discursiva a ser trabalhada, a finalidade e as linguagens a serem utilizadas.

2º MOMENTO

Professor, solicite uma **produção de inicial dos trabalhos do gênero a ser produzido**, que permite o acesso aos conhecimentos construídos previamente pelos colaboradores no dispositivo escolar e/ou no cotidiano de outras vivências sociais. Partindo das informações adquiridas dessa produção, inicie a elaboração dos demais momentos que irão desenvolver a produção discursiva que se pretende.

**3º
MOMENTO**

Professor, organize as aulas através de estudos para trabalhar o gênero a ser produzido (em nossa pesquisa foi a propaganda política). Esses estudos têm o objetivo de fazer os alunos compreenderem os enunciados que podem fazer parte da articulação do texto. Por isso, entregue alguns textos aos alunos para que possam compreender suas elaborações discursivas e sociais, sempre discutindo os pontos observados com a sua orientação.

**4º
MOMENTO**

Professor, abra uma discussão com os alunos sobre a importância de **reelaborar o texto produzido** no segundo momento, a **produção inicial dos trabalhos do gênero a ser produzido**. Mostre que a reelaboração é a oportunidade que o produtor de textos tem para rever os pontos que precisam ser ajustados, considerando as orientações que foram realizadas nas aulas do terceiro momento.

**5º
MOMENTO**

Professor, proponha uma produção discursiva que resulte da reelaboração realizada no quarto momento e de todas as orientações dadas no terceiro momento. Enfatize que a produção discursiva precisa ser compreendida como um processo discursivo que requer ajustes para atender aos propósitos discursivos do sujeito. Nessa prática, os alunos devem perceber a presença de enunciados na realização do texto e do discurso.

APRESENTAÇÃO DO GÊNERO E DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

PROCEDIMENTOS DA PRÁTICA DISCURSIVA

Professor, inicie essa prática conversando com os alunos sobre os diversos textos que são constituídos na sociedade para estabelecer um caráter de existência. E que eles existem através dos enunciados que os elaboram na historicidade dos acontecimentos. Após isso, apresente o gênero a ser trabalhado, neste plano a propaganda política, em uma tela de projeção e/ou impresso para que os alunos possam visualizar a sua organização, relação de palavras e imagens. Peça para eles observarem todos os detalhes que estabelecem dizeres no texto. Essa apresentação pode ser de várias propagandas políticas. Em seguida, estabeleça com a turma as condições em que o texto será produzido, as relações de poder na sociedade, o período, a finalidade da produção e as linguagens a serem utilizadas. Aproveite o momento para fazer um estudo acerca dos fatos histórico-sociais que circundam o período para relacionar com a historicidade dos enunciados que irão constituir o texto.

Elementos a serem considerados para a prática discursiva!

Objetivo: Conhecer o gênero a ser produzido e compreender as condições histórico-sociais de produção.

Justificativa: Os textos mantêm referência a contextos do cotidiano de determinado período histórico-social. Dessa forma, é necessário que os alunos conheçam o gênero a ser produzido e sua realidade social de existência para estabelecer relação com os enunciados que irão compor esse o texto.

Conteúdo: Produção discursiva


Atividade: apresentação e análise do gênero a ser produzido e compreensão das condições de produção.

Recursos: Datashow, tela de projeção e/ou textos impressos

Duração: 1 aula (50 min)

Orientação!

Este questionário de diagnóstico pedagógico é necessário, caso você professor não conheça as práticas de produção de textos da turma

**QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO**

1 - Você entende por produção textual?

2 - Você faz/fez produções textuais na sala de aula?

SIM NÃO

3 - Você tem conhecimento sobre como produzir um texto?

SIM NÃO

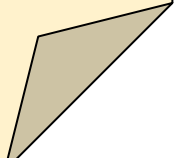
4 - Você considera importante a produção textual ser trabalhada no ensino de Língua Portuguesa?

SIM NÃO

5 - Você conhece o significado da palavra discurso?

SIM NÃO

Caso sua resposta seja afirmativa, qual o significado que você atribui à palavra?



PRODUÇÃO INICIAL DOS TRABALHOS DO GÊNERO A SER PRODUZIDO

PROCEDIMENTOS DA PRÁTICA DISCURSIVA

Professor, inicie essa prática discutindo com os alunos que é necessário que você tenha acesso aos conhecimentos previamente construídos por eles na escola e/ou através de outras realidades discursivas sobre o gênero a ser desenvolvido e que para isso a melhor forma é através de uma produção. Explique aos alunos que a partir dessa produção, você irá planejar e elaborar as práticas a serem realizadas por eles e orientadas por você, em relação à produção discursiva da propaganda política. Oriente os alunos a usarem a criatividade dentro das condições estabelecidas através dos recursos apresentados.

Professor, essa prática pode ser para qualquer outro texto a ser produzir!



Elementos a serem considerados para a prática discursiva!

Objetivo: Produzir um gênero referente ao que se pretende desenvolver para oportunizar ao professor acesso aos conhecimentos previamente construídos pelos alunos sobre o mesmo gênero.

Justificativa: O professor, antes de dar início ao planejamento e à elaboração das práticas a serem construídas, precisa ter acesso aos saberes dos alunos para que sua ação seja eficaz ao possibilitar práticas que venham a desenvolver esses conhecimentos através de novas aprendizagens.

Conteúdo: Produção discursiva

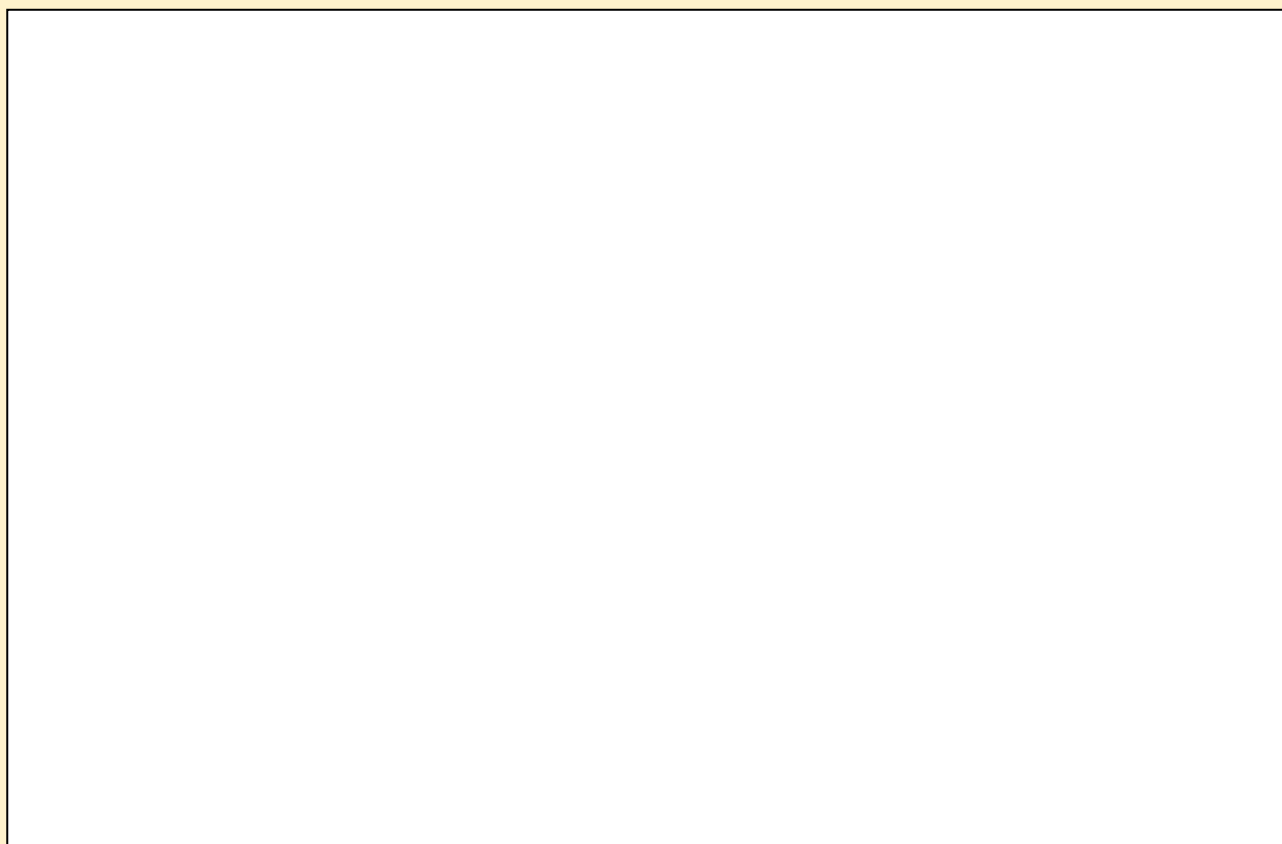
Atividade: Produção discursiva da propaganda política.

Recursos: Atividade xerocopiada, lápis grafite e de cor.

Duração: 1 aula (50 min)

ATIVIDADE DISCURSIVA

A partir de suas leituras e com base nos conhecimentos construídos durante o período de campanha do segundo turno, em 2018, dos candidatos à presidência da República, produza uma **propaganda política**.



Professor, a partir dessa produção, faça um estudo acerca das habilidades que foram apresentadas, nesse momento, objetivando conhecer as dificuldades dos alunos sobre o gênero em discussão para poder planejar e elaborar as práticas que venham a contribuir com a aprendizagem.



TRABALHANDO O GÊNERO A SER PRODUZIDO

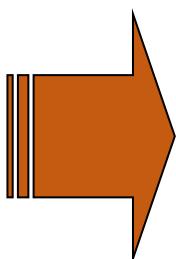
PROCEDIMENTOS DA PRÁTICA DISCURSIVA

Professor, inicie essa prática discutindo com os alunos que você e eles irão vivenciar algumas aulas, organizadas em estudos, para trabalhar o gênero a ser produzido. Informe que essas aulas tem o objetivo de conhecer, compreender e discutir o texto em referência, através das linguagens que são articuladas por meio dos enunciados que se fazem presentes, devido às condições estabelecidas, e pelas movimentações do sujeito produtor. Cada estudo, professor, tem como base um texto, uma propaganda impressa e/ou em audiovisual para que juntos possam estabelecer estudos e discussões acerca das realidades discursivas que estão presentes e das pretensões sociais que as mesmas externam nas relações de poder.

Professor, em cada aula, para cada estudo de um texto, você deve realizar os questionamentos discursivos apresentados na próxima página!



Pautamos a nossa pesquisa nos dizeres de Foucault (1996), no que diz respeito ao discurso e à historicidade dos enunciados para a produção de textos, refletimos com Machado (1981, p. 124), quando afirma que “[...] o poder produz; ele produz real; produz domínios de objeto e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter dizem respeito a essa produção.” **Caro professor**, a produção discursiva acontece nesses domínios do poder, ela é elaborada nas disputas pelos lugares sociais que o sujeito vislumbra no processo de sua constituição. Dessa forma, as aulas de estudo do gênero escolhido para ser produzido precisam acontecer nessa dimensão através de discussões contínuas, pois os alunos entram em condições de produção específicas, diante do que se pretende com o texto a ser produzido, para uso das linguagens no cotidiano social.



Elementos a serem considerados para a prática discursiva!

Objetivo: Compreender as dimensões histórico-sociais em que cada texto está inserido e articular as condições do texto a ser produzido; identificar e entender os enunciados que constituem cada gênero, propaganda política, através do entrelaçamento discursivo das palavras e das imagens; perceber os textos como discurso do cotidiano e inserir o texto a ser produzido nessa dimensão.

Justificativa: Os alunos precisam compreender os textos como discursos instaurados nas relações do cotidiano, bem como perceber os enunciados que fazem os textos existirem e externarem dizeres. Ao realizarem estudos do gênero a ser produzido, os alunos inserem-se em discursos específicos e passam a entender o entrelaçamento de enunciados que os constituem. Isso faz das aulas importantes momentos de aprendizagem sobre a produção discursiva.

Conteúdo: Produção discursiva

Atividade: Estudo de textos da propaganda política, com ênfase no discurso e nos enunciados através da discursividade entre palavras e imagens.

Recursos: Textos impressos e/ou em audiovisual – para os textos em audiovisual usar datashow, tela de projeção e equipamento de som – quadro e pincel se houver necessidade de explanação por escrito.

Duração: 3 aulas (50 min cada) organizadas em estudos.



Para essa prática utilizar os questionamentos discursivos! Página 14.

QUESTIONAMENTOS DISCURSIVOS

Machado (1981) afirma que o que se busca é firmar regularidades que funcionem como lei da dispersão, ou elaborar sistemas de dispersão entre os elementos do discurso como uma forma de regularidade. Em outras palavras, trata-se de formular regras capazes de reger a formação dos discursos.

- ✓ Quais são as condições histórico-sociais de produção;
- ✓ Quais são os enunciados que constroem o texto – a propaganda;
- ✓ Quais são as relações de poder em que esses enunciados se constituem?
- ✓ Qual é o discurso que se materializa como prática?
- ✓ Quais são as realidades exteriores que se firmam no texto através do entrecruzamento discursivo?
- ✓ Que sujeito o/a produziu?
- ✓ Para quem produziu?
- ✓ Com que finalidade?
- ✓ O que o texto/discurso diz socialmente?

Caro professor, ao fazer esses questionamentos, o aluno começa a compreender a dimensão discursiva da produção, o que o leva a entendê-la como uma prática e não como uma redação em si. É preciso conduzir os alunos a perceberem essa discursividade e, conseqüentemente, a elaboração dos discursos no cotidiano em meio as relações do poder. Ainda é válido afirmar que ao fazer uso desses questionamentos, na realização das práticas de produção, o texto passa a ter uma existência legítima para o sujeito que o elabora.



ESTUDO 01



Cada aula, organizada através de estudos de entendimento do texto, da propaganda política, a ser produzido, deve ser conduzida através dos questionamentos discursivos apresentados na página 14.

Print da imagem do segundo vídeo abordado no módulo 2 da SD



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oEuz6ehxojc>

(O vídeo apresenta-se como uma propaganda política do candidato do PT, Haddad, veiculada durante o segundo turno da corrida presidencial).

ESTUDO 02 –

Print da imagem da propaganda-vídeo abordada no módulo 2 da SD



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-hOiSrt9VHw>

(A propaganda em formato de vídeo foi elaborada pelo grupo de campanha do candidato Jair Bolsonaro no período de campanha).

ESTUDO 03 –

Imagem de propaganda política para realização de estudo



Fonte: <https://www.google.com.br/search?biw=1206&bih=649&tbm=isch&sa=1&ei=EBrFW8btLYSFwgS9lo7oAg&q=slogan+de+haddad+na+campanha+presidencial#imgrc=vwraNrRkjXVdLM>

ESTUDO 04

Imagem de propaganda política para realização de estudo



Fonte: <https://www.google.com.br/search?biw=1206&bih=649&tbm=isch&sa=1&ei=IhjFW4LcJo39wATq1qCwDA&q=slogan+de+bolsonaro+para+o+2%C2%BA+turno>

Professor, cada um desses estudos compõe o total das 03 (três) aulas planejadas para o 3º momento do plano de ensino. É importante frisar que esses estudos podem ser em quantidade maior, caso sejam necessários, o que deve ser considerado é a aprendizagem dos alunos acerca da dimensão discursiva que concebe o gênero.

REELABORAÇÃO DISCURSIVA

PROCEDIMENTOS DA PRÁTICA DISCURSIVA

Professor, inicie essa prática discutindo com os alunos o caráter discursivo dos textos, uma ação construída no 3º momento deste plano. Enfatize com eles que os enunciados constituem os discursos e, conseqüentemente, os textos. Evidencie também que a descontinuidade da história, conforme Foucault (1996), torna os acontecimentos dinâmicos e sempre revisitados pelo sujeito no presente através de suas ações discursivas. Por isso a reelaboração dos textos é necessária, o objetivo é firmar cada enunciado que constitui o discurso produzido pelo aluno. Entregue os textos elaborados pelos alunos na produção inicial dos trabalhos do gênero a ser produzido, neste caso a propaganda política, e solicite que façam análises do que foi produzido com base nas aprendizagens adquiridas ao longo das aulas. Ao realizarem essa prática, eles percebem que há uma necessidade de firmamento dos enunciados, de atender a certas exigências para que o texto entre na ordem do discurso proposto. Essas análises conduzem-nos a uma produção discursiva que resulta dessa reelaboração, que é uma produção que se insere na dimensão do social através das relações de poder.

Elementos a serem considerados para a prática discursiva!

Objetivo: Estabelecer os enunciados através da reelaboração para que o texto entre na ordem do discurso.

Justificativa: Professor, para que o texto produzido entre na ordem do discurso proposto é preciso que os enunciados estejam firmados através da reelaboração discursiva, o aluno analisa e confirma cada elemento do texto, se deve permanecer, ser alterado, ou mesmo retirado. Esse momento é de muita importância, pois possibilita ao aluno a oportunidade de ajustar os dizeres do texto para que o discurso seja estabelecido.

Conteúdo: Produção discursiva

Atividade: Reelaboração discursiva

Recursos: As produções iniciais dos trabalhos do gênero a ser produzido.

Duração: 1 aula (50 min)

PRODUÇÃO DISCURSIVA APÓS A REELABORAÇÃO

PROCEDIMENTOS DA PRÁTICA DISCURSIVA

Professor, inicie essa prática afirmando aos alunos que este é o momento de produzirem um texto que atenda a certas exigências discursivas para que ambos entrem na ordem do discurso proposto. Mostre que para isso eles devem considerar as conclusões que chegaram no momento da reelaboração. Eles devem estabelecer os enunciados que se manifestam através de palavras e imagens e assim constituir o texto, conseqüentemente, o discurso. Oriente os alunos acerca da importância de considerarem todas as aprendizagens construídas ao longo de todo o percurso estabelecido por você em conjunto com eles e que todo e qualquer texto produzido, bem como o discurso, acontece nas dimensões do poder, nas quais as práticas do cotidiano se constituem. Por isso o gênero resultante dessa produção deve ser um conjunto de dizeres que socialmente é reconhecido como um discurso.

Elementos a serem considerados para a prática discursiva!

Objetivo: Produzir um texto, uma propaganda política, que entre na ordem do discurso através da elaboração discursiva de seus enunciados.

Justificativa: Professor, este momento é muito importante, pois o aluno tem a oportunidade de corrigir possíveis equívocos ocorridos na produção inicial e, principalmente, de expressar as aprendizagens que adquiriu durante todas as práticas que resultam em uma produção discursiva.

Conteúdo: Produção discursiva

Atividade: Produção discursiva

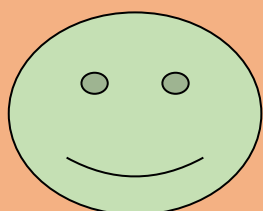
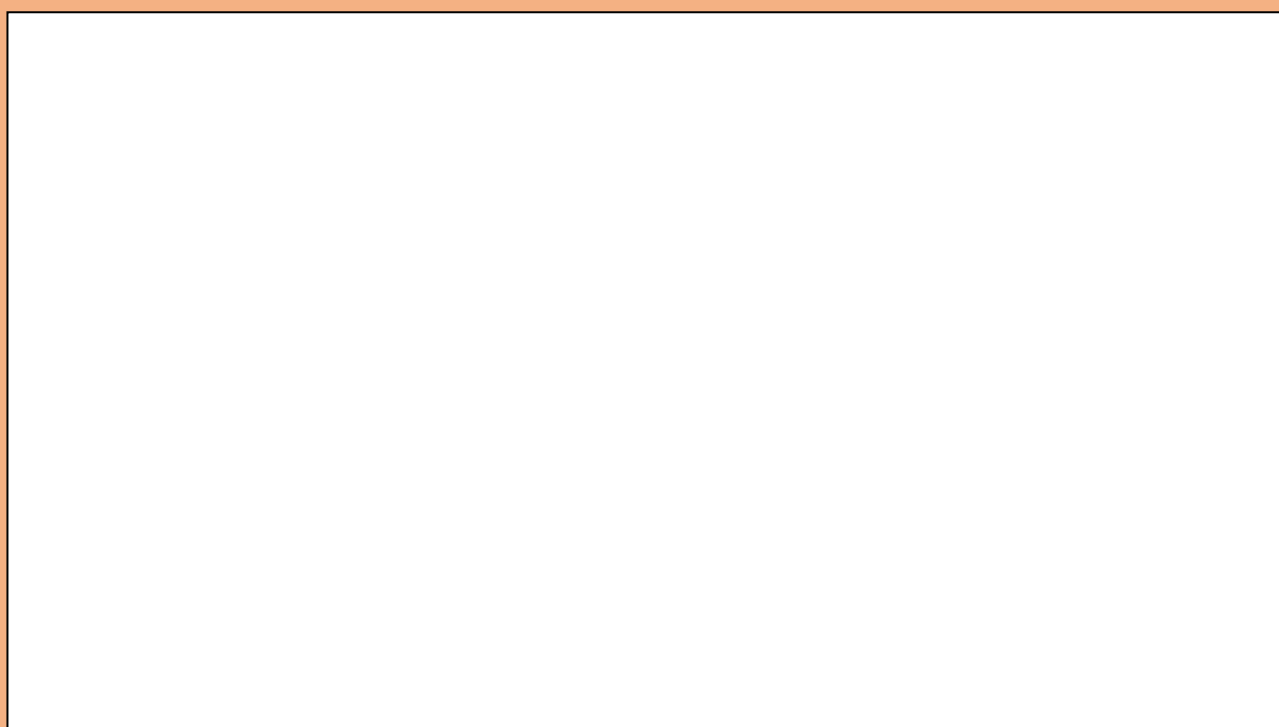
Recursos: Atividade xerocopiada contendo as orientações de solicitação da produção discursiva e o espaço destinado à produção, lápis grafite e de cor

Duração: 1 aula (50 min)

ATIVIDADE

PRODUÇÃO DISCURSIVA DA PROPAGANDA POLÍTICA

Caro estudante, a partir de suas aprendizagens sobre enunciado, texto e discurso, construídas ao longo dos momentos desenvolvidos em sala de aula e de seus conhecimentos a respeito do período de campanha eleitoral, em 2018, dos candidatos à presidência da República, no momento de segundo turno, elabore uma produção discursiva que constitua uma **propaganda política**.



Prezado professor, este plano de ensino foi construído e desenvolvido para a produção discursiva de uma propaganda política em uma turma de 3ª série do Ensino Médio. É válido ressaltar que ele é flexível e pode ser adaptado para qualquer ano/série e para a produção de qualquer gênero, desde que as linguagens também sejam adequadas às condições de produção.

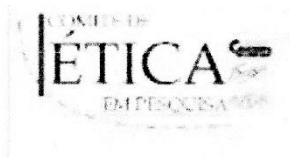
REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MACHADO, R. Epistemologia, arqueologia, genealogias. In: MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio Janeiro: Zahar, 1981. p. 103-130.

ANEXOS



CENTRO DE ENSINO
SUPERIOR E
DESENVOLVIMENTO-



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INCORPORAÇÃO DE SABERES DA ANÁLISE DO DISCURSO AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ÊNFASE NA PRODUÇÃO TEXTUAL

Pesquisador: Ferdiramir Farias Freitas

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 04064018.4.0000.5175

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.117.457

Apresentação do Projeto:

A produção textual no ensino de Língua Portuguesa, enquanto prática social, necessita de bases teórico-metodológicas que estabeleçam concepções e procedimentos para essa produção, que concebam essa prática como processo de enunciação do sujeito. Os saberes sobre o discurso podem trazer, para esse campo, contribuições teórico-metodológicas que venham a situar o sujeito em bases de conhecimento norteadoras para a produção textual. Este projeto tem por objetivos promover o ensino de Língua Portuguesa através da prática de produção textual discursiva, apropriando-se dos conceitos teórico-metodológicos do discurso como base para a produção textual.

A pesquisa consiste em identificar o conhecimento dos estudantes colaboradores sobre o discurso e a produção textual e, após isso, promover o ensino de língua portuguesa através da prática de produção textual discursiva. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica na qual serão analisados documentos nacionais, como por exemplo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outros que tratem do ensino de Língua Portuguesa, especificamente, das práticas de produção textual, com o objetivo de averiguar sobre que bases teóricas e metodológicas essas práticas são estabelecidas, para sua efetiva execução em sala de aula.

Ancorada nessa perspectiva, também, serão feitas análises em textos produzidos por 35 discentes colaboradores, com o intuito de averiguar quais teorias e metodologias são concebidas para essas

Endereço: SENADOR ARGEMIRO DE FIGUEIREDO 1901

Bairro: ITARARE

CEP: 58.411-020

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-8857

Fax: (83)2101-8857

E-mail: cep@cesed.br



CENTRO DE ENSINO SUPERIOR E DESENVOLVIMENTO-



Continuação do Parecer: 3.117.457

práticas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Promover o ensino de Língua Portuguesa através da prática de produção textual discursiva, apropriando-se dos conceitos teórico-metodológicos do discurso como base para a produção textual.

Objetivos Secundários:

1. Verificar, nos documentos que orientam o ensino de Língua Portuguesa, especificamente, as práticas de produção textual, as bases teórico-metodológicas em que essas práticas são estabelecidas;
2. Conceber a produção textual como processo de enunciação estabelecido pelo sujeito, a partir do lugar que ocupa no discurso, ao qual o texto a ser produzido está vinculado;
3. Construir uma sequência didática a partir das bases teórico-metodológicas discursivas, especificamente, para as práticas de produção textual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial e sigilosa, no que diz respeito à identidade dos voluntários. No entanto, há um risco de quebra de anonimato. Caso isso venha a acontecer, o pesquisador responsável agirá de forma ética e respeitosa ao desculpar-se e reparar moral e socialmente qualquer desconforto que possa vir a causar aos voluntários. Também pode vir a ocorrer um desconforto ao voluntário que é o de ficar constrangido ao ver seus textos produzidos expostos em sala de aula, pois serão lidos, discutidos e reescritos. Para tanto, caso isso venha acontecer, será resolvido através da conscientização por parte do professor pesquisador diante dos voluntários, a partir do princípio da ética, do respeito ao trabalho de cada voluntário(a) e, principalmente, das concepções pedagógicas que norteiam o trabalho docente, que é primar pelas aprendizagens em seus níveis e condições de efetivação. Isso mostrará a todos que cada um(a) está suscetível ao equívoco e/ou ao uso adequado da linguagem ao contexto de sua materialização, o que vai estabelecer um clima de harmonia e valorizar a construção de conhecimentos acerca da produção textual.

Benefícios:

A pesquisa beneficiará os alunos do Ensino Médio, da Escola Estadual Amaro Lafayette, localizada

Endereço: SENADOR ARGEMIRO DE FIGUEIREDO 1901
Bairro: ITARARE **CEP:** 58.411-020
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-8857 **Fax:** (83)2101-8857 **E-mail:** cep@cesed.br

Continuação do Parecer: 3.117.457

na cidade de Sertânia/PE, com uma sequência didática para o ensino de Língua Portuguesa, especificamente, para as aulas de produção textual. Essa sequência didática será construída a partir das concepções de discurso, sujeito e enunciação, apresentadas por Foucault (2013), considerando os alunos enquanto sujeitos que enunciam de um lugar social, com um determinado discurso, diante de um tema proposto. A pesquisa também promoverá aos docentes de LP uma reflexão acerca do ensino da língua, mais precisamente, das práticas de produção textual, a partir de uma visão discursiva da língua. Os trabalhos voltados para o ensino da língua, em específico, às práticas de produção textual necessitam de reflexão e discussão, por representarem a materialização linguística da enunciação do sujeito, em meio as relações de poder, estabelecidas no discurso.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem relevância acadêmica, uma vez que pode contribuir para promover o ensino de Língua Portuguesa através da prática de produção textual discursiva .

O projeto encontra-se bem estruturado. Termos de apresentação obrigatória, cronograma, orçamento anexados e adequados. Foi descrito de forma detalhada todo o desenvolvimento do estudo.

Com relação aos aspectos éticos os possíveis riscos foram esclarecidos, assim como a forma que serão minimizados. O tcle atende as determinações das resoluções vigentes no Brasil. Nesse sentido o projeto não apresenta óbices éticos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória exigidos foram anexados e estão em conformidade com as resoluções vigentes no Brasil.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise verifica-se que o(a) pesquisador(a) atendeu as pendências éticas vigentes no Brasil: A Resolução 466/12, 510/16 e a norma operacional 0001/13 do C.N.S. que regem as pesquisas que envolvem seres humanos de forma direta e/ou indireta. Dessa forma somos do parecer APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto foi avaliado pelo colegiado, tendo recebido parecer APROVADO. O pesquisador poderá

Endereço: SENADOR ARGEMIRO DE FIGUEIREDO 1901
Bairro: ITARARE **CEP:** 58.411-020
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-8857 **Fax:** (83)2101-8857 **E-mail:** cep@cesed.br



CENTRO DE ENSINO
SUPERIOR E
DESENVOLVIMENTO-



Continuação do Parecer: 3.117.457

iniciar a coleta de dados, ao término do estudo deverá ENVIAR RELATÓRIO FINAL através de notificação (via Plataforma Brasil) da pesquisa para o CEP – CESED.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1256869.pdf	24/12/2018 15:43:23		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisa.pdf	24/12/2018 15:33:27	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimento.pdf	24/12/2018 15:20:08	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleparaospais.pdf	24/12/2018 15:19:49	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleparaosprofessores.pdf	24/12/2018 15:19:10	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
Outros	questionariocoletadedados.pdf	03/12/2018 11:25:58	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
Declaração de Pesquisadores	concordanciacomoprojetodepesquisa.pdf	03/12/2018 11:18:01	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
Declaração de Pesquisadores	compromissodopesquisadorresponsavel.pdf	03/12/2018 11:17:39	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoinstituicionalcoletadedados.pdf	03/12/2018 11:13:08	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizaodeinstituicao.pdf	03/12/2018 11:11:07	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	15/11/2018 01:17:56	Ferdiramar Farias Freitas	Aceito

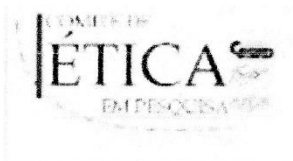
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: SENADOR ARGEMIRO DE FIGUEIREDO 1901
Bairro: ITARARE CEP: 58.411-020
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-8857 Fax: (83)2101-8857 E-mail: cep@cesed.br



**CENTRO DE ENSINO
SUPERIOR E
DESENVOLVIMENTO-**



Continuação do Parecer: 3.117.457

CAMPINA GRANDE, 21 de Janeiro de 2019

**Assinado por:
Rosana Farias Batista Leite
(Coordenador(a))**

Endereço: SENADOR ARGEMIRO DE FIGUEIREDO 1901
Bairro: ITARARE **CEP:** 58.411-020
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-8857 **Fax:** (83)2101-8857 **E-mail:** cep@cesed.br